

PAPELARIA MATHEUS
LIVRARIA E TYPOGRAPHIA
GRANDE VARIEDADE EM LIVROS EM BRANCO
ESTUDO, ROMANCES, ETC.
ENCADERNAÇÕES E CARIMBOS
178, RUA AUGUSTA, 178
LISE OA

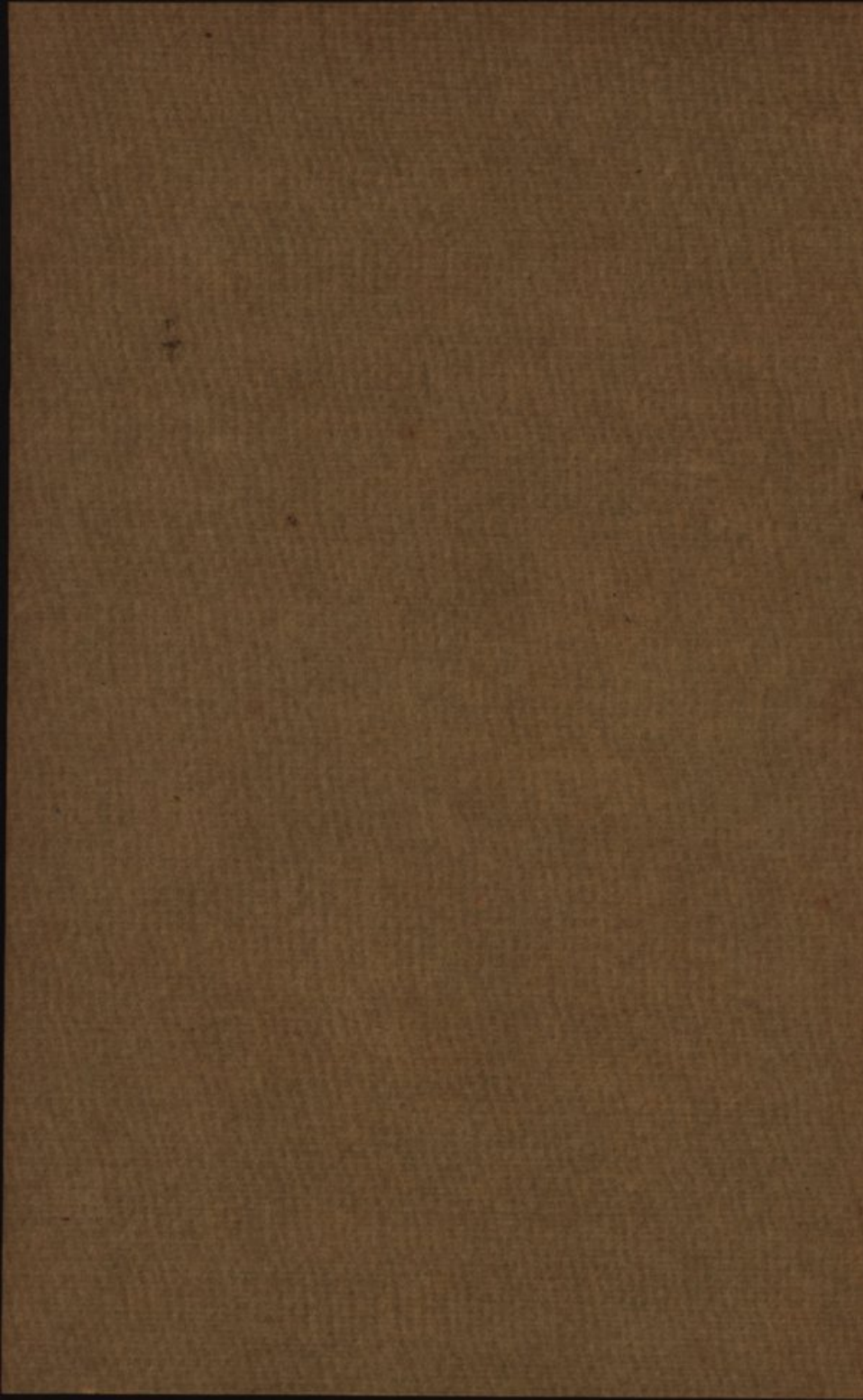
Sala 1

Est. 12

Tab. 4

N.º 30

1504



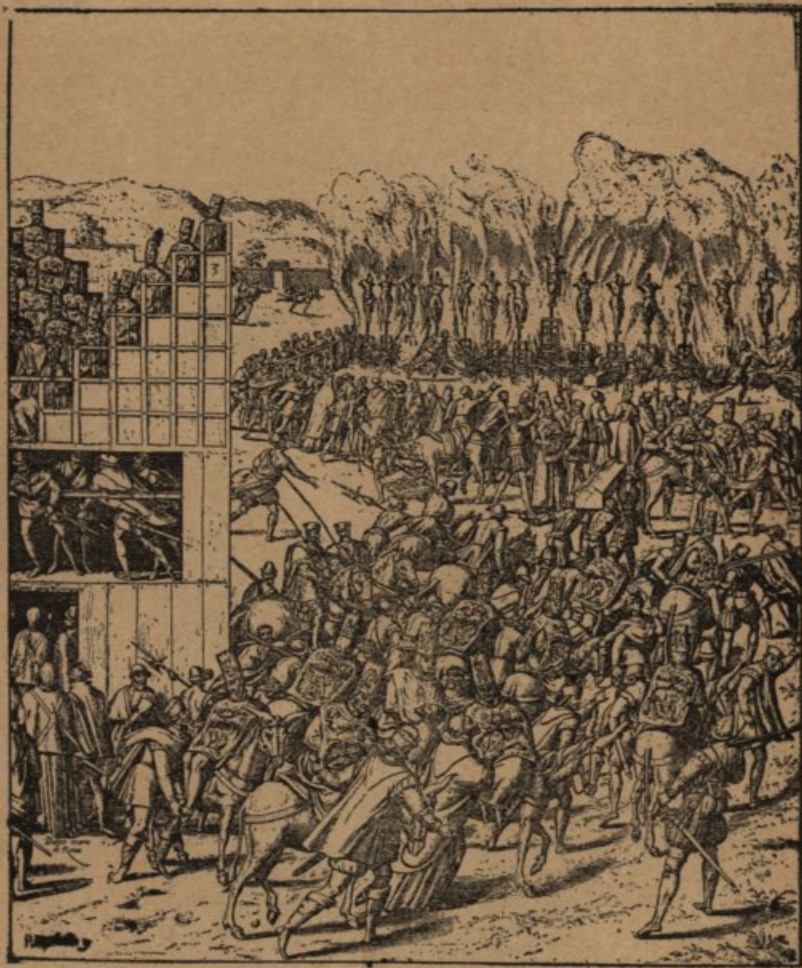
L 36

15046

x/cx

A SCIENCIA E O JESUITISMO

Cartão
João Pereira Rodrigues
X



O AUTO DE FÉ DE VALLADOLID EM 1559
Estampa de Hogenberg.

INV. - N. 2530
A SCIENCIA

E O

JESUITISMO

REPLICA A UM PADRE SABIO

3136

POR

MIGUEL BOMBARDA

SOCIO EFFECTIVO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS, LENTE DE PHYSIOLOGIA
DA ESCOLA MEDICA DE LISBOA,
DIRECTOR DO HOSPITAL DE ALIENADOS EM RILHAPOLLES

Ad incrementum vitae in fratribus meis
et in meipso.

João Pereira Rodas



3.136

LISBOA
PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

(LIVRARIA EDITORA)
50, 52—Rua Augusta—52, 54

1900

A obra, que provocou o presente escripto, veio a publico no *Correio Nacional* com o titulo *EVISCERAÇÃO DA CONSCIENCIA E LIVRE ARBITRIO DO SR. DR. BOMBARDA*. Começou a publicar-se em 22 de abril de 1899, isto é mais de um anno depois do apparecimento do livro criticado, — tempo de sobra para fazer um curso, — e terminou em 22 de setembro, apoz cinco mezes de saboreada satisfação dos leitores do jornal.

Hoje apparece em livro, cujo primeiro volume acaba de ser posto á venda. Traz porém nome de auctor e o titulo vem mudado: *QUESTÕES DE BIOLOGIA — O MATERIALISMO EM FACE DA SCIENCIA...* pelo padre Manuel Fernandes de Santanna, professor no collegio de Campolide. O trabalho tambem não é exactamente o mesmo: ha correccões, accrescentamentos e largas substituições; a introducção, por exemplo, é toda nova e vem em logar do mirabolante amalgama que está no *C. N.*

Eu deveria talvez esperar pela conclusão do livro para saber a ultima palavra do auctor. Mas o espirito em que vem redigido é exactamente o mesmo do trabalho do *C. N.* São as mesmas injurias e as mesmas calumnias a figurarem de debate scientifico. Basta olhar para a introducção, onde por entre palavras de consi-

deração pessoal que não agradeço, se recidiva em graves offensas.

E' a calúnia atroz que ponho em relevo a pag. 45 d'este opusculo, agora entremeiada de ridiculos erros grammaticaes, dos que são communs no povo sem illustração, e que ainda uma vez dão a medida do que valem os arvorados em mestre dos collegios jesuiticos; transcrevo e sublinho:

... Se a morte é doce, *mais suave ainda o é a vida*; a religião materialista não impõe senão um só preceito aos seus adeptos, o preceito «da obediencia do homem á natureza e ás circumstancias» (pag. 347): *Faz* em todas as cousas aquillo a que a natureza te inclinar e as circumstancias te permittirem! (*Loc. cit.*, pag. 15).

E é por outro lado a injuria grave sem sombra de fundamento nos factos como sem sombra de demonstração no livro. Do materialismo diz-se ser uma seita fanatica:

... *Fanatica* pelos processos indignos de ataque—a falsificação dos factos scientificos, a men-

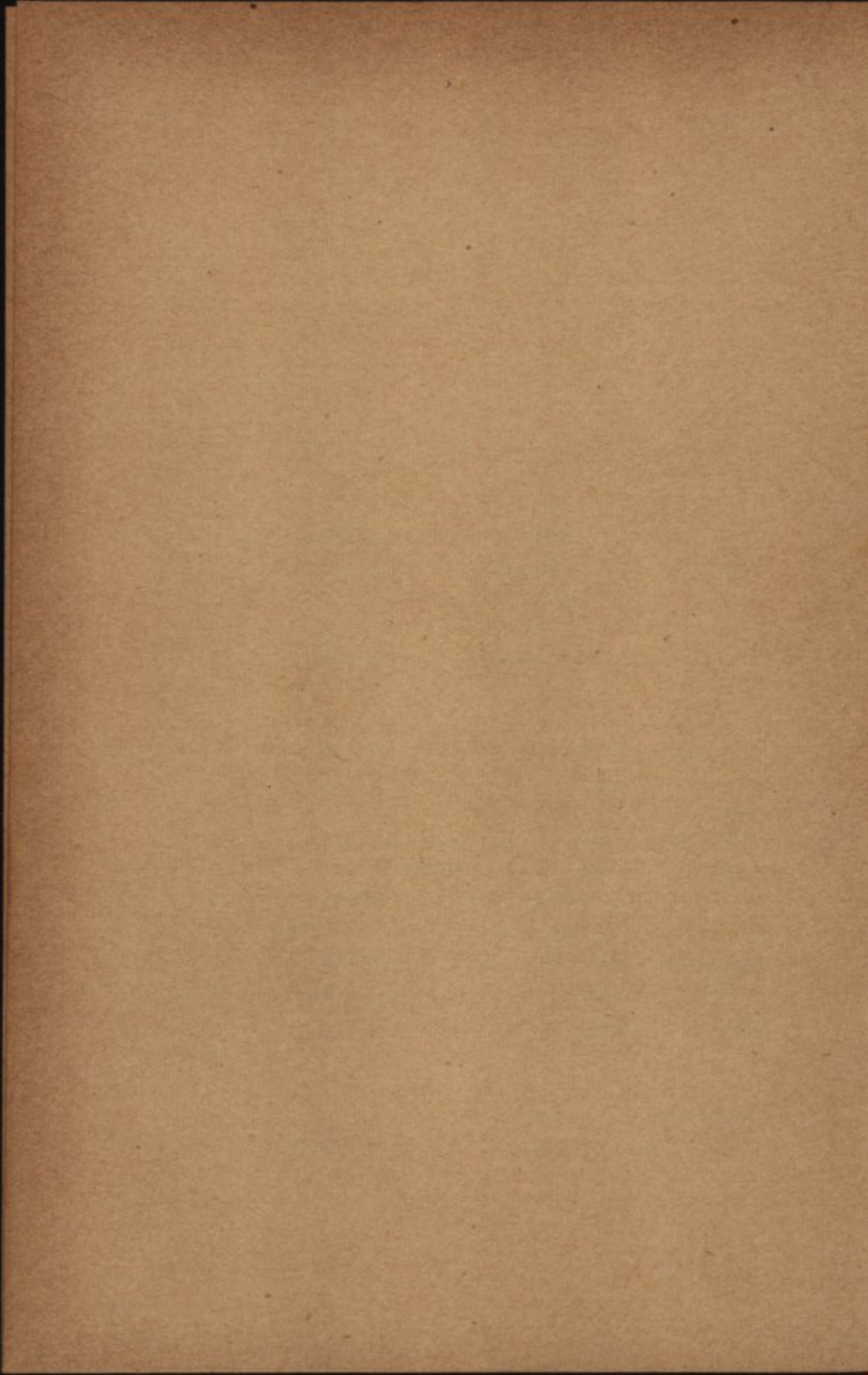
tira, a calúnia, a exclusão systemática e apriorística de quanto se lhe antolha adverso. (*Idem*, pag. 14);

como do auctor da *Consciencia* adiante se escreve:

...nunca o teria eu magoado, se Sua Ex.^a não tivesse primeiro conspurcado a sciencia, a verdade e a virtude. (*Idem*, pag. 26).

Ora, é ao espirito, que se traduz nos trechos transcriptos e que ainda assim não são dos mais duros, que este opusculo responde. Desnecessario era portanto esperar pela conclusão do livro. O 2.^o vol. repetirá o 1.^o, como este repete e agrava a obra publicada no *C. N.*

Desde já se poderá saber, *pelos textos*, onde está a sciencia, a verdade e a virtude.

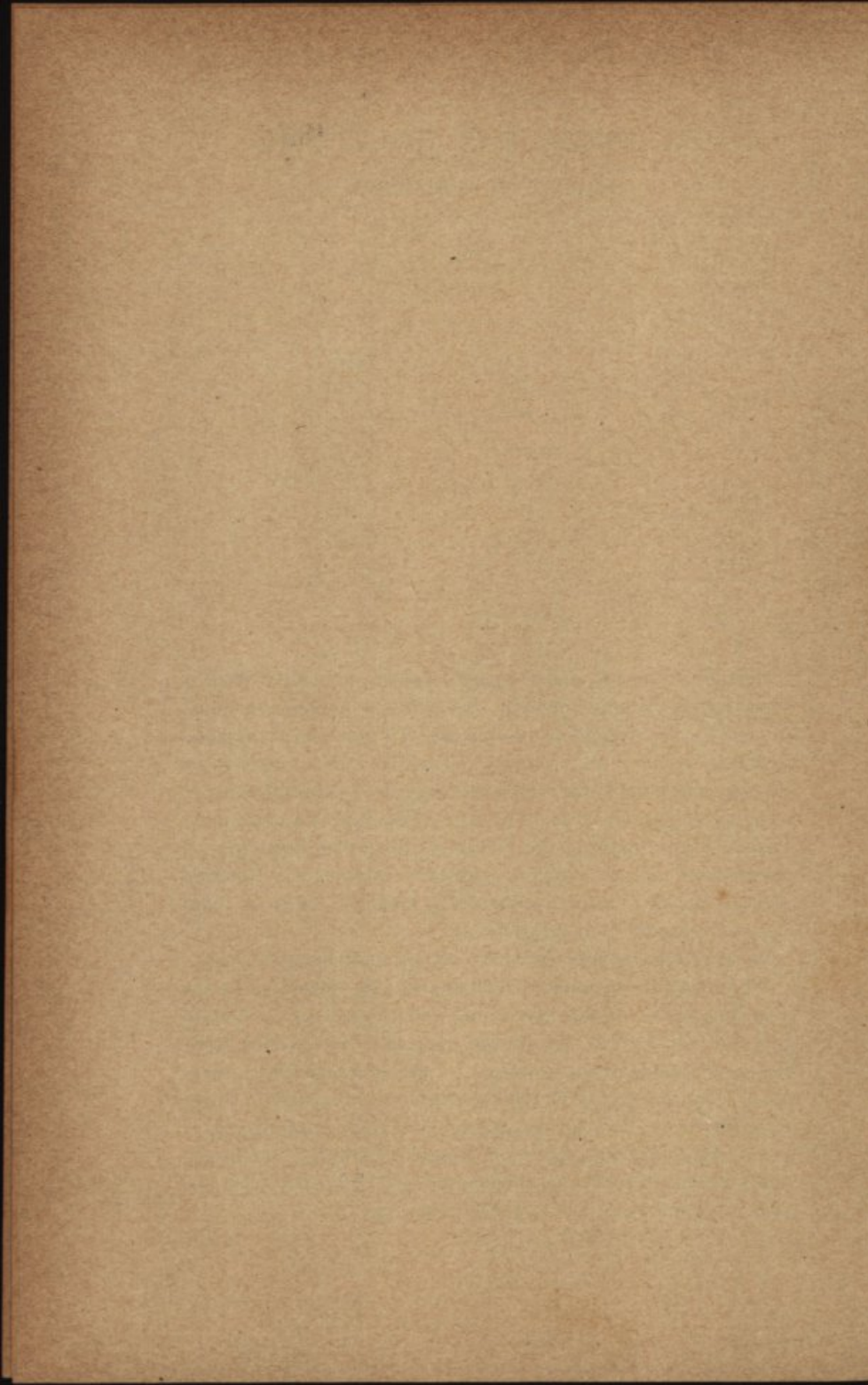


A SCIENCIA E O JESUITISMO

— REPLICA A UM PADRE SABIO —

Manuel Fernandes, padre jesuita, creatura temente a Deus e regalada de virtudes christãs, desfaz-se no *Correio Nacional* em impetuosa fusilaria de insolencias, sob pretexto de combater um livro que a seu momento foi preciso—*A Consciencia e o Livre arbitrio*. É a velha manha theologal de tentar ensurdecer a voz da verdade no tumultuar d'uma disputa reles, atufada de insultos e improperios. Mas é manha que já não illude, que os povos estão entrados n'uma phase de intelligencia bastante aberta para não deixar esmorecer a rasão ao ruido da palavra retumbante e da injuria soez.

Eu não vou responder ao fluxo incontinente que jorra da coroa d'um padre. Da minha penna não sahirão invectivas ou aggressões, que a verdade está muito alta e é muito resplendente para que seja preciso mais do que apontal-a. Vou apenas, serenamente, placidamente, esmiuçar o que ha dentro d'este reverendo, cuja humildade sacerdotal esguicha em bordeleiras provocações, e de caminho escancarar ás multidões esquecidas o que se furta nas dobras, a um tempo mellifluas e tortuosas, d'esta horrada capa do jesuitismo, em que mais uma vez se andam a querer embrulhar os povos e os reis.



AS VERDADES REVELADAS

A historia da sciencia é a historia das cruentas luctas em que, na dôr, na tortura, no martyrio, a verdade foi mil vezes estrangulada pelos defensores ferozes e sanguinarios do ideal catholico. O espirito theoloyal atrásou em mais de mil annos a livre expansão do pensamento e a conquista serena e pacifica dos factos e dos principios que são o progresso da humanidade. Em nome da verdade revelada, que nos livros sagrados fórma a base inflexivel do pensamento theologico, as idéas novas que tentavam vir ao de cima eram repulsadas e suffocadas, — a ferro e fogo, se preciso. O dogma de Santo Agostinho de que «nada deve ser acceito senão pela auctoridade das Escripturas, porque tal auctoridade é superior á de todo o poder do espirito humano», esse dogma, em que a razão se extinguiu subjugada á fé, foi a condemnação á tortura, á prisão e á morte de legiões de espiritos levantados que tentavam desvincillar-se das moles theologaes que os esmagavam.

Por dezoito seculos, a Biblia, que é a arca santa das verdades reveladas, tem sido o terrivel inimigo da libertação do pensamento. A sciencia acabou por esfarrapal-a, mas, hoje ainda! em nome d'el'la se combatem conquistas scientificas, aquellas sobretudo que fatalmente irrompem no vasto dominio das inducções geraes. A historia tem sido longa e crueis ensinamentos tem recebido a Igreja. Mas para nada lhe teem prestado,

que sempre, em todos os tempos e a proposito de todas as questões, a successão dos factos, nas luctas contra a sciencia, segue invariavelmente pelas mesmas phases.

A um periodo de guerra intransigente succede uma era de transacção, em que o espirito theoloyal acaba por confiscar a sciencia em seu proprio proveito. Na sua aurora, a verdade nova é rejeitada em nome das palavras biblicas; gritos de morte se lançam sobre a heresia e os hereticos são conduzidos á fogueira. Mas a verdade torna-se todos os dias mais luminosa, o espirito popular é cada vez mais conquistado; então, quando já não é possível, com uma apparencia de honestidade, negar a luz que chega a offuscar, então clama-se triumphantemente que o novo dado, a nova conquista, se incluem nos versiculos biblicos e n'elles estavam finamente previstos. E demonstra-se, falsificando até, se preciso fôr.

É a historia de todos os tempos desde que a Igreja se constituiu. Aqui e alli, ainda resmoneiam obstinadas reluctancias, que a sciencia não tem conseguido domar. Mas as grandes noções scientificas que teem aberto ao homem a intelligencia do Universo, a concepção astronomica ou a concepção evolucionista, tolera-as a Igreja, e até, alguma, vae descobri-la, clara e limpida, nos textos que antes «se interpretavam defeituosamente.»

Se a Biblia ainda hoje é tida como de immediata origem divina, apesar das inesperadas revelações de Smith e dos trabalhos de Delitzsch, Oppert e Boscauwen, que nas inscrições assyrias viram que a maior parte das narrativas do Genesis, a creação do mundo, o peccado original, a arvore da vida, o diluvio, a arca de Noé, a torre de Babel, são outras tantas adaptações de mythos e lendas da mais alta antiguidade, sobretudo de origem chaldaica, — é certo que a terra deixou de ser concebida como a imaginára Cosmas, que afinal não fôra além de traduzir o primeiro capitulo d'aquelle santo livro. E hoje, nem a propria Igreja pensa que a terra se disponha como um parallelogrammo chato, coberto por uma abobada solida, ou que o firmamento se apoie em grossas muralhas levantadas nos confins do mundo e, provido de janellas para a entrada e sahida do sol,

salpicado de lampadarios suspensos, as estrellas, por seu turno sustente as aguas, — o innocente recreio dos anjos borrifando a humanidade.

As bruxas e as feiticeiras desapareceram das preocupações da Igreja. Mas houve tempo em que se inquiriam a todo o transe e nos horrores da tortura crimes se faziam confessar de impossivel realisação. A Escripura dissera:

Tu castigarás de morte áquelles, que usarem de sortilegios, e de encantamentos. (*Exodo XXII, 18. Biblia, trad. pelo padre Antonio Pereira de Figueiredo*).

E o papa Eugenio IV, em 1437, publicou uma bulla exhortando os inquisidores da heresia e da feitiçaria a serem diligentes contra os agentes humanos do «principe das trevas» e especialmente contra os agentes dotados do poder de desatarem chuvas e tempestades. Mais tarde, em 1484, nova bulla do papa Innocencio VIII, contendo exhortações instantes para que se descubram feiticeiras e em particular aquellas que com o mau tempo destroem vinhas, prados e colheitas. Que immensidade de dôr, que ondas de sangue, não causaram estas exhortações e as inquisições que se lhes seguiram! As desgraçadas, torcendo-se nos horrores da tortura, confessavam quanto lhes era suggerido, denunciavam novos criminosos, e todos lá iam arder nas fogueiras armadas em gloria de uma religião que prégava o amor e o perdão.

Tambem agora se não baptisam já os sinos das igrejas, como deu exemplo o proprio papa João XIII, em 968, com o fim de afugentar os raios e as tempestades. A cerimonia ainda se realisa, é facto, em festas solemnes, para que se convidam principes e bispos, como ainda se empregam as velhas formulas que annunciam no som dos sinos o poder de afugentar o «principe das potencias do ar»; mas vão-se collocando pára-raios nas altas torres e nas agulhas monumentaes.

Tambem se não exorcismam os demonios, e a gloria da Igreja, obrigando-os a sahir, corridos e iracundos, do corpo dos possessos, já se não illustra no tempo presente com aquellas victorias celebres com que se escarmentavam hereticos

e diabos. Hoje não se veria um bispo de Beauvais expulsar cinco diabos do corpo de um desgraçado e ainda por cima alcançar que elles assignassem, em seu proprio nome e no dos diabretes seus subordinados, uma declaração authentica de que não mais haviam de molestar a creatura que tanto affligiam. Como tambem se não veria hoje a retumbante proeza dos padres jesuitas de Vienna, que, só d'uma assentada, lograram expulsar do corpo d'uma possessa nada menos de 12:652 diabos vivos!

O celebre *Agnus Dei*, o fetiche preparado com os cirios paschaes e servindo a esconjurar os elementos, tambem já não pertence ao nosso tempo. E todavia as suas virtudes eram tão milagrosas que, por uma bulla datada de 1471, o papa reservou para si o exclusivo da sua fabricação e da sua venda. Agora, é industria abandonada.

Os alienados deixaram igualmente de ser tidos como possessos do demonio. Em nome da Biblia se esconjuravam e se perseguiam, em nome das doutrinas biblicas se maltratavam e se atiravam ás fogueiras. Quantos milhares de desgraçados não succumbiram por se dizerem filhos de Deus ou se declararem o proprio demonio! «Só no districto de Como, na Lombardia, morreram nas fogueiras accendidas pelos frades dominicanos para cima de mil pessoas, mulheres quasi todas, que altamente proclamavam o commercio carnal que entretinham com o diabo. No Languedoc, em 1577, andam por 400 os demonoltras que o senado de Tolosa condemnou a serem queimados vivos. No principado de Trêves, executaram-se em poucos annos 6:500 doidos, que no delirio do seu mal berravam estar embruxados. . . ». E todavia já dos tempos hippocraticos vinha a noção de que a alienação mental é uma doença do cerebro e ainda no Novo Testamento a possessão demoniaca é materia corrente. Os Evangelhos estão cheios de historias de possessos de demonios e é o proprio Christo que se lhes dirige e os escorraça:

2 E ao sahir Jesus da barca, veio logo a elle dos sepulchros hum homem possesso do espirito immundo.

3 O qual tinha nos sepulchros o seu domicilio, e nem com cadeias o podia já alguém soste preso:

4 Porque tendo sido atado por muitas vezes com grilhões e com cadeias, tinha quebrado as cadeias e despedaçado os grilhões, e ninguém o podia domar:

5 E sempre de dia e de noite andava pelos sepulchros, e pelos montes, gritando e ferindo-se com pedras.

6 Vendo pois a Jesus de longe, veio correndo, e adorou-o:

7 E dando hum grande grito, disse: Que tens tu comigo, Jesus Filho de Deos Altissimo? eu te esconjuro por Deus que me não atormentes.

8 Porque Jesus lhe dizia: Espirito immundo sahe d'esse homem.

9 E perguntou-lhe: Que nome he o teu? Ao que elle respondeo: Legião he o meu nome, porque somos muitos.

10 E pedia-lhe instantemente que o não lançasse fóra do paiz.

11 Andava pois alli pastando ao redor do monte huma grande manada de porcos.

12 E os immundos espiritos supplicavão a Jesus, dizendo: Mandano: para os porcos, para nos mettermos nelles.

13 Deo-lhes Jesus logo esta permissão. E sabindo os espiritos immundos, entrãrão nos porcos: e a manada, que era de alguns dois mil, foi precipitar-se com grande violencia no mar, e alli todos se affogãrão.

14 E os que andavão apascentando fugirão, e forão dar a noticia á Cidade e pelos campos. Então sahirão muitos a ver o que tinha succedido.

15 E vão ter com Jesus: e vem ao que tinha sido vexado do demonio sentado, vestido, e em seu perfeito juizo: e tiverão medo.
(*Evangelho de S. Marcos, V.*)

Hoje, ninguém, fóra de populações selvagens, ninguém, nem mesmo a theologia, vê no ceu signaes e presagios de calamidades, o annuncio da morte de principes ou de invasão da peste. Não é porque essa crença fanatica não esteja apoiada em textos biblicos, nem ainda porque ella não recebesse todo o favor do papa infallivel. Prova-o o decreto de Calixto III, 1456, ordenando, no momento em que um cometa appareceu, preces publicas para desviar a colera de Deus e supplicar-lhe fizesse recahir sobre os turcos as calamidades que o temeroso presagio fazia receiar.

Finalmente, dos dois grandes factos que maior revolução fizeram no espirito do homem e mais poderosamente o illuminaram, a doutrina de Galileu e a theoria darwiniana, o primeiro já não encontra reluctancias theologaes. Depois d'aquelle descommunal escandalo que foram os processos e as perseguições movidas ao genial espirito do seculo xvii, depois d'aquella fa-

mosa sentença que considerava formalmente heretica a proposição de que o sol é o centro do mundo, depois do não menos famoso decreto do papa Paulo V declarando o systema de Copernico falso e contrario ás Escripturas, depois da abjuração e da condemnação de Galileu, a theologia, que mais fizera contra a religião do que todas as hordas hereticas, a theologia recuou ; não ousa no tempo presente falar sequer do seu grande erro ; antes por toda a sorte de subterfugios, de sophismas e de embustes, desde a declaração de que Galileu fôra condemnado por contumacia e falta de respeito ao papa até est'outra descoberta não menos insigne de que a palavra do Santo Padre se não rodeára d'aquella solemnidade que só a torna infallivel, por toda a sorte de fraudes, repito, a theologia procura sustentar que não foi a doutrina scientifica que soffreu a condemnação da Egreja e tenta n'um esforço esteril fazer a conciliação dos livros santos com as descobertas scientificas.

Esta longa lista de antagonismos entre a sciencia e a theologia, em que a Egreja se viu forçada a emmudecer n'uma attitude dubia, nunca isenta de orgulhos vãos, poderia ser largamente accrescida. A historia da criação em seis dias, a fabula do diluvio, o mytho da torre de Babel, a negação da esphericidade da terra e da existencia de antipodas, a affirmativa de que a propaganda christã, segundo os textos, teria chegado aos confins da terra, ao passo que a descoberta da America demonstrou quanto foi acanhada a zona em que se estendeu, a idade do mundo, que a sciencia veio demonstrar immensamente superior a tudo quanto se póde deduzir da Biblia, os milagres e as influencias diabolicas, os fetiches e os amuletos, a origem das linguas e as legendas biblicas, tudo isto moveu conflictos sobre conflictos, em que a Egreja, sempre prostrada pela sciencia, nunca se confessou vencida. E' uma historia muito longa, que precisa ser conhecida em todos os seus pormenores para que se adquira uma convicção serena do papel indecoroso que perante a sciencia tem sempre representado a theologia. Ha um livro moderno em que todas essas coisas veem referidas com minucias interessantissimas e que, escripto n'um largo espirito de liberdade e redigido n'um estylo attraente, se torna d'uma

leitura absorvente. E' a *Histoire de la lutte entre la science et la théologie*, de White, traducção de Varigny e Adam (Guillau-min, editor), d'onde foi tirado um grande numero dos factos apontados e que eu recommendo calorosamente.



Hoje, pois, como se acabou de ver, a theologia recebe em silencio os dados scientificos que não póde negar, ainda com uma apparencia de rasão. Ora por isso mesmo são sómente aquellas idéas que se teem tornado populares a ponto de constituirem sciencia universal. Como ousaria ella, com effeito, sustentar que a terra não gira em torno do sol ou que a alienação mental é uma possessão diabolica? Seja, porém, qual fôr o sentimento intimo que domina, o que é facto é que o avanço nos ultimos seculos tem sido verdadeiramente assombroso, que no consenso de todos os povos civilizados as revelações biblicas estão anniquiladas e que a Igreja, batida até aos ultimos entrincheiramentos, apenas levanta a voz para defender aquellas idéas geraes, nem por isso menos anti-scientificas, que ainda não encontraram um Galileu que de vez as arrasasse. Mas essa immensa conquista do espirito humano, que a luz de tres seculos de sciencia desprendeü de pesados grilhões tradicionaes, não foi alcançada sem muita dôr, sem muito soffrimento, sem muito sangue.

O martyrologio scientifico é quadro aterrador. Compunge a a'ma a leitura de tantos horrores, males physicos e angustias moraes, com que a Igreja tentou calar a voz da verdade, e não ha martyres do Christianismo que nos inspirem a compaixão que em nós acordam aquelles que na angustia e na morte foram suffocados em nome da fé catholica. Os primeiros luctavam, soffriam e morriam, afagando no coração a esperança da eterna salvação, que além tumulo os esperava. Nos outros, porém, não havia mira em recompensas da outra vida e só pela

verdade e pelo bem da raça trabalhavam, padeciam e succumbiam. Onde a maior grandeza, onde a chamma immaculada ardendo, sem laivos de egoísmo, no amor da humanidade?

O quadro é aterrorador, disse, e não é possível exgottal-o no fugitivo relance que se lhe póde consagrar aqui. Mas nem por isso será menos instructivo, e revel-o, mesmo rapidamente, é fazer obra util. As gerações esquecem com muita facilidade.

Uma das figuras que mais grandemente se impõem no martyrologio scientifico é a de Giordano Bruno. Viveu elle n'uma epoca em que a theologia subjugava os espiritos e em que a expressão do pensamento tinha de se estrangular no circulo ferreo da orthodoxia. O pensamento mesmo não se podia levantar muito acima do nivel até onde o arrastava uma crença secular. A intelligencia do homem estava por assim dizer fixada nos moldes da fé por uma educação que desde a infancia a affeiçoava. Pensava-se com a tradição, que era de seculos, com o ambiente, em que só se faziam ouvir as vozes biblicas; a rasão era espectadora silenciosa e illudida, que, mesmo em velleidades de independencia, não podia senão apavorar se com a idéa da tortura e da fogueira. Quão grande não era o cerebro que soube resistir a esta crystallisação educativa e soube pensar! Quão grande não era o coração de quem não recuou perante o spectaculo da morte e soube exprimir, publicar, ensinar e fazer propaganda do que pensava!

Tal era Giordano Bruno, e tal foi desde os primeiros alvoren do desabrochar da sua intelligencia de homem. Filiado desde muito novo n'uma congregação de dominicanos, revoltou-se logo de começo contra a hypocrisia e a tyrannia que lá reinavam. «Depois de ter cultivado por muito tempo, conta elle, as letras e a poesia, fui levado á philosophia, ao livre exame, pelos meus proprios guias, juizes e superiores. Ministros da inveja, servos da ignorancia, escravos da maldade, pretendiam sujeitar-me a uma hypocrisia vil e estúpida.» A historia seria longa das perseguições que lhe trouxe um tal espirito de independencia. Obrigado a expatriar-se, o seu ensino foi o mesmo por toda a parte e muitas vezes teve de soffrer os furores que a sua palavra sublevava. E embora se abrigassem no manto da

philosophia, as suas opiniões sobre o livre pensamento e a livre expressão do pensamento, as suas idéas sobre o movimento da terra e a infinidade dos mundos, não podiam senão annunciarche o miseravel fim. Bruno defendia calorosamente o systema de Copernico e, com uma penetração que tão além ia do seu tempo, reconhecia nas estrellas outros tantos soes, com luz propria e centros de planetas habitados, invisiveis aos nossos olhos. O que taes opiniões envolviam de lesivo para as bases mesmas da Egreja, vê se n'um relance: Christo não descera só á terra para salvar o homem, mas tivera de soffrer paixão e morte n'uma infinidade de mundos. A Egreja não podia perdoar opiniões d'estas, n'uma epoca em que o papa santo Paulo V escrevia á mãe dos ultimos Valois: «Guardae vos de pensar que haja coisa mais agradavel a Deus do que perseguir abertamente os seus inimigos por zelo piedoso pela religião catholica.»

Preso com effeito nos carcereiros de Veneza, apoz as ultimas perseguições do clero paduano, a Inquisição reclamou a sua preza e no fim de seis annos de esforços conseguiu havel-a ás mãos. Accusaram a Bruno de heretico e heresiarcha, de ter escripto coisas referentes á religião e contrarias á fé, embora as exprimisse como philosopho, de ter louvado principes hereticos, etc., etc. Uma vez entrado nos carcereiros do Santo Officio, foi objecto dos maiores esforços da parte dos theologos romanos, que luctaram por uma conversão, entre outros do jesuita Bellarmino, que tempos depois tinha de ser o mais intransigente na violenta guerra movida contra Galileu.

Passados dois annos, em 1600, o tribunal proferia a sentença. N'ella se expunham a vida e os estudos de Bruno, se referiam as suas opiniões e impiedade, contava-se a rebeldia que sempre offerecera á conversão e acabava-se por entregal-o ao braço secular para receber o castigo dos seus maleficios, castigo tão clemente quanto possivel e sem effusão de sangue, — ironia atroz e cruel hypocrisia que, na singelleza d'uma phrase amavel, ordenavam o supplicio do fogo.

Nunca se desmentiu a inabalavel firmeza de Bruno; nem ao obrigarem-n'o a ajoelhar-se para ouvir ler a sentença, nem ao

ser excommungado e degradado, nem ao fixar tranquillamente os seus juizes para lhes dizer que talvez a sentença que vinham de pronunciar os inquietasse mais do que a elle proprio, nem finalmente na hora derradeira, que foi uma hora de heroismo.

Bruno, conta Barni, subiu para a fogueira com a mais viril coragem, e até quando as chammas já o envolviam não fraquejou a sua attitude. Proximo da morte, apresentaram-lhe um Crucifixo; voltou a cabeça desdenhosamente. Era atilosa abjuração que no momento supremo lhe queriam arrancar: entendeu que não se devia prestar ao sophisma; e demais não era em nome d'esse Christo, cuja imagem lhe apresentavam a beijar, que, depois de o terem preso durante oito annos nos carceres de Veneza e de Roma, hoje o queimavam vivo? (*Les Martyrs de la Libre pensée*, pag. 211).

A morte heroica de Bruno é um dos mais bellos modelos, que se offercem á admiração do homem, do que póde o culto da verdade sobre a tempera de um character. A indifferença perante a morte, o estoicismo em frente dos mais horrosos supplicios, não os trazem só a fé religiosa e a esperança nos premios d'além vida; nascem e expandem-se largamente no amor da sciencia, na paixão da verdade.

A historia de Galileu é bem conhecida, hoje que se puderam copiar e publicar documentos que por tanto tempo se esconderam nos archivos do Vaticano. Se a voz popular bordou essa historia com traços de phantasia, não são menos verdade a condemnação que a Egreja lavrou das doutrinas que elle professava, a intimação que lhe foi dirigida de não mais ensinar que o sol é o centro do mundo e em volta d'elle giram a terra e os outros planetas, a ameaça de tortura que lhe foi decretada por sua santidade, e por fim a pena de prisão que lhe sentenciaram e que elle teve de soffrer até ao termo da vida, primeiro em Sienna, no palacio do arcebispo, depois na sua quinta de Arcetri, perto de Florença. A verdade de todos estes factos e da condemnação por exclusiva rasão religiosa e anti-scientifica realça dos proprios defensores da Egreja, que ousam reduzir a uma luçta de philosophos este medonho esmagamento da livre intelligencia sob o peso d'uma theologia monstruosa:

Pronunciamos, julgamos e declaramos que tu, Galileu, te tornaste vehementemente suspeito de heresia por ter crido e professado uma doutrina erronea e contraria ás santas e divinas Escripturas, a saber: que o sol é o centro do universo, que se não move do oriente para o occidente; que a terra se move e não é o centro do mundo; que se pôde professar e defender uma opinião como provavel depois de ter sido declarada e definida contraria á Escriptura; e que incorreste portanto em todas as censuras e penas estabelecidas e promulgadas pelos sagrados canones e pelas outras constituições geraes e particulares contra as faltas d'este genero. Apraz-nos absolver-te d'ellas, comtanto que antes, com um coração sincero e uma fé não simulada, abjures na nossa presença, amaldições e detestes os sobreditos erros e heresias e qualquer outro erro ou heresias contrarios á Igreja catholica e apostolica segundo a formula apresentada. (*Galileu*, por J. Fernando de Sousa, *Bibliotheca popular catholica*, pag. 36).

Ao que se segue a prohibição do livro e a condemnação a prisão por tempo indeterminado.

Vejamos porém outros e outros:

No seculo XIII, dominicanos e franciscanos luctam de zelo na prohibição de estudos baseados na observação e na experiencia, que solememente tinham sido condemnados por aquelle sanguinario coração que foi S. Domingos. O ensino de Rogerio Bacon adiantava muitos seculos sobre o seu tempo: A auctoridade é a fonte da ignorancia; a sciencia só se faz pelo estudo da natureza e não perdendo se dezenas de annos com os raciocinios vãos dos livros antigos; só ha uma sciencia — a experimental, e esta sciencia domina todos os estudos. . . A heresia d'este ensino ainda se accrescia com os resultados maravilhosos que o sabio frade alcançara nos dominios da physica e da chimica. Feitiçarias e novidades perigosas! Não era preciso mais para que se levantassem as coleras theologaes: Bacon é ameaçado, prohibem-lhe a communicação dos seus livros e por fim, obrigado a comparecer, aos 66 annos! n'uma assembléa presidida pelo superior dos franciscanos, é condemnado a prisão perpetua. O mestre é lançado a um carcere onde por quatorze annos apodrece; os papas decidem que é perigoso pol-o em liberdade e torna-se necessario que morra Nicolau IV e que o pobre martyr chegue aos oitenta annos para que o soltem!

Campanella é outro heroe do pensamento. Mettido em cin-

coenta prisões, encarcerado durante vinte e sete annos, por sete vezes é submettido á tortura. «Da ultima, conta elle e confirma-o um contemporaneo, duraram os tormentos quarenta horas seguidas. Amarrado com cordas muito arrojadas que me estalavam os ossos; suspenso por cima d'um pau muito agudo, que me devorou a decima sexta parte da minha carne e me tirou dez libras de sangue; curado por milagre no fim de seis mezes de doença; acabaram por me atirar para uma fossa.» E' certo que motivos politicos influiram por uma parte para vida tão accidentada pelos carceres e potros de tortura. Mas a philosophia de Campanella era tambem muito avançada para o seu tempo: Em sciencia deve-se partir das coisas reaes e não de abstracções, devem-se estudar os factos e não os estereis discursos do homem. Larga foi a propaganda que fez das suas idéas, pelas cidades da Italia, e se a conspiração que moveu se constituiu em capitulo de accusação, não ha duvida que se lhe associaram accusações philosophicas e theologaes.

Ainda no seculo xvii, La Peyrère é lançado á prisão e só o soltam com a condição de ir a Roma assignar a sua retractação aos pés do papa, ao passo que o parlamento de Paris manda queimar o livro em que elle avançava a hypothese da existencia do homem na terra antes da epoca marcada para Adão, — o livro dos preadamitas.

Kepler, que com a descoberta das leis que trazem o seu nome acabou de assentar a doutrina de Galileu, tambem soffre perseguições e até a prisão. Intimam-n'o, da parte do consistorio protestante de Stuttgart, a que não lance a confusão no reino de Christo com as suas «tolas theorias»; ordenam-lhe que ponha as suas doutrinas em harmonia com a Escripura; protestantes e catholicos ligam-se para o guerrear. E este grande homem, que foi talvez o primeiro que atacou com as armas da razão as superstições a que devera a accusação de feitiçaria levantada contra sua propria mãe, teve que viver na miseria, e na miseria morreu!

E' a primeira vez que vemos o protestantismo a buscar armas para defeza da fé na violencia e nos supplicios. E todavia fôra em nome do livre exame que nascera a Reforma. Mas, pro-

testantes ou catholicos, que importa destrinçar, se é o mesmo espirito de força e sujeição que impera, se são as mesmas intollerancias theologaes que suffocam a livre expansão do pensamento humano!

Egual alliança de esforços das duas religiões encontramos na triste historia de Miguel Servet. Ellas que, nem em idéas nem em praticas se conciliaram nunca, harmonisavam-se nos instinctos sanguinarios, e no crime e na ferocidade encontravam-se em terreno neutro.

Foi Calvino quem fez queimar Servet — e nada excede em infamia o papel que então representou —, mas já antes a Inquisição o queimára em effigie; a bem dizer, é aos esforços congregados das duas Egrejas que se deve a tragedia de Genebra. Não ha duvida que muito a atizaram os odios de Calvino e que foram as opiniões theologicas de Servet que constituiram base de accusação; mas tambem é certo que a essas opiniões foi o martyr da Reforma conduzido pelo seu espirito scientifico, — tão avançado e tão penetrante que se lhe deve a primeira noção da circulação sanguinea, antes mesmo da immortal descoberta de Harveu.

Servet é tambem um heroe da sciencia. Perseguido por toda a Europa central, acaba por se encurralar em Genebra, onde em breve o prendem. A historia do seu processo, que é o mais vigoroso quadro das mentiras e falsificações theologaes, não se aureola talvez com a fria estoicidade d'um Bruno, mas é exemplo da mais admiravel coragem em frente da morte que se approxima: «Eu sei como coisa certa, escrevia Servet, que estou destinado a morrer por confessar a verdade; mas a minha alma não perde coragem e em tudo quero ser discipulo digno do Divino Mestre.» E todavia, se elle o quizera, uma palavra de retractação bastava para o salvar.

Emquanto o conduziam ao logar do supplicio, historia Barni, Farel, que o acompanhava, fez novos esforços para alcançar a confissão do crime, isto é, a retractação das opiniões condemnadas... Servet nada respondeu... Quando o sinistro cortejo chegou ás alturas do Campel, no logar onde estava preparada a fogueira, Farel convidou Servet a que se recommendasse ás orações do povo, para que todos pedissem por elle. Servet obedeceu; e, concluida a sup-

plica, subiu em silencio para a fogueira. Levantava-se no meio um poste, que serviu ao algos para prender o paciente com uma cadeia de ferro e uma grossa corda passada ao pescoço. Cobriram a cabeça da victima com uma corôa de colmo impregnada de enxofre e á coxa ataram lhe o seu livro da *Restituição do Christianismo*... Por fim accenderam a fogueira. Ao ver as chammas que se levantavam, um grito dilacerante sahiu do peito de Servet e regelou de morte a multidão presente á execução. Referem que os tormentos do martyr demoraram meia hora e que, para os abreviar, a gente do povo foi buscar lenha secca que atirou para a fogueira. (Loc. cit., pag. 195).

Cornelius Loos, professor da universidade de Trêves, nos ultimos annos do seculo XVI, tendo exprimido duvidas sobre a realidade da intervenção diabolica e do poder da feitiçaria, é por tres vezes preso e não escapa ao supplicio da roda senão porque a morte o surprehende n'uma epidemia de peste.

O reitor da mesma universidade, Diétrich Flade, por igual crime é condemnado á tortura, obrigado a admittir a verdade das accusações que contra elle dirigem, e por fim estrangulado e queimado.

Wier (fins do seculo XVI) é denunciado e violentamente perseguido por tentar evitar com uma nova interpretação que tantos horrores se commettessem em nome da orthodoxia. Era o primeiro homem que pensava ou pelo menos dizia alto que as confissões arrancadas pela tortura ás mulheres e ás creanças podiam muito bem não exprimir a verdade e que todas as phantasias das feitiçarias, pactos com Satanaz, viagens pelo ar, etc., constituíam illusões e enganos que o proprio Satanaz suggeria. Esta idéa não podia ser do agrado dos theologos, que teriam de apagar muita fogueira e de ver mitigado o terror que, dominando os espiritos, fazia a principal alavanca da sua força.

No seculo seguinte é o turno do hollandez Bekker, que põe em duvida, não só o poder do diabo, mas até a sua existencia corporal. Privado do seu cargo de prégador por um synodo protestante e perseguido por toda a parte, acha-se reduzido a uma vida vagabunda e miseravel.

Em 1316, o medico Pedro d'Albano, tendo ensinado a doutrina dos antipodas, só pela morte escapa á Inquisição.

Em 1327, o astrónomo Cecco d'Ascoli, suspeito de feitiçaria, é expulso da sua cadeira em Bolonha e queimado vivo em Florença.

No começo do seculo xvii cahem as iras inquisitoriaes sobre Van Helmont, o medico de nome immortal; antes de Lavoisier mostrára com a balança que nada se perde e nada se cria; que um elemento se não transforma n'outro... Denunciado á Inquisição, foi perseguido ao ponto de não poder acompanhar os filhos á hora da morte.

Quántos nomes não haveria ainda a accrescentar, d'aquelles que soffreram o supplicio ultimo, como Vanini, a quem começaram por arrancar a lingua, ou d'aquelles que só foram incommodados, duramente perseguidos, ou tiveram de se calar ou disfarçar para não accender as coleras theologaes, Copernico, Newton, Leibnitz, Gerbert, João Baptista Porta, Alberto o Grande... Descartes não publica a sua obra o *Mundo* com receio da sorte de Galileu. Colombo encontra pela frente o collegio de Salamanca e os mais altos dignitarios da Igreja, que lhe prégam a Escriptura; como póde ser a terra redonda, se o Psalmo diz que o ceu está esticado como uma pelle e S. Pedro compara o firmamento a um tabernaculo ou a uma tenda desdobrada sobre a terra! E depois Santo Agostinho não se pronunciou contra a existencia dos antipodas?... Que genial espirito o que luctou contra tantas miserias e na miseria e no escarneo viveu por annos com os olhos fitos na luz da Verdade!

Esta já longa e incompleta lista, da qual se tira que não ha progresso scientifico onde se não sinta a garra dilacerante da theologia, não carece porém de ser protrahida para que fique provado que a sciencia tem vindo até nós tingida de sangue de muito martyrio e que não tem sido por culpa da Igreja que ella tem avançado até á posiçã em que nos enche com o esplendor dos seus beneficios.



Embora não tenha mudado de tom e seja o mesmo o orgulho da sua intolerancia e a violencia dos seus ataques pela

palavra, o espirito orthodoxo procede hoje menos ás escancaradas e não se declara abertamente inimigo do progresso scientifico. Ainda reclamando as verdades reveladas, não ousa sahir do vago de uma proposição, nem esmiuçar o significado das palavras tradicionaes; antes trabalha por termos conciliatorios, que baseando-se em abstrusas interpretações chega aos ultimos absurdos: as palavras da Biblia descrevendo a criação em seis dias seriam pura metaphora e todavia é expresso no Genesis que se trata de dias com uma manhã e uma tarde:

5 E chamou á luz Dia, e ás trévas Noite; e da tarde, e da manhã se fez o dia primeiro.

8 E chamou Deus ao Firmamento Ceo; e da tarde, e da manhã se fez o dia segundo.

13 E da tarde, e da manhã se fez o dia terceiro... (*Genesis*, 1);

o inferno biblico seria uma afflicção moral, uma angustia indefinida e interminavel; a mulher de Loth não se teria transformado em estatua de sal, mas, demorada pela curiosidade ou pelo medo, teria sido esmagada por um rochedo desprendido da montanha; o marido e as filhas, ao voltarem-se, teriam só visto o rochedo de sal que lhe cobria o corpo...

Apesar porém de tudo que de odio ao progresso lá referve dentro, apesar de que só por hypocrisia de linguagem diz acceitar a moderna civilisação, não seria hoje que a Egreja obrigasse os professores ao juramento de não sustentarem a doutrina de Copernico, como succedeu até ao fim do seculo xvii em quasi todas as universidades da Europa; nem hoje se veria um padre Busæus prohibir ao astronomo Scheiner de falar aos seus discipulos da universidade de Innsbruck nas manchas do sol que descobrira; tão pouco se encontraria um papa Alexandre III promulgando uma bulla em que prohibisse aos ecclesiasticos, os unicos que então (1163) se podiam consagrar a estes trabalhos, «o estudo da physica ou das leis do mundo»; ou um papa Bonifacio VIII prohibindo as disseccções anatomicas; ou uma assembléa de theologos opinarem gravemente, em Salamanca, que em consciencia não se póde disseccar o corpo d'um homem

morto no intuito de lhe conhecer a estructura; ou ainda as revoltas theologaes que tentaram oppôr-se á inoculação variolica, á vaccina, á anesthesia no parto; nem finalmente se veriam as academias scientificas terem de fechar as suas portas e cessarem as suas pesquisas, como succedeu á *Accademia del Cimento* ou á dos *Lincei*.

Não se veria hoje nada d'esta guerra aberta contra a sciencia e suas conquistas, como se não veriam fogueiras ou inquisições. Mas o horror á sciencia é o mesmo, absolutamente o mesmo.

Póde-se dizer que é do nosso tempo a celebre reunião ecclesiastica realisada nas Tulherias, por occasião da ascensão de Carlos X ao throno de França, e em que se decidiu adoptarem-se providencias para suspender a expansão de toda a sciencia que não fosse perfeitamente sã.

Pelo meado do seculo, encontramos com Pio IX prohibindo a reunião d'um congresso scientifico em Bolonha e mais proximo de nós assistimos ás coleras estalando no campo reaccionario contra a maior das doutrinas que nunca se implantaram no campo biologico — a doutrina do darwinismo. Foi com effeito áquem do meado d'este seculo que se viu um padre Desorges apodar a Darwin de pedante e chamar á evolução uma doutrina tenebrosa. Foi tambem então que se viu um Mgr. de Ségur, estralejando n'um ataque de furor, gritar falando de Darwin e das suas theorias:

Essas doutrinas infames só teem por apoio as mais abjectas paixões; por pae teem o orgulho; por mãe a impureza; e os seus filhos são as revoluções. Veem do inferno e para lá voltam, levando consigo os miseraveis que se não envergonham de as aceitar e proclamar. (White, *loc. cit.*, pag. 54).

Ainda é mais do nosso tempo a guerra movida no senado francez contra o physiologista Vulpian e o medico Séé, e em que os assaltantes, capitaneados pelo bispo Dupanloup e pelo cardeal Bonnechose, o menos que encontraram para atacar a sciencia e os sabios modernos foi o ferrete de materialismo.

Hoje ainda, nos tempos que estão correndo, ouvimos o porta-

voz da reacção declarar a bancarrota da sciencia. É Brunetière clamando que a sciencia é incapaz de fornecer uma explicação plausivel do universo, como se essa explicação do existente—no seu *modo*—não esteja levantada sobre a sciencia inteira, principalmente depois que se tem penetrado na analyse dos infinitamente pequenos;

— incapaz ainda de fundar uma moral, como se a moral scientifica, com as suas noções primordiaes de fatalismo dos phenomenos sociaes e de unidade material e moral da especie humana, com as suas naturaes illações de prevenção do crime pelo melhoramento das condições sociaes e de aperfeiçoamento do homem pela herança de saber que deixamos aos que ficam após nós, como se esta moral, que não é levada pelo receio do castigo ou pelo anseio da recompensa, não seja infinitamente superior á moral theologica, que só é movida pela existencia d'além e que castiga um deixando milhões ao abandono, expostos a todos os vicios, a todas as podridões, a todos os crimes;

— incapaz finalmente de se substituir á religião na evolução da humanidade e de organizar uma sociedade, como se a mesma sciencia, olhada do seu ponto culminante, não fosse uma verdadeira religião, com os seus santos e os seus martyres, como se a sociedade humana, tal como está organizada, não seja a injustiça mais gritante, a mais violenta affronta á natureza, e não tenha de ser, em nome da sciencia e da felicidade do homem, revolucionada e transformada desde os seus fundamentos.

A razão chega a ser nociva, declara sem reboços Brunetière, e pergunta que ha de menos racional que o casamento, a propriedade, o estado, a patria... Com effeito... com effeito... e alguns seculos passados a interrogação será feita no preterito, não no presente, e a felicidade do homem—n'esta vida—terá largamente augmentado.

Não são porém só homens de letras e sem responsabilidade na Igreja que se deixam arrastar a esses ataques affrontosos á grande e misericordiosa Luz do homem. D'além, do alto da cadeia de S. Pedro, descem palavras que deveriam ser de paz e concordia, que deveriam enlaçar os homens n'uma aspiração commum, a felicidade humana, mas que são palavras de guerra,

d'uma guerra occulta, mas nem por isso menos cheia de odios e de energia.

Não ignoramos Nós, Veneraveis Irmãos, que, em certo modo, sois obrigados a contar com os programmas do Estado e as condições por elle impostas na obtenção dos graus universitarios, pois que, n'um certo numero de casos, estes graus são exigidos dos sacerdotes empregados já na direcção das escolas livres, postas sob a tutela dos bispos ou das congregações religiosas, já no ensino superior nas universidades catholicas, que tão louvavelmente fundastes. Além d'isso, é de um soberano interesse, para manter a influencia do clero sobre a sociedade, que nas suas fileiras conté elle um numero bastante grande de sacerdotes que de forma alguma sejam inferiores na sciencia, cujos graus são a confirmação official (*sic*), aos professores que o Estado forma para os seus lyceus e universidades.

Todavia, e depois de ter feito, segundo esta exigencia dos programmas, a parte que impõem as circumstancias, é mister que os estudos dos aspirantes ao sacerdocio permaneçam fieis aos methodos tradicionaes dos seculos passados... (*Carta Encyclica de S. S. Leão XIII, 8 ix 99. Correio Nacional, 23 ix 99.*)

É só a parte que se é obrigado a deixar ás circumstancias que não deixa ouvir vozes como as de Alexandre III ou Bonifacio VIII prohibindo o estudo das leis do mundo ou a pratica das disseccões anatomicas. É só a impossibilidade de combater as circumstancias que impede de ouvir as carnes rechinarem ao lume das fogueiras theologaes.

E não é que o desejo lhes não esteja ardente no mais intimo do coração, do coração d'esses santos homens que sacrificam a uma vida futura e duvidosa a vida terrena e certa, não a d'elles, que seria indifferente, mas a dos outros.

Com effeito, ainda não ha muito publicava um jornal catholico uma defeza da repressão da heresia na edade media. Esquecendo que ella se exerceu, com muita violencia e com muito sangue, contra aquelles que tinham uma religião sua e em nada anti-social, esquecendo ainda que não foram victimas menos interessantes as que succumbiram pela liberdade do pensamento, o escriptor justifica o papel da Igreja pelo que as seitas condemnadas envolviam de principios contrarios a toda a sociedade. Não procura examinar se, em direito, a Igreja póde castigar os seus contradictores usando do gladio,

mas affirma que, exercendo a repressão da heresia, fez obra de salvação social. Em certo ponto, porém, ha palavras que parecem uma saudade de tempos idos.

Notando a contradicção da Egreja que, ao mesmo tempo que glorificava os seus martyres, enviava á morte grande numero dos seus adversarios e registrando a resposta que se tem dado a esta objecção, — isto é, que a segurança e a civilização da idade media repousavam na tunidade da fé e na supremacia da orthodoxia catholica, escreve:

Esta resposta não é para desdenhar; a anarquia intellectual e moral do nosso tempo sublinha-lhe o valor. Não é certo que a divisão dos espiritos, que parece cada vez se ha de mais accentuar, tem gravemente lesado a unidade da patria e da sociedade? Não se pôde perguntar se a licença intellectual que expõe as idéas as mais necessarias e as mais sagradas ás negações, por vezes as menos qualificadas, não é um mal social pelo menos tão grande como o constrangimento do pensamento? A experiencia feita em menos d'um seculo já parece concludente, visto que os espiritos os mais liberaes vivem assustados com os abusos da imprensa e leis se tem sido obrigado a fazer para tolher a propagação de certas idéas perigosas. (*La Quinzaine*, 1 IX 99, pag. 8).

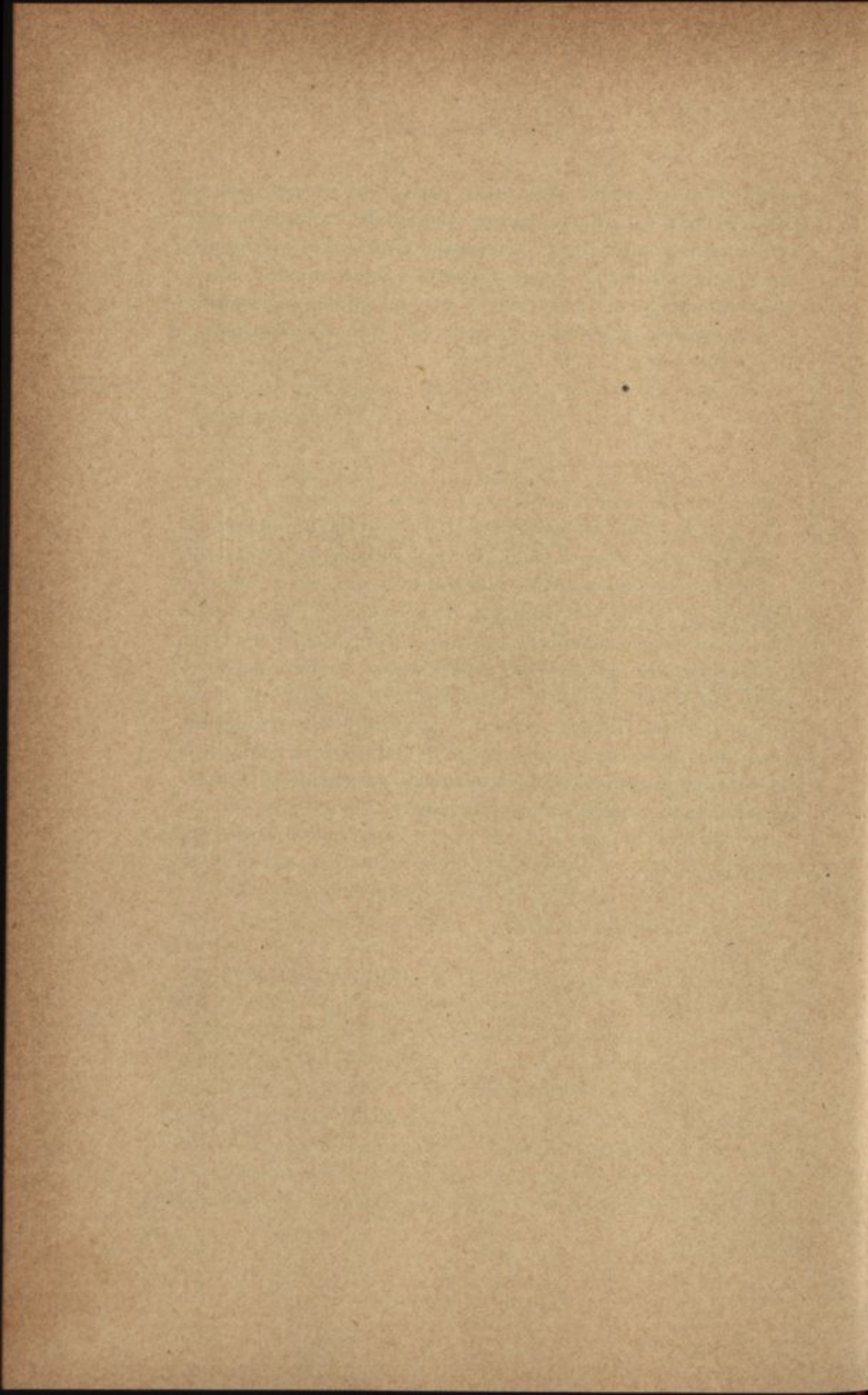
Não é só o escriptor francez que deixa assim apparecer um traço da sede de fogueiras que lhe vive n'alma. Nos caridosos artigos que provocaram este opusculo é em que um padre jesuita se debate em accessos de furia como os de Mgr. de Ségur, ha uma coisa muito significativa. E' o titulo: *Evisceração da Consciencia e Livre arbitrio...* Evisceração, extirpação de visceras.

Aqui se pinta em cheio a Ordem que manobrou com a Inquisição e que com os dominicanos andou em lucta para ter o exclusivo da sanguinaria industria. E está-se vendo como o doce padre, nas suas horas de meditação, sonha nas delicias que chegará a gosar se, em nome da Fé e da Orthodoxia, pudesse arrancar uma a uma as visceras ao auctor do nefando livro. Os instinctos ferozes de seculos de theologos, abrigados e cultivados pela seita que mais devastações tem feito na humanidade, em homens, em capitaes e em felicidade, tinham de

surdir, pela fatalidade das coisas, como nota a mais característica e mais saliente do rancor que as idéas d'aquella obra provocaram contra quem a escreveu. Evisceração... fogueiras... gritos de dôr... ancias da morte... carnes que chiam... ossos que estalam .. o acre cheiro das gorduras que ardem... as contorsões ridiculas dos que morrem... Ah! se pudessem!...



A posição da theologia em frente da sciencia ahi fica nitidamente descripta. Desgraça seria da humanidade se, ainda hoje, a Igreja pudesse dominar os espiritos, como tão violentamente o fez em seculos proximos do nosso, como ainda hoje o quer fazer pelos caminhos tortuosos e pela palavra ora terna e unctuosa, ora aggressiva e provocadora. As verdades reveladas são a suffocação do pensamento. E quando em nome d'ellas se tenta discutir sciencia, a sciencia passa, indulgente. Quem terá palavras que não sejam de misericordia para a voz da loucura, esbravejando em arrancos de furor ou resmoeneando nas parvoeiras da imbecilidade?



AS VERDADES PRIMORDIAES

A sciencia só se constroe sobre a observação e a experiencia; a razão acompanha os factos colhidós para os desenvolver, comparar e interpretar, para estabelecer as relações que os ligam entre si, para levantar hypotheses que nova verificação experimental confirmará ou invalidará, para descobrir emfim as leis geraes que os abrangem n'um laço unico. Caminha-se assim do particular para o geral e, pedra sobre pedra, vae-se fabricando essa maravilhosa torre que é a conquista do homem no dominio do saber. Anda-se ás vezes de vagar, que os obreiros são poucos, os recursos escassos e as circumstancias ambientes não correm propicias. Outras porém precipitam-se as acquisições e de quando em vez surde genial espirito, de vasta capacidade cerebral, que, abrangendo n'um largo golpe de vista multidão de conhecimentos, descobre e põe em luz leis que se extendem ao mais amplo dominio. Galileu descobrindo o movimento dos mundos, Darwin concebendo a evolução dos seres vivos. Mas sempre, nas conquistas scientificas, nas leis do mais recuado valor como nas que abrangem o mais dilatado campo phenomenal, desde aquellas que regulam a queda dos corpos até ás que fundem n'uma concepção unica o universo, sempre, sempre, o *facto*, o fructo da observação e da experiencia, está na base mesma de toda a idéa, por mais alta que seja, é o mesmo alicerce da construcção, que sem elle desabaria.

Pois bem! Ha quem pense em fazer sciencia de inverso modo. Ha quem julgue que, fóra dos factos, a intelligencia humana é bastante aguda e penetrante para que se construam idéas geraes, que são verdadeiras independentemente de toda a observação, que devem ficar de pé por mais que os factos lhes sejam contradictorios. Assentam-se primeiro as chamadas *verdades primordiaes*—e depois os factos que se lhes sujeitem. São estes claros, evidentes, como demonstração da falsidade do principio adoptado. Não importa. Sempre na gymnastica do intellecto se encontrarão recursos que torçam a sua significação, que os tinjam de côres differentes, que attenuem ou apaguem a luz que d'elles irradia.

Com isto se fez uma philosophia, que o seu mais talentoso de-tensor n'este seculo, Chauffard, ousou chamar uma philosophia scientifica. Haveria um conjuncto de idéas racionaes que estão na base de todo o saber e que a rasão pura de vez estabeleceu na independencia de toda a experiencia scientifica. Assentaram-se definitivamente, descobertas que foram por uma intuição profunda do espirito do homem. São a grande fonte do saber. Abaixo, muito abaixo, está o processo experimental, tão infimo e tão indigente, que não póde senão ser de atraso e inferioridade o estado das sciencias em que predomina. (*Correio Nacional*, n.º 1872, 1912, 1854, 1855).

As verdades primordiaes, puramente metaphysicas, estão acima de toda a vã sciencia do homem moderno. A alma e a força vital, a espontaneidade e a finalidade dos seres vivos, a unidade emfim de toda a vida individual, pairam em região tão levantada que desafiam todas as mesquinhas conquistas do homem no estudo da natureza. Esquece-se que toda essa grandeza não é mais do que o reflexo de épocas de ignorancia. Esquece-se que todas as verdades primordiaes não enlaçam senão as apparencias dos phenomenos e que só vieram á luz n'um tempo de pobreza scientifica. Do mesmo modo que para o selvagem tudo o que se move é vivo, assim nos periodos da humanidade, em que a sciencia apenas balbuciava, a observação não póde ir além da superficialidade dos phenomenos, e sobre as apparencias se construíram as mais vastas especulações. Os philosophos da an-

tiga Grecia, berço de todas as concepções philosophicas que ainda hoje se debatem, com toda a genialidade da sua raça não procederam, para a sciencia do seu tempo, por modo differente do selvagem na sua concepção da vida. Então, toda a philosophia era metaphysica, porque os factos a nenhuma podiam fornecer alicerces solidos. Desde então, porém, ha como que uma bifurcação nos ideaes philosophicos, uns tornando-se mais e mais metaphysicos, porque mais e mais se lhes teem furtado os alicerces, outros consolidando-se com a accumulção dos factos, sempre mais abundantes, mais significativos, mais grandiosos, e por fim tornando-se na base mesma sobre que assenta o que impropriamente se chama a philosophia scientifica do nosso tempo.

O espiritualismo de hoje não o quer ver. Não quer ver que reflecte apenas uma tradição da ignorancia, que de seculo para seculo mais se tem desmentido, e não quer ver como as acquisições scientificas acabaram por a derruir. Admitte-se, supponhamos, uma unidade vital dos seres vivos. Ha no corpo, dotado de vida, um principio superior, um principio *um* e individualisador, um principio que na sua unidade rege todos os phenomenos do corpo em que domina e que, sempre presente e sempre despertado, dirige os phenomenos e combate as condições que lhe possam ser molestas. Demonstra-se que a unidade vital é uma fabula, que n'um ser vivo se podem enxertar pedaços de outros seres vivos, que continuam a viver, — e ainda se sustenta a unidade do ser d'onde o enxerto sahiu e que está agora *vivo*, apesar de dividido em dois, como se sustenta a unidade do ser onde o enxerto pegou e que está agora constituido pela soldadura de dois seres ou fragmentos de seres distinctos. Demonstra-se, na biologia inteira e por uma multidão de factos de observação e experiencia, a como que indifferença de todas as partes e elementos dos corpos vivos a viverem juntos ou separados, e apesar de tudo sustenta-se a idéa da unidade vital. Surde então toda a sorte de argucias e complicações syllogisticas e acaba-se, na verdade, por reduzir a unidade da vida a uma pura abstracção, a uma pura palavra, que não corresponde absolutamente a coisa nenhuma, — nem mesmo a uma simples

idéa de união, independência e evolução, visto como é sabido que a unidade se funda pelas condições exteriores e pelas condições exteriores se desfaz como um sopro. Em dadas condições um ovulo dá um individuo; n'outras produz dois ou quatro ou oito individuos.

A apparencia mais grosseira dos phenomenos deu as bases d'uma doutrina espiritualista. Não sei porque a apparencia não menos grosseira d'outros phenomenos não permitirá adoptar toda a casta de idéas esdruxulas, comtanto que tenham um simulacro de fundamento, a titulo de verdades primordiaes. O espiritismo, a telepathia, a magia e a feitiçaria teem tantos foros de verdade como a força vital e parecidas, e todavia a philosophia espiritualista envergonhar-se-hia de as accetar a titulo serio. Pois em relação á sciencia dos nossos dias o espiritismo está na mesma posição das verdades primordiaes ao tempo que os philosophos gregos as phantasiaram.

Ora, é n'esta arena de sonhos e delirios que se quer discutir sciencia. As verdades reveladas não bastam; armam-se de ponto em branco as verdades intuitivas e com ellas se querem atacar as conquistas que, no dominio das leis geraes, a sciencia tem alcançado.

Não ha facto scientifico que lhes mereça respeito a esses philosophos da palavra. Verdades inabalaveis teem sido fixadas pela sciencia. As condemnações mais formaes teem cahido do estudo honrado da natureza. Que importa! Não se pódem recusar os factos, recusa-se-lhes toda a significação, a mais patente, a mais luminosa. Com os mais comicos acrobatismos intellectuaes se deturpa, se altera, se falsifica. Chega-se até á conciliação de idéas oppostas. Chega-se por fim á construcção d'uma logica especial, uma logica em que se finge jogar com idéas e realmente se não joga senão com palavras, palavras...

Eu vou citar. Não quero que se pense que accuso sem provas. Vou escolher trechos do caridoso christão que por cinco mezes andou a injuriar-me no *Correio Nacional* para que se diga se é possivel discutir com philosophias tão guindadas. E vou escolher, não os mais significativos, porque são extremamente longos, extendendo-se mesmo por muitos numeros do

jornal, mas os mais curtos — e ainda assim, como elles são compridos!

Quer-se demonstrar esta coisa singella — que o determinismo presuppõe a liberdade. Se ha idéas antagonicas, parece-me bem que são essas. Não sei mesmo se me seria mais facil conceber que um corpo é ao mesmo tempo branco e preto do que o determinismo a presuppôr a liberdade, a conter em si a liberdade. Mas é n'estas alianças monstruosas que se comprazem as habilidades metaphysicas. A palavra não foi só dada ao homem para disfarçar o pensamento: tambem Deus lh'a concedeu para que aos basbaques se armem d'estas pelotiquices de feira.

Agora e sempre, nas transcripções, respeito a orthographia em todos os seus pormenores e até erros:

4.º *O determinismo presuppõe a liberdade.*

Onde ha determinismo ha um *impulso*, uma *orientação recebida*. Ora o *impulso*, a *orientação* suppõe necessariamente um *impulsor*, um *orientador*; porque onde ha impulso ha um consequente, e consequente sem antecedente com elle connexo é contrasenso.

Consideremos agora um termo qualquer. Será elle *absoluto* ou suppõe tambem outro antecedente? Se é absoluto, e a causa total da serie e, portanto, é intelligente e livre como dissemos. Se não, é consequente e como tal suppõe tambem um antecedente e assim por diante. Uma serie onde cada termo é *essencialmente* consequente, é tambem toda ella consequente; essa serie suppõe *fora de si* um antecedente absoluto, razão total da serie. Notemos ainda que numa serie onde cada termo recebe e transmite uma orientação determinada o caracter *predominante* de cada elemento é o de consequente.

Basta observar que, se cada elemento é antecedente, não o é senão porque é consequente. Este é pois o caracter *predominante* e a *razão* de todo o movimento transmittido. Ora, em todas as sciencias, cada ser e cada serie são *especificados* pelos seus caracteres *predominantes e fundamentais*. Aqui não ha subterfugio possivel: toda a serie, em questão, é absoluta e simplesmente falando um *consequente* absoluto, sem *antecedente*, uma sombra sem luz!

A liberdade é, pois, a luz suprema, é intelligivel por si mesma e torna intelligivel o determinismo. (C. N., 1923, 1927).

E eis ahi está porque a menina é muda...

Dir-se-hia que a maior felicidade que pôde alagar o coração d'um espiritualista é essa jiga-joga de palavras em que se pro-

curam conciliar as coisas as mais disparatadas. A's vezes, porém, a conciliação torna-se impossivel, tal é a opposição dos termos. Um simples mortal recusar-se-hia a acceitar um d'elles, o menos provado, ou até a ambos. Porém uma coisa tão simples não está no feitio complicado, para não dizer arrevesado, de quem começa por acceitar ás cegas as verdades primordiaes, que só pela rasão — leia-se phantasia — foram illuminadas. E depois, muitas d'essas opposições são a base mesma de doutrinas e regimens theologaes, que é preciso manter, sob pena de se perder em força e em dominio. E' então que se pronuncia a grande palavra. E' um *mysterio*.

A doutrina do livre arbitrio alliada á noção da graça divina é exemplo dos mais mirificos. O seraphico sacerdote de quem soffri as aggressões contesta, pouco mais ou menos, que seja doutrina da Egreja a hybrida conjugação. Chega mêsimo ás suas habituaes e catholicas amabilidades — *vil calumnia, calumniosa impudencia*. . . Mas não nega a citação que fiz em tempo do *Diccionario das sciencias ecclesiasticas*, e até chega a escrever, com aquelle gracioso *distinguo* jesuitico que o mesmo povo conhece bem, a belleza do trecho que vão ler e em que muito aprendi:

Quando os doutores catholicos falam de impotencia *natural* da vontade para praticar o bem, não falam do bem *natural*, mas sómente do bem *sobrenatural*, o que são coisas inteiramente diversas.

E' este bem *sobrenatural*, a que os theologos chamam *salutar*, que o homem não pôde praticar, sem a graça de Deus, mas tambem é doutrina catholica, que esta graça (sufficiente) é concedida a *todos* os homens, e é por isso que *todos* podem e devem praticar esse bem *sobrenatural*, sem o qual a salvação é impossivel. (C. N., 1919).

Outro exemplo, não menos typico:

Princípios *evidentes* levam-me *logicamente* a admittir que Deus é *livre* e *immutavel* ao mesmo tempo; cedo, pois, ás leis necessarias do pensamento e admitto estas duas verdades. Quero depois aprofundal-as mais, com o conhecimento imperfeito que tenho da natureza de Deus, e acho-me envolto em trevas; não vejo, que aquellas duas verdades sejam entre si contradictorias, mas tambem não alcanço *positivamente* o modo íntimo de as combinar e explicar com os recursos actuaes de investigação. Eis-me em presenca d'outro *mysterio natural*, que não posso negar sem proceder irracionalmente. (C. N., 1920).

Aqui não se sabe o que lamentar mais—se a myopia de quem não vê contradicção entre um ser *livre* e um ser *immutable*, se a pobreza mental d'aquelles—se os ha—que sinceramente dão fé a estes connubios d'uma imaginação desbragada. Mas o que importa saber é que é assim que se arranjam mysterios. Um pobre doente meu, que dispõe de maravilhosas riquezas e ao mesmo tempo me pede um vintem para cigarros, não maravilha mais do que esses coitos diabolicos d'onde o mysterio nasce. Um simples d'espírito chãmente pensaria, no primeiro caso, supponhamos, que ou a graça é nua e crua falsidade ou chega a refinada mentira a liberdade do homem para o bem, seja elle sobrenatural. Mas a simplicidade não é o forte de espiritos theologaes. Deu Deus o cerebro ao homem para os jogos malabares da palavra e se de todo elles são impossiveis, armem-se então mysterios bem fundos que o ganho não deixa de ser certo—por outro lado. Não se exercita o syllogismo, é factó, mas faz-se mysteriosa a religião, conquistam-se ingenuos e justificam-se theologos. O mysterio é a mo'a real de muita coisa.

Mas o mais singular, n'estes subtis castellos de cartas que os metaphysicos se divertem a armar, é a sem-cerimonia com que se apropriam dos factos scientificos logo que veem a lume. Desprezam a experiencia, ou pouco menos, vivem nas nuvens das suas verdades primaciaes, deturpam e esfrangalham a significação dos factos scientificos de primeira evidencia—e ao mesmo tempo valem-se das conquistas da sciencia para se darem ares de a terem por seu lado. E' de fazer rir as pedras a seriedade com que se escrevem trechos d'estes. Parece, tal e qual, *que succeden* e todavia—vou jurar-o—não são capazes de olharem uns para os outros sem que se riam. Trata-se das localisações cerebraes, que a physiologia e a anatomia pathologica teem demonstrado nos ultimos annos:

Assim uma descoberta, que podia ser deduzida *à priori* dos principios do espiritualismo e que arruina pela base o materialismo, foi transformada em uma arma de combate contra a doutrina tradicional das grandes escolas philosophicas. (C. N., 1907).

E' o mesmo systema a que assistimos com as verdades reveladas. Quando veem que um factio scientifico está bem assente, não socegam até surripial-o.

×

Ora, sinceramente, de quem pensa assim — não digo de quem sente e nunca estudou questões d'estas — não se póde dizer que tem um cerebro differente do commum dos mortaes? Viver n'um tempo em que luxuriante floresce uma sciencia que inunda de luz a humanidade, sciencia repleta de factos e de leis cada vez mais expressivas e mais levantadas, fazendo taboa rasa de todas as caraminholas que a phantasia urdiu sem base e sem verificação — e fechar os olhos á luz e acantuar-se nos mais escuros recessos d'uma rasão por si só impotente, chegaria a ser incomprehensivel se não se soubesse como os cerebros se podem modelar á vontade do educador.

Aqui, não ha com effeito mais que uma questão de educação.

Em primeiro logar, o espirito viveu quasi desde a infancia em franca logomachia. Aprenderam-se modos syllogisticos de pensar e exercitou-se o syllogismo sobre abstracções quintessenciadas, que analysadas de perto não dão mais que a palavra, ou quasi só a palavra. Fez-se por assim dizer um duplo calão — para as idéas abstractas e para o seu reciproco entrelaçamento. A isto alliou-se uma psychologia de pura observação interna, sem sombra de raizes na experimentação physiologica, entranhada das artificiosas e complicadas distincções, das analyses estereis e sem base, que são o reflexo das subtilizas e argucias escolasticas. Accrescente-se uma total privação da alma da sciencia. Se os factos scientificos ainda são escassamente aprendidos, não se cuida de ver n'elles mais do que a exterioridade. Aprendem-se e decoram-se como uma regra de logica ou uma demonstração philosophica da immortalidade da alma. O que d'elles ha no fundo, o ensinamento geral

que envolvem, o methodo que importam, a educação grammatical fal-o passar desaperebido. A grande luz que irradiam é recebida aavez dos vidros negros d'uma escolastica inflexivel.

O que póde sahir d'aqui senão uma crystallisação cerebral mil annos atrasada na historia da humanidade, senão a mais incuravel amblyopia para uma sciencia, que foi precisamente a mesma que arrasou a escolastica do pensamento, como os jogos malabares das palavras ôcas? Que póde sahir d'espíritos assim preparados e que pensam á maneira por que se poderiam papaguear bocados de chinéz ou adorar fetiches como um negro d'África? E o que póde entrar de alma scientifica ou até mesmo de factos scientificos menos singellos em espíritos d'esses, que raciocinam fóra de todo o methodo experimental e positivo, que embulham o facto de observação com as suas idéas racionaes e as suas faculdades de intuição? Que póde resultar senão monstruoso amalgama em que se desfigura o fim de toda a sciencia—a conquista da Verdade—e se enleia conspurcado com infecundas racionalisações sem fim?

Mesmo é este dos maiores perigos da educação dos jesuitas, os mais ferrenhos conservadores da escolastica medieval. Fazem-se homens que não sabem pensar senão por moldes das velhas eras em que a sciencia, nos seus methodos e nas suas conquistas, soffria dura guerra, que a fogueira chancellava. Criam-se cabeças fóra do seu tempo e que se atordoam á primeira entrada na vida, cabeças hybridas que, encharcadas na sciencia pratica que utilizam e gosam, não concebem sequer o espirito profundo que a enlaça toda e vivendo n'um mundo aereo de principios e deducções os applicam na vida de todos os dias e veem reforçar a resistente passividade dos quadrados conservadores.

O cerebro d'um philosopho espiritalista é um cerebro anachronico, crystallizado n'uma psychologia morta, inaccessible a toda a concepção positiva, vivendo nas nebulosidades d'uma metaphysica vã, e para o qual a noção da Verdade—contra tudo e contra todos—é luz prestes a extinguir-se, se não de todo extincta. Como é possivel discutir com mentalidades assim de-

formadas, como é possível que haja factos e inducções geraes que consigam vencer aquella enorme couraça, que são as supostas verdades em que se crê porque se crê, aquella espessa blindagem que são as verdades primordiaes, alma, immortalidade, espontaneidade, que não ha demonstrações que penetrem, antes são todas torcidas e deformadas ao tocar-lhe?

É tal o grau de inconsciencia que domina estas mentalidades que chegam a mandar estudar philosophia — a philosophia d'elles — aos homens de sciencia moderna, a sentenciar-lhes que sem ella nunca saberão discutir os assumptos em litigio e a dirigir-lhes esta gravissima injuria — que seriam irrevogavelmente reprovados se tivessem de passar por um exame de philosophia! E não acreditarão, não acreditará o seraphico injuriador do *C. N.*, quando eu disser que uma approvação que eu merecesse na sua philosophia seria simplesmente — caso para suicidio!



Verdades primordiaes e verdades reveladas, tudo portanto para o mesmo cesto das coisas inuteis e prejudiciaes. Vão-se divertindo, vão, n'esses seus mundos de phantasmagorias bolorentas e kaleidoscópicas visualidades. De que serve discutir, se a umas e outras não querem submeter ao cadinho da experiencia, se não vão além de embonecal-as e pôr-lhes arrebiques á moderna — uma carcassa trajando de rapariga —, se finalmente a sua mentalidade se tornou immune contra toda a inoeculação scientifica, mercê d'aquella vaccina theologal que durante seculos de tanto lhes serviu para dominio dos povos. . . Mais valera convencer um negro acabado de sahir das selvas e que não lhes tivesse passado pelas mãos. Ao menos teriamos um cerebro virgem e não um cerebro falsificado.

PIAS FRAUDES

«Quem não póde, trapaceia», é a divisa sentida e vivida, desde tempos immemoriaes, pelo espirito theologal. A falsificação dos textos, a fabricação de documentos, sempre foi uma pratica corrente em discussões de orthodoxia e as mais injuriosas palavras que ataquem propositadas deturpações quasi que perderam a sua grave significação nas disputas entre theologos. «Calumniador, falsificador, impostor, commenta P. Bert, são palavras d'uso frequente na linguagem dos thaumaturgos e que de bom grado atiram uns aos outros, sem lhes parecerem ligar maior importancia, os que vivem da credulidade e da toleima humana. Que entre si lhes sirva de arremesso o celebre *mentiris impudentissime*, é com elles. . . .»

Nunca porém ninguem praticou a falsificação com mais entusiasmo e menos escrupulo do que os jesuitas. Já a facilidade da fraude é grande para aquelles que dentro de si veem a luz e obstinadamente recusam abrir os olhos á verdade da natureza. Com o syllogismo tudo se arma, tudo se constroe, e as coisas as mais absurdas se pódem architectar á custa de materiaes verdadeiros, do mesmo modo que ingenuas falsificações se pódem fazer sahir de factos veridicos, e até com honestidade d'alma, ainda não de todo apagada. Junte-se porém a um raciocinio tortuoso, movendo-se sobre si mesmo e sem apoio nos factos, uma moral relaxadã como nunca se exprimiu na histo-

ria da humanidade e tem se creaturas que a accusação de falsarios só acolherão com o sorriso, meio corrido, meio triumphante, da creança apanhada em maldade ou travessura.

As falsificações dos jesuitas, nas grandes questões que se tem debatido no seio da Igreja, são hoje um facto historico, não menos celebre que averiguado. Mas onde elles chegaram aos ultimos limites do impudor foi na defeza, por que sempre luctaram, da supremacia, aquella supremacia que por tanto tempo arquejou por tratar os reis como vassallos do pontifice e as nações como dependencia do representante de S. Pedro, a supremacia das coleras e das arrogancias de Bonifacio VIII : a Igreja é um estado, em que ao summo pontifice pertence o poder inteiro. A ignorancia absoluta não prejudicaria mesmo a infallibilidade ; foi dito por um jesuita que um papa muito ignorante pôde muito bem ser infallível, porque em tempos idos Deus se serviu d'uma burra para trazer os homens ao bom caminho. Refere-o Huber, professor da universidade de Munich, que por outro lado desenvolve o que, nas luctas da infallibilidade, se fez com textos, em palavras que convém repetir :

Os Jesuitas procuraram esteiar essa theoria com argumentos tirados da historia. Afim de a descobrirem na tradição antiga, não recuaram perante a falsificação. N'isto innovaram menos do que se pensa ; limitavam se a continuar em praticas desde muito seguidas na Igreja. E' assim que defenderam a authenticidade das falsas decretaes de Isidoro e constantemente se serviram d'ellas como d'uma prova em favor da antiguidade da creança na infallibilidade e na omnipotencia ecclesiastica dos papas. O Jesuita Turrianus fabricou, em apoio do systema papal, passagens que pretendia tirar dos Padres da Igreja. Bellarmino muitas vezes invocou a auctoridade do pseudo-Isidoro em favor d'esse systema: ha indicios que provam que elle bem conhecia qual era a authenticidade d'esses documentos. Defendeu e utilizou outras falsificações. De concerto com Baronius, obteve, no tempo de Clemente VIII, a introdução no novo breviario de licções tiradas do pseudo-Isidoro e militando em favor da monarchia papal absoluta ; além d'isso, alcançou a mutilação de outras passagens apoiando a opinião contraria. Sabe-se que o sexto concilio œumenico condemnou o papa Honorius. Bellarmino fez omitir o nome d'esse papa no novo breviario ; pretendeu que todos os actos do synodo relativos a esse facto tinham sido inventados pelos Gregos da edade posterior, afim de cobrir a vergonha de tantos patriarchas orientaes condemnados por heresia com a deshonra infligida a um papa conduzido à mesma categoria Bellarmino, Jan-

ner e Gretzer declararam apocryphos os escriptos de Leão II, que confirmavam a condemnação pronunciada contra Honorius. Affonso Pisanus redigiu uma historia completa e apocrypha do concilio de Trento, na idea de fortificar a auctoridade do papa. Recentemente, Jesuitas como o padre Regnon, de Paris, e outros, confessaram a não authenticidade do pseud.-Isidoro e reconheceram que a disciplina da Egreja tinha sido transformada com essa falsificação. Santarelli praticou a falsificação mais audaciosa para achar na Escripura o fundamento do poder temporal dos papas. Na passagem em que S. Paulo diz que Christo concedeu o poder espiritual aos seus apóstolos «para a edificação e não para a destruição», Santarelli supprimiu o não que precede as palavras «*in destructionem*»; poz «*ad ædificationem et destructionem*», afim de levar a crer que Deus dera aos papas o poder de fazer e desfazer os principes e os reinos da terra.» (Huber, *Les Jesuites*, trad. fr., 6.^a ed., II, p. 8).



Seguiu e aproveitou estas e congeneres licções o virtuoso jesuita que se regalou de me insultar no *C. N.* Encheria um volume esmiuçar todas as falsificações de que se valeu na pretendida critica do meu livro; são montes de notas que tenho apontadas; desde os erros de copia nas citações, destinadas a serem attribuidas a culpa typographica, até ás deturpações de palavras e idéas no mesmo período, quasi na mesma linha, até ás citações de coisas as mais santas apresentadas de modo a fazer crer em baixos sentimentos do auctor e a levantar odios contra elle, de tudo se encontra. Vou fazer uma escolha, note-se bem uma apertada escolha, e pôr algumas das peças do processo diante dos olhos do leitor. O meu principal objectivo será a brevidade. Com effeito, aqui não se trata precisamente d'uma defeza pessoal; é mais alto, muito mais alto, o fim d'este opusculo; trata-se antes de pôr em relevo que o espirito jesuitico do tempo presente absolutamente em nada desmerece do que tem sido desde que a Ordem se fundou.

Começo por dizer que aqui e alli se surprehendem, nos artigos do *C. N.*, indicios d'uma falsificação fundamental; por vezes cheguei a pensar que a defeza do espiritualismo emprenhen-

dida n'aquelle jornal era toda de apparencia e que no fundo dominava a convicção materialista. Simples descahidas? Denuncia de falsificação consciente de uma convicção philosophica? Não sei. O leitor apreciará estas duas notas, que separo de muitas outras:

Hoje, porém, esta theoria está abandonada, e a celebre phrase de Virchow: *omnis cellula a cellula et in cellula* — isto é, *toda a cellula nasce d'outra e noutra*, tornou-se um axioma physiologico. O Dr. Vigouroux (*Traite de médecine*, t. 1, pag. 264) observa judiciosamente que é mister exceptuar a primeira cellula viva que appareceu no mundo. (C. N., 1868).

Aquelle «judiciosamente» é uma verdadeira preciosidade. Admittir, em opposição á Biblia, que houve uma primeira cellula que appareceu no mundo, é rejeitar por um lado a criação tal como a refere aquelle santo livro: no 3.º dia as hervas, no 5.º os animaes que nadam e os animaes que voam, no 6.º as bestas da terra e o homem; é por outro lado fazer confissão de transformismo. Que ao sabio padre façam muito bom proveito as descomposturas de Mgr. de Ségur.

A outra confissão que quero apontar ainda é mais preciosa. E' a confissão materialista levada ao seu ultimo extremo — que é o fatalismo dos phenomenos naturaes:

O mathematico eminente que conhecesse perfeitamente o numero de elementos que formam actualmente o universo, a posição relativa dos mesmos, a quantidade total de energia existente no universo e em cada elemento e a orientação de todos os agentes naturaes esse mathematico sublime seria capaz de formular em um immenso systema de equações differenciaes a lei evolutiva do processo mundano, e percorrendo as phases preteritas d'esse processo chegaria á concepção do cahos primitivo, e nesse cahos contemplaria extatico a ordem actual em sua fonte primigenia. (C. N., 1.927).

É, totalmente desmarcado, o pensamento de Leibnitz,—apenas invertido. O grande philosopho partia dos elementos da materia e do movimento de cada um d'elles, no cahos primitivo, para pensar que, se houvesse intelligencia tão vasta que pudesse abranger o universo, a totalidade de materia e de energia em todos os seus pormenores de movimento, uma tal intelligencia conceberia o futuro na sua integridade e até aos seus

ultimos pormenores. É precisamente a noção determinista ou fatalista. Nenhum phenomeno se produz senão como resultante mathematica de outros e só adoptando esta lei fundamental é que se pôde conceber a possibilidade de retrogradar do existente até ao cahos primitivo ou do cahos primitivo tirar o programma inteiro, no espaço e no tempo, dos phenomenos do universo. Como conciliar esta noção, que o padre do *C. N.* offerece como sua, com a idéa de interferencias arbitrarías, no mundo physico ou no mundo vivo, em particular com a acção providencial e com o livre arbitrio? A transcripção feita tresanda a heresia; por menos do que isso houve quem se sentisse assar nas fogueiras inquisitoriaes. Digam ao bom do padre que se acautelle; ninguem sabe o que será o dia de amanhã e se teremos a consolação de novos autos de fé.

Vamos porém ver as falsificações de texto do honrado sacerdote. Como disse, ha-as de todos os feitios e pena é que não as possa ordenar em classificação que melhor as puzesse em relevo. A *Arte de furtar* precisa ser irmanada com uma *Arte de falsificar* e Antonio Vieira, que tanto sabia de casa, devia ternos prestado esse grande serviço, que tão facil lhe era.

Algo tentaremos n'esse sentido, ao menos para tornar menos arida a exposição que vae seguir.

Assim temos em primeiro logar umas falsificações á socapa, umas insinuações adrede feitas para fazer crer umas coisas que realmente não estão no texto e que por isso mesmo sempre se podem negar. Quem se limitar a ler a phrase de Du Bois-Reymond referente á arvore phylogenetica de Haeckel:

Essa arvore, diz DU BOIS-REYMOND (*Revue scientifique*, 1877, 1, 1161 II) tem perante a sciencia, pouco mais ou menos, o mesmo valor que as genealogias dos heroes de Homero perante a historia. (*C. N.*, 1853)

ficará pensando que o eminente physiologista de Berlim era adversario decidido do darwinismo e todavia nada mais certo do que ser d'elle esta phrase tão singella e ao mesmo tempo, tão eloquente:

Para mim, Darwin é o Copernico do mundo organico. (*Le Monisme*, pag. 42).

Isto todavia é a infancia da arte. Onde ella começa a tornar-se d'uma habilidade verdadeiramente jesuitica, é quando o padre sabio do *C. N.* vae buscar por todo o ambito das tresentas e tantas paginas do meu livro phrases soltas, quasi palavras destacadas, apanha aqui, pilha acolá, bifa além, e depois reune tudo isto com dextra mão e offerece a serzidura como vivo modelo das contradicções em que me deixo arrastar. São duas series de serzidos de retalhos postos em opposição e que realmente se contradizem. Para que se calcule porém o processo, basta referir que no primeiro extental de trapos sou fatalista, no segundo pronuncio-me pelo livre arbitrio; n'este segundo, por exemplo, a palavra *liberdade*, que no texto tem o claro sentido de liberdade politica, na serzidura é offerecida como referindo-se á vontade livre. E depois da insigne proeza, que vem logo no 1.º artigo (*C. N.*, 1851) e pela extensão não póde ser transcripta, pergunta-se caridosamente se quem escreveu aquellas coisas estava doido ou em violenta crise alcoolica. Dado que os materiaes são meus e a arrumação é do padre, eu sempre perguntarei, muito pacificamente, quem é que se embriaga, aquelle que vende o vinho ou aquelle que o bebe até cahir?

É o processo seguido em *todas* as citações, esse processo da serzidura. Pulverisa-se o texto e com a pocira se argamassa novo texto, em que, por entre as minhas proprias palavras fragmentarias, se mettem parenthesis com palavras de casa para acertar a redacção do novo texto. Para dar a medida do processo, basta dizer que em cerca de meia col. do *C. N.* chegam a metter-se citações de 15 ou 20 pontos differentes: por exemplo, no n.º 1854, 1.ª col., estão pedaços, de meia duzia de palavras apenas, d'estas paginas e n'esta ordem: IX, 349, 238, XI, 80, 168, 171, 310, 61, 344, 81, 4, 190, 338, 328, 329, 338, 190, XII, 236, 9. É o espirito theologal apanhado em flagrante. E de mim pergunta o padre se estarei doido. . .

Deixemos porém as amabilidades sacerdotaes, a que espero não ter de voltar, e vejamos a terceira categoria de falsificações — a truncatura. A mesma pericia. Por exemplo: no meu livro, exponho uma defeza possivel do espiritalismo e faço-a prece-

der das seguintes palavras que bastam bem a mostrar que não é a minha opinião que exprimo (pag. 11):

Espiritos conciliadores pensam :

estas palavras são amputadas pelo honrado padre na transcripção, aos pedaços, do restante texto (*C. N.* 1855).

No meu livro escrevo (pag. 7):

Procurar chegar á essencia das coisas, mesmo á origem do existente, não é fazer metaphysica. Metaphysica é tental-o hoje, que seria tental-o sem asas.

E ao mesmo tempo que se vae citando errado— pag. 11 em vez de pag. 7—vae-se cortando a palavra *hoje* (*C. N.*, 1877), para se poder affirmar que os materialistas se julgam, por confissão propria, desobrigados de provar as suas asserções...

No prologo do meu livro, pedi (pag. xii):

a benevolencia da critica — para a fórma, não para o fundo ;

as ultimas palavras são honradamente surripiadas (*C. N.*, 1854) para que se possa dizer que eu peço a benevolencia, a pag. xii, porque penso, a pag. 190, que o cerebro do homem anda meio á toa e portanto assim anda o meu proprio...

No genero sonegações— muito me ensinou este padre em arte de falsificar!— ha coisas verdadeiramente extraordinarias, Apprecia elle a seu modo, em dois curtissimos artigos — sejamos amaveis — a questão da mastigação, que eu considero como um acto automatico. No texto está muito expresso que *se pôde* mastigar tendo o pensamento alheio ao acto, que então se desenrola inconsciente. Escrevo mesmo d'elle, o que de resto não era preciso, que (pag. 134):

E' um acto que segue fatalmente quando o cerebro funciona com outros encadeamentos, isto é, quando pensamos n'outra coisa ; mas mesmo então, na plena inconsciencia...

E segue a analyse physiologica do acto inconsciente. Pois discute-se como se eu dissesse que a mastigação é *sempre* realisada na inconsciencia :

O nosso manequim-homem é, pois, um desalmado, e tão estúpido

que nem sabe que está comendo, mastigando e engolindo ; porque todos esses phenomenos são *inco.scientes!*

Eis ahi uma descoberta de primeira ordem. Quando se come, ninguém *experimenta* (consciencia directa) nem *sabe* (consciencia reflexa), que tem comida na bocca e que a está mastigando ; e não obstante uns dizem que a comida lhes sabe bem, outros que lhes sabe mal, mas pedem mais, outros dizem que já estão satisfeitos. (C. N., 1888).

Tão mentiroso como isto é o modo como se deturpam ás claras as opiniões dos auctores. O padre cita muito Cl. Bernard, porque lhe faz conta, sendo como é o exímio experimentador o mais insigne exemplo das tergiversações, duvidas e hesitações, em que tombam os espiritos excessivamente analystas quando tem de chegar ás ultimas induções, sobretudo quando tomam a serio este ridiculo papel de guarda das instituições sociaes, que realmente não precisam ser guardadas. Citando a Cl. Bernard, escreve-se no artigo do n.º 1892 do C. N.:

Cl. Bernard regeitou o principio da autonomia dos elementos anatomicos (*Phénomènes de la vie*, pag. 356) e sustentou a subordinação d'esses elementos ao conjuncto, porque cada elemento anatomico tem uma função e logar determinado no plano morphologico de cada ser vivo.

Abrem-se a pagina 356 os *Phénomènes de la vie* de Cl. Bernard, o 1.º vol., convém dizer, e acha-se:

De modo geral, podemos dizer que o elemento é *autonomo* por possuir em si mesmo e em virtude da sua natureza protoplasmica as condições essenciaes da sua vida que elle não vae buscar nem subtrae aos vizinhos ou ao conjuncto; por outro lado, está ligado ao conjuncto pela sua *função* ou pelo *producto* d'essa função.

E aqui está como Cl. Bernard rejeitou a autonomia dos elementos anatomicos, que em si contem as *condições essenciaes* da sua vida.

Outro processo de falsificação usado pelo honrado padre é o accrescentamento de casa, que ao depois lhe serve para a discussão e para o triumpho. Exemplo, cita-se um trecho meu e intercalam-se parenthesis do auctor do artigo:

Continuemos a citação: «Se no mesmo meio (e pelas mesmas causas deveria accrescentar) podessemos de continuo fazer o desdobra-

mento do ácido chlorhydrico em chloro e hydrogenio, a recomposição dos dois productos, a sua nova decomposição e assim por deante. teriamos, em simples (!!!), o mesmo que nos corpos vivos se observa (pag. 28). (C. N., 1864).

Dizem-se coisas varias e quando pôde ter esquecido que as *mesmas causas* são enxerto sacerdotal, escreve-se:

Proponha o Sr. Dr. a um chimico um grande premio se elle no mesmo meio e pelas mesmas causas lhe realizar alternada e successivamente a decomposição e recomposição da agua... Um sorriso desdenhoso será a resposta. (Id.)

Lisura, até aqui.

Um sexto processo de falsificação é aquelle em que se deixou de lado toda a cerimonia e se inventa por completo. Exemplos: falando da epilepsia e da hysteria com douto conhecimento a não poder ser mais divertido, escreve o virtuoso padre:

O Sr. Dr. parece ignorar tudo isto, attribuindo essas doenças á pobre energia vital, seguindo o velho aphorismo do Dr. Pidoux para quem as doenças nasciam espontaneamente no organismo e do organismo. «A doença, dizia, está em nós, procede de nós e por nós.»

Felizmente a sciencia moderna já deitou tudo isso por terra, e vemos as e-colas de medicina perfilharem cada vez mais a opinião da origem externa das doenças, cujo melhor preventivo é muita hygiene e poucos remedios. (C. N., 1879).

O demonio do padre, que até sabe metter a sua colherada em pathologia! Muita hygiene e poucos remedios! Por mim, opino d'outro modo: parece-me com effeito que a novena da Sr.^a da Conceição se devia fazer em dez dias e não em nove, como tão erradamente se procede hoje. . E ao mesmo tempo que discute pathologia e therapeutica, vae o honradissimo padre falsificando as opiniões dos outros attribuindo-lhes coisas que não disseram, que não podiam ter dito, que elle mesmo nem chegou a comprehender que nunca podiam ter dito!

N'outro ponto, attribue-me uma *personificação* de leis naturaes, e disserta gravemente sobre o caso, sem comprehender sequer a impossibilidade para um physiologista moderno de

imaginar uma tal personificação, mesmo uma personificação qualquer em energias, relações ou princípios scientificos!

Esta personificação das leis naturaes, tão do agrado de Philibert (*Du principe de la vie*, pag. 40, 41, 60...) pode ter cabida na poesia, mas em um livro de sciencia é indício manifesto de ignorancia. (C. N., 1883).

É ou não é um honrado padre sabio!

Outra categoria de falsificação vem a ser estabelecida pelos factos em que uma phrase citada é exacta e apoz longo arrasoado apparece deturpada litteralmente de modo a servir ao desenvolvimento de profundas considerações salpicadas das injurias que sabemos. Escrevi eu e está citado certo, salvo por menores, como a orthographia e o sublinhado de certas palavras, que não são meus, — comprehende-se porém que se não queira perder a mão (p. 37, 38) :

Pois bem, na impossibilidade de manter a força vital na vasta amplitude de eras passadas, procura-se a vida numa ordem, numa direcção num plano escripto *não se sabe sobre qué e vindas não se sabe d'onde.*

Está assim copiado o meu texto a meio artigo do n.º 1872. Mas logo no artigo immediato, quasi no fim, escreve o liso e descerimonioso articulista :

Mas quem escreveu ali esse plano, pergunta o Sr. Dr. ? (C. N., 1873.)

E os admiradores do padre, que são os redactores do C. N., mais os quatro leitores que o jornal tem, a dizerem que é um homem liso e de rectas intenções!

Esta pura deturpação é feita á socapa. Mas ha outras do mesmo grupo que veem ás escancaras e são d'uma ingenuidade que é de lamentar... nos que admiram o sabio philosopho-physiologista. Veja se este trecho — pegado :

Ahi vae a explicação do sr. Bombarda e peço aos leitores que reparem bem nessa explosão de ignorancia: «*seja, porém como fór, esta afinidade chimica, que se traduz hoje mecanicamente pelos movimentos vibratorios dos atomos dos corpos e respectivas atmospheras ethereas — porque cada atomo é supposto ter um involucro de ether imponderavel condensado — esta afinidade chimica é a*

base das reacções infinitamente complexas que se passam na materia inerte» (fig. 22). A afinidade chimica é, pois, o movimento vibratorio dos atomos, e com atomos e movimento vibratorio tudo se explica no mundo inorganico. (C. N., 1860).

O celebre Roubert-Houdin não faria com superior habilidade de mãos a passagem d'aquelle *traduz-se* para o *é* que logo apparece. Outro exemplo de passe-passe :

O Sr. Dr. fala ainda de fórmãs inharmonicas, que succubiram por estarem mal constituidos os seus elementos «para a conservação do todo». Mas esse desaparecimento de fórmãs inharmonicas em via de evolução para typos definidos e bem constituidos é uma pura *ficção* desmentida pela paleontologia. (C. N., 1883).

E segue a demonstração baseada n'aquelle *em via de evolução para typos definidos e bem constituidos*, que honradamente foi mettido pelo honradissimo padre.

Ha finalmente um grupo de falsificações que devem ficar á parte de todos os outros pelo fim que se teve em vista. De nada menos se trata do que de fazer crer que da minha penna sahiram insultos á miseria e á desgraça, que dá minha penna sahiu uma moral infame. Os leitores vão julgar e dirão o que é moralmente o homem que chega a acções d'estas. Escrevi eu, n'aquelle quasi desesperado anejo pelo bem tereno do homem que é o ultimo capitulo do meu livro (p. 345) :

O contrario d'isto é que é a verdade. Se as sociedades se teem salvo e teem progredido, é porque no fundo mesmo do pensamento do homem, no intimo das instituições sociaes, no amago das ordenações religiosas, a idéa da necessidade das acções, da subordinação do homem á sua natureza e ás circumstancias em que esteja, se levanta imperiosa e inilludivel.

E o padre escreve :

O principio fundamental do materialismo, altamente proclamado pelo sr. Bombarda, é que o homem, em suas acções, deve obedecer «á sua natureza e ás circumstancias em que esteja» (p. 345). Ora não ha malvado algum que não tenha seguido á risca este principio. (C. N., 1930.)

Dissera eu, falando da desigualdade dos cerebros e do melhor meio de fomentar a felicidade da raça, a deteza contra angustias e afflicções, a protecção intelligente contra a doença e a morte prematura (pag. 234) :

E o que vemos? Que ao lado de um espirito genial e de centenas de homens de talento, contam-se por milhões os inúteis, os improductivos, as bestas de carga, os carneiros de Panurgio, os que padecem miseria e fome, e vivem e morrem na orphandade e no sofrimento.

Não é verdade que por estas palavras perpassa um infinito de dôr? Pois o honrado padre, referindo-se ao *vulgo idiota e apaixonado* (palavras d'elle), a quem eu quereria fazer crer que uma alma magnetica ou calorifica e um principio vital são hypotheses do mesmo qui'ate, escreve:

Para essa gente, que o sr. Bombarda mimoseia com os epithetos de *inúteis, de improductivos, de bestas de carga, de carneiros de Panurgio* (pag. 234), a argumentação é surprehendente. (C. N., 1900).

A indignação que me moveram taes falsificações do padre traduziu-se pela palavra que está no pensamento de todos que me leem. Era a revolta como que instinctiva de quem se vê tão gravemente calumniado. Hoje porém que a rasão venceu, não lhe quero mal. Elle não tem a culpa de que lhe tivessem deformado o cerebro, que poderia vir a ser o d'um homem prestimoso e liso, n'uma coisa monstruosa até á inconsciencia da gravidade do crime commettido. Quem sabe? Seria talvez, se o não tivessem arrebanhado como a tantas outras creanças humildes que o jesuitismo está devorando, seria talvez um honesto trabalhador, vivendo serenamente com a companheira do seu amor e deixando n'este mundo filhos que lhe honrassem a memoria e tivessem o seu prestimo social. A Ordem porém torturou-lhe o pensamento na educação escolastica, nos exercicios espirituaes, n'uma moral assombrosa, n'um caminho de vida tortuoso, n'uma esterilidade absoluta do coração, n'uma obediencia servil aos superiores, n'uma total annullação da propria rasão, — e cil-o procedendo como a Ordem manda, desleal na contenda, falsificador de textos e falsificador até ao termo da calumnia mortal!

Eu perdôo-lh'o, porém, e de todo o coração. Sinceramente, o padre não tem a minha colera, tem a minha compaixão. E uma victima, não é um criminoso.

A SCIENCIA JESUITICA

Ninguem recusa sciencia aos jesuitas. A começar pelos mais intransigentes adversarios, todos julgam que das casas da Ordem sae uma instrucção solida, um ensino todo moderno de factos scientificos, eivado, é verdade, de doutrinas reaccionarias, mas ao menos de uma solidez a toda a prova. Esta reputação tem até constituido o successo da educação jesuitica. Homens liberaes, que nunca deram a mais leve mostra de fraqueza nos seus principios e nas suas crenças, não hesitam mesmo em fazer educar os filhos nos collegios dos padres, persuadidos de que o manto de religiosidade excessiva e de espirito retrogrado, que de lá possam trazer os rapazes, acabará cedo por se desfazer no uso da vida, com os attrictos de toda a hora no seio d'uma sociedade livre. Assim, julgam tirar o maximo lucro d'uma educação, em que a mais cuidadosa instrucção seria elemento seguro.

Eu mesmo, quando comecei a ler os artigos do *C. N.*, pensei ter diante de mim um adversario rijamente armado com toda a sciencia moderna, rico dos mais fundos conhecimentos de alta physiologia, inteiramente apossado do espirito scientifico de hoje e capaz portanto de combater as inducções geraes dos biologistas como ninguem, porque ao saber juntava crenças religiosas e uma fé viva que aos mais pobres dá, senão rijeza d'alma, pelo menos indomavel tenacidade. Os nomes mais celebres

da sciencia biologica de ha vinte ou trinta annos eram citados a cada passo; manobrava-se com Haeckel, Virchow, Darwin, Cl. Bernard, Du-Bois-Reymond, como se foram velhos conhecimentos; apenas nenhuma citação dos biologistas dos infinitamente pequenos, dos biologistas do microscopio, que teem reconstruido a sciencia da vida sobre a base dos seres unicellulares — os Verworn, Hertwig, Engelmann, Pfeffer, Mendelssohn, e tantos, tantos outros, que vieram dar inesperada confirmação ás theorias mais geraes da vida; do mesmo modo que n'outro campo se não citavam nunca os Ziehen, os Ramon y Cajal, os Waldeyer, os Kölliker... que construíram as doutrinas psychologicas modernas ou lhes forneceram o mais solido fundamento. Mas quê! O adversario estaria um pouco atrasado, parecia mesmo escrever ahi por 1870, mas a sciencia de ha vinte annos já era extraordinariamente rica.

Em breve porém me desilludi, e confesso que o sorriso que commigo entrára ao ler a apresentação do escripto feita pelo jornal (*C. N.*, 1851) não tardou em resurgir. Nada mais alegre, com effeito, do que a prosa preambular. Era de ver o modo sobranceiro por que se tratavam homens que teem sido os grandes impulsores da sciencia da segunda metade d'este seculo. Todos aquelles que teem seguido na piugada materialista d'este tempo, aquelles que teem aberto as mais largas vias á sciencia despreoccupada de crenças metaphysicas, seriam sabios de terceira ordem. Os Moeschott, os Haeckel, os Verworn, os Vogt, os Büchner, quasi nullidades no campo da sciencia! Era bem caso para rir.

D'ahi a pouco chegou a vez do escriptor da *Evisceração*. Surprehendido ao principio, não tardei em me encher da mais beata satisfacção, ao desenrolar das amabilidades que com graciosa sem-cerimonia o auctor atirava para a direita e para a esquerda, sobre homens que todo o physiologista aprendeu a admirar e venerar, pelo valor dos seus trabalhos de laboratorio ou pela grandiosidade das suas concepções scientificas. É ver este espectáculo que n'um seculo se não repetirá: Haeckel é um myope que se lança a todo o galope pelas vastas campinas do absurdo e do ridiculo (*C. N.*, 1852). Goltz é um idiota (1862).

Büchner um falsificador (1871). Descartes um observador superficial (1861). Helmholtz um inepto e um insensato (1879). Beaunis um demente (1882) e um ingenuo (1900). Darwin um naturalista nem serio nem consciencioso (1882). Cl. Bernard uma bella intelligencia esterilizada pelo empirismo animal (1885). Herzen, tão audaz como inconsequente, cahindo em grosseiras contradicções (1889). Mathias Duval um ignorante presumpçoso (1907). E para coroamento troça-se de Moleschott, um dos espiritos mais eminentes do nosso seculo scientifico (1902).

Era caso para arripios pensar no que me esperava. Primeiro como injurias — e não me foram poupadas, ignorante, calumniador, defensor de assassinos, não sei mesmo se malfeitor. Depois como sciencia — e toda a que havia desabou sobre a minha pobre cabeça . . .

Ora vamos a ver a sciencia d'este padre sabio, que tanto pensa de si e tão pouco dos outros, que, berrando que é uma vergonha ser um lente de physiologia tão ignorante na sciencia que professa, muitas vezes se dirige a mim proprio a ensinar-me a physiologia d'elle. Vae-se ver que é das coisas mais divertidas que podem empregar a lettra redonda. Mas vae-se ver tambem o que é a sciencia que se ensina no collegio de que é professor este mestre que me cae dos ceus aos trambulhões. O padre, que se metteu por cavallarias altas de sciencia e que não o podia fazer sem auctorisação dos superiores, é por certo da fina flor do jesuitismo que reside em terras portuguezas e fala a lingua d'este paiz; não digo jesuitismo portuguez, porque se sabe que o jesuita não tem patria. E sendo assim, o que serão os outros e o que será o ensino professado em collegios de jesuitas . . .

Devo prevenir que as notas que seguem são apenas bocados separados de montões de apontamentos que apurei. Não me julguei no direito de fatigar o leitor. Apenas o essencial vae ser dito para que se possa fazer juizo seguro do que é a sciencia professada por jesuitas, até em coisas elementares. Quem quiser conhecer mais, tem aqui á sua disposição uma colleção do *C. N.* abundando em traços vermelhos que nem estrellas no ceu.



Em primeiro lugar, se as idéas geraes que constituem a conclusão do meu livro são atacadas com verdadeiro luxo de imprecizações, os factos scientificos que por elle se desenvolvem de principio a fim são como se não existissem. Esses factos, não os escolhi á toa, mas, seleccionados de entre os mais significativos, foram agrupados de modo a gradualmente conduzirem á conclusão final. Não eram mesmo precisos quaesquer commentarios. Bastava a sua apresentação e a sua ordenação graduada por complicação crescente, para que espiritos despreocupados de idéas primaciaes, de preconceitos *à priori*, n'elles encontrassem a luminosa significação que não ha barafustamentos intellectuaes que consigam occultar.

Pois bem, toda essa enorme somma de dados de sciencia positiva, colhidos da observação e da experiencia, passam de todo desaperecebidos á critica com que o meu livro foi torturado. Dir-se-hia que o auctor da *Evisceração* não comprehendeu os factos e a sua significação ou, se os comprehendeu, os occultou na sua critica, não viessem elles desmanchar a architectura de papelão em que a tinha armado. Eu vou antes pela primeira hypothese, visto que o padre não conhece as coisas mais rudimentares da sciencia, — e vae-se ver, — nem mesmo tem capacidade para as comprehender n'aquella barafunda mental, em que vive, do syllogismo e das metaphysicas, que para o caso são o mais perfeito isolador. Ha surdos intellectuaes, sujeitos com quem se não póde discutir, absorvidos como andam na batalhação com a sua idéa fixa que não permite a chegada de argumentos contrarios. E' tambem o caso. Com o cerebro a referver em almas, immortalidades, espontaneidades da vida e outros mirificos metaphysicismos, estes novos surdos intellectuaes são incapazes de receber a verdade scientifica que possa abalar a idéa de que estão impregnados. Fatalmente não é a idéa que cede, é o facto que se torce. E' precisamente como nos aliena-

dos apossados por uma idéa fixa, á qual tudo é reduzido do mundo exterior e da vida interior; a idéa fixa é o sol que nunca se apaga d'aquellas pobres intelligencias: não ha nuvens que o occultem, não ha occasos que o subtraiam á contemplação; as nuvens e os occasos não existem; não ha noites nem sombras do dia; ha sempre, com o mesmo fulgor e brilho, o sol que os põe em extasi. E' tambem o caso dos que physiologicamente vivem n'esta fórma de sentimento e idéa fixa — a paixão, em que ao aneio por uma creatura se sacrifica todo o existente, se falsificam as verdades mais patentes.

Aqui não se envolve nenhuma idéa aggressiva. Não ha senão a constatação d'um facto psychologico inilludivel, que de muito longe vem traduzido na fabula do astrologo — como facto. Apenas o astrologo se absorvia na contemplação dos astros e aqui o cerebro está impregnado de concepções especulativas e de modos de ver e de modos de pensar que o fazem tapado para tudo que não seja metaphysica e demonstrações grammaticaes, syllogismos e introspecções analyticas, bordados de consciencia reflexa e directa e outras zaranzices logomachicas da psychologia das escolas.

O que é facto é que, sendo o meu livro dividido em 21 capitulos, 15 ou 16 estão intactos sem que a menor beliscadura viesse alterar o valor ou a veracidade dos factos expostos e a sua interpretação, e aqui se contam precisamente aquelles que contem a obra que dá alicerce inabalavel á sciencia do tempo presente. O padre não avança contra o mais infimo dos factos scientificos que em majestosa corrente se espalham por 300 das 352 pag. que o livro abrange. Nem as analyses psychologicas modernas, que estudam sobre a base da physiologia nervosa a vida consciente e a vida inconsciente do cerebro; nem os factos que levam a admittir um determinismo psychico tão nitido como o determinismo dos outros aspectos da vida; nem o estudo das reflexas nervosas, com a illuminação poderosa que modernamente lhe trouxe a noção dos neurones; nem as observações que parecem levar a concluir, sobre as mesmas bases que a observação superficial do homem, um livre arbitrio nos protozoarios, nos animaes sem cerebro, nos animaes inta-

ctos e no proprio homem; nem o mecanismo modernamente concebido da actividade psychica; nada, absolutamente nada é chamado para objecto de uma critica de facto ou de interpretação.

Talvez, em toda a serie de artigos, nem uma vez se citem neurones ou protozoarios, como nem uma só vez se estudam as bases do determinismo psychico ou as relações anatomicas, physiologicas e pathologicas que põem o cerebro, no ponto de vista da sua funcção, precisamente ao mesmo nivel do figado ou dos rins.

Não me glorio d'isso, que não fui eu o descobridor dos factos. Apenas quero que fique bem assente que a fina flor dos jesuitas vive apossada de tanta sciencia moderna que, em enorme alluvião de dados de observação e de experiencia, não encontra um unico que cite sequer, quanto mais que conteste na sua veracidade ou na sua interpretação — salvo apenas quando appellida Goltz de idiota a proposito da sua celebre experiencia do cão sem cerebro.

E' altamente eloquente este cauteloso silencio. Nem a prudencia é qualidade que alguma vez se tenha contestado a jesuitas. Mas possuimos provas mais positivas do que póde valer a sciencia d'um collegio jesuita, a traduzil-a pela que se expreme d'este seu sabio representante. E' em alta sciencia como em sciencia elementar. E sinceramente pensamos que nunca com pretensões scientificas se desenrolou mais triste extendal do que é uma sciencia colhida de momento e de momento deturpada. Talvez esteja ahi uma das rasões por que no ensino superior, desde muitos annos, se vem notando extranha decadencia no preparo dos estudantes. Por muito tempo se pensou que a origem do mal estivesse no empobrecimento do ensino dos lyceus que até ha pouco — hoje não sei — era facto innegavel. Mas eu pergunto aos meus collegas do ensino superior se, em presença das miserias que lhes vão passar sob os olhos, não terá algum fundamento a suspeita que acima avanço.



Se ha facto assente na sciencia é que aquillo que á falta de melhor se chamam as forças physicas é susceptivel de reciproca

transformação. E não é facto que tenha ficado estreitado ás concepções de qualquer sabio ou aos ensaios de qualquer laboratorio, mas facto que entrou na pratica corrente e tem constituído uma das principaes alavancas de todo o progresso da physica moderna e até da moderna industria. No amago mesmo das invenções electricas do tempo presente está o principio da correlação das forças physicas; sem elle, ainda estaríamos longe da revolução que é um dos caracteres praticos d'este findar de seculo; sem elle, as applicações industriaes em pratica usual nos povos civilisados ainda estariam nos nimbos do futuro. E' demais um principio demonstrado com a solidez que se não pôde exceder em demonstração scientifica e finalmente entra em jogo a todo o momento, como factor inseparavel de todos os problemas praticos da industria moderna. Pois bem, o principio da transformação das forças, que até chega a medir-se por numeros de toda a exactidão, é uma hypothese! e uma hypothese recente!

A fórma, porém, do materialismo varia á medida que o progresso das sciencias naturaes lhe subministra um traje mais á moda. A hypothese recente da equivalencia e transformação das forças physicas e o transformismo de Darwin são, neste ponto, dois grandes auxiliares do materialismo. (C. N., 1852).

A transformação das forças physicas é uma hypothese! O que não é hypothese, antes um facto certo, que o diz a «profunda intuição» do homem, é o principio da immortalidade da alma. Vê-se como aquelles que recebem tal ensino vão bem preparados para comprehender os factos physiologicos que levam a incluir as manifestações da vida no principio da transformação das forças.

A mesma comprehensão do facto demonstrado se encontra no seguinte exemplo:

E' opinião provavel que os movimentos musculares são proxima-mente determinados por combustões internas, cujo calor se transforma em movimento, ou pelo menos é uma condição necessaria para o musculo poder funcionar. (C. N., 1891).

Deixando de parte aquelles *movimentos* musculares que o sa-

bio padre escreveu por *contrações* musculares e accitando a palavra combustão no sentido que se lhe dá em physiologia, aqui temos heresia do mesmo calibre do último exemplo.

Comprehende-se que não se accite a combustão senão como condição necessaria, e é assim, mas receber esta noção apenas como opinião provavel, mostra á ultima evidencia a incerteza d'um espirito para quem sómente são casos certos as patranhas que se lhe grudaram á cellula cerebral quasi desde o nascimento e que de todo a impermeabilisaram para os factos da demonstração experimental. Hypotheses! Hypotheses mais ou menos provaveis principios e factos scientificos da mais positiva demonstração! Não se excede em heresia scientifica. . .

Estamos aqui a ver o fundo mesmo do ensino das sciencias feito pelos jesuitas. Decoram-se os factos, mas a sua alma é obscura ou falsificada. A transformação das forças ou a combustão muscular são puras idéas hypotheticas, porque é preciso esmagar no embryão o futuro immenso de livre pensamento que uma e outra envolvem.

Estas deturpações porém podem ser consideradas como voluntarias e propositadamente realizadas no espirito da seita. Mas ha outras que revelam tal inintelligencia, tal inaccessibilidade a coisas vulgares ou accessiveis a espiritos mediocres, que se chega a perguntar o que vem a ser a tão afamada esperteza da Ordem, que no dizer de muita gente boa só seria constituída por cabeças de primeira escolha. Vão-se ver os espiritos assim revelados e ha de ficar-se assombrado de como um cerebro póde ser alterado, estragado, por apropriada educação, e como, assim transformado, ainda póde affectar as apparencias da normalidade. . . Eu não penso que possa deparar com grandes surpresas em observação psychiatrica, e todavia deixo-me ir á estupefacção em presença d'estas especiaes modalidades de pensamento, que só hoje fiquei conhecendo um pouco. Os factos mais demonstrados em sciencia são hypotheses e ao lado chegam a não comprehender, até pela rama, as coisas mesmas que soffrem os seus turbulentos ataques.

Combatendo as modernas doutrinas universalistas, parece com effeito que deveria ser primeira condição comprehendel-as.

Ora aqui está como as comprehende quem tão desbragado é no ataque:

No monismo tudo se reduz a materia e movimento, e se os monistas falam de *energias*, essas energias não tem outro effeito senão fazer vibrar os atomos, approximal-os ou separal-os. (C. N., 1862).

Isto é claro. Parece que os monistas admittem alguma coisa de exterior aos atomos e não se chega a comprehender que a palavra *energia* só é adoptada para commodidade da exposição, como tantas outras, força, espirito, etc., e que energia é o proprio movimento.



Entremos porém no campo annuciado dos puros erros em sciencia. Vão quasi sem commentarios, que as coisas scientificas estão já hoje bastante vulgarisadas, e por outro lado trata-se pela maior parte de factos bastante elementares, para que seja superflua uma critica mais minuciosa.

As acções chemicas destroem os corpos brutos e transformam-nos em outros totalmente differentes; na materia viva, ao contrario, essas reacções augmentam-na, conservam-na e multiplicam-na. Não pôde haver signal mais evidente de que, na materia viva, essas acções chemicas estão sob uma direcção superior, que as cohibe, ordena, domina e eleva a um fim e modo de acção inteiramente contrarios ás leis do mundo inorganico. (C. N. 18661.)

Pois quem escreve isto não saberá que o organismo vivo está em continua destruição e que os corpos brutos, pelo facto das reacções chemicas, podem augmentar, conservar-se e até multiplicar-se? Que no organismo vivo ha continua producção de uréa e CO₂, productos de destruição, e que no laboratorio ou fóra uma reacção chimica pôde augmentar indefinidamente um dado corpo e que um crystal se pôde multiplicar como uma ameba, a qual se não multiplica—fundamentalmente—senão por que se divide em dois fragmentos eguaes?

Vejamos porém ainda melhor. Melhor como erro scientifico,

melhor como desconhecimento do que n'estes ultimos vinte annos se tem feito em sciencia, melhor emfim pela significação que se quer dar ao facto... errado :

Mas ainda neste terreno convem observar que os corpos organicos fabricados pelos chimicos differem dos corpos organicos fabricados pelos seres vivos. Berthelot (*Science et philosophie*, pag. 51), julgava-se auctorisado a conceber «a esperanza legitima de poder fabricar todos» os compostos organicos, ainda os que por serem immediatamente assimilaveis pelo organismo (como são albuminas, assucares, dextrinas, celluloses, etc.) são chamados *principios immediatos* dos seres vivos, e Milne-Edwards (*Leçons de physiologie*, t. 14, pag. 256) não hesita em afirmar que «Berthelot conseguiu de facto reproduzir artificialmente a maior parte d'esses principios immediatos.» Mas o immortal Pasteur mostrou muito bem que esses pretendidos productos organicos eram inteiramente destituídos do poder rotatorio, inherente aos que são formados pelos seres vivos, e que, portanto, deviam ser antes considerados como contrafeições que como verdadeiros compostos organicos superiores. (C. N., 1857).

Desculpem-me estas longas transcripções, mas só ellas são as transcripções leaes. E note-se mais uma vez que na *Evisceração* nem um unico trêcho meu é assim francamente copiado; só as phrases amputadas, as palavras soltas, os retalhos que sabemos, isto é, os processos que melhor acertam com a alta moralidade dos jesuitas.

Voltemos porém ao poder rotatorio. O padre ignora que a distincção entre productos organicos e productos de laboratorio, baseada no poder rotatorio, está por terra ha longos annos. Encontra-o em qualquer livro elementar e sabe-o o mais mediocre estudante de chimica. E' preciso citar?

A isomeria propriamente dita representa grande papel em chimica organica. os exemplos talvez mais proprios a estabelecer claramente a realidade do facto são tirados da existencia dos corpos dotados do poder rotatorio. Durante muito tempo, a mesma existencia d'esses compostos pareceu característica dos seres organizados e a sua formação recusada á synthese. Mas esta ultima barreira acaba de ser passada : o sr. Jungfleisch formou experimentalmente e na integra (isto é partindo do gaz oleificante, que deriva immediatamente do acetylene) os acidos tartricos direito e esquerdo, que são os tipos mais perfeitos dos corpos dotados do poder rotatorio (1). — (1) *Comptes rendus de l'Academie des Sciences*, t. LXXVI, pag. 286; 1873). (Berthelot, *La Synthese chimique*, pag. 62-63).

N'este dominio os vitalistas de ha muito veem recuando de reducto em reducto. Começaram por caracterisar os seres vivos pela natureza dos corpos chimicos que os compõem e que elles produzem; soffreram o primeiro cheque com a fabricação da uréa, que os laboratorios lhes offereceram preparados *de toutes pièces* do mundo mineral; mais tarde fez-se cavallo de batalha do poder rotatorio dos tartratos e Jungfleisch mostrou o que vale o argumento; ha poucos annos, ainda se discutia com a impossibilidade de se conseguir a crystallisação das albuminas e hoje os crystaes de albumina são tão banaes que se encontram em todos os laboratorios; agora ainda se appella para a impossibilidade de synthese das albuminas á custa de materiaes inorganicos, e os trabalhos de Schutzenberger estão preparando caminho para a demonstração final. O padre, esse, ficou pelas alturas do poder rotatorio do acido tartrico, ahi por 1870. Não é bem exacto que está com a sciencia de ha vinte ou trinta annos?

N'esta sabedoria fraquita que é o cabedal da *Evisceração*, encontramos-nos com mirificas coisas. Trata-se, por exemplo, da interpretação da multiplicação cellular por modificações chimicas trazidas pela maior difficuldade dos materiaes nutritivos chegarem ao nucleo, em virtude do crescimento da cellula:

Tudo é facil para estes senhores materialistas! Quanto á difficuldade de chegarem as substancias alimenticias ao nucleo, essa é puramente ficticia em plastides microscopicos em muitos dos quaes a absorpção dos alimentos é um phenomeno de endosmose. A difficuldade phantasiada pelo Sr. Dr. traria antes como consequencia o atrophiamiento e a morte do plastide. (C. N., 1867).

Notemos primeiro a indispensavel falsificação — que muito faz para o caso. Eu disse a *maior difficuldade* (pag. 31 do meu livro) e não a *difficuldade*. Ora, o que teem que ver as dimensões microscopicas do plastide com a difficuldade relativa dos materiaes nutritivos chegarem ao nucleo? Depois veja-se aquella nutrição realisada, não por affinidades electivas, mas por simples forças osmoticas. Depois ainda a coisa fazendo-se apenas em muitos plastides! Depois, e finalmente, — para não perder o ensejo, — a absorpção a fazer-se por

osmose quando o auctor n'outra parte dos artigos (*C. N.*, 1877) diz que a afinidade electiva dos corpos vivos é a prova mais evidente da força vital! De resto, tal inconsistencia de opiniões que pullula pela *Evisceração* não é mais que a consequencia de estar o auctor muito deslocado no terreno onde veiu bafer-se. Se elle se limitasse ao cantochão, parece-me bem que era serviço.

Embora não venha a propósito, visto que se trata antes de erros da sciencia, é preciso dizer, em relação ao ultimo periodo da citação, que ninguem póde prever hoje o que no seio da cellula trará o facto da maior difficuldade de accesso de materiaes nutritivos. Ha uma modificação nuclear, ha uma modificação chimica; não é fazer hypothese illegitima ligar as duas, porque ninguem sabe *à priori* em que consiste a alteração chimica, nem, sabida ella, que consequencias poderá importar.

Passemos porém a uma sciencia mais elementar. O leitor que se previna, mesmo quando seja rapaz da *introdução* do lyceu, porque póde ir-se abaixo de espanto. Nunca se disse tanta necedade em coisas de sciencia banal, nunca se evidenciou mais completo desconhecimento de factos scientificos que andam por ahi a correr as ruas.

... e, o que é muito para notar, tem um ponto de partida que é o mesmo para todos; pois todo o ser vivo começa por uma cellula, que, *materialmente*, é uma porçõesinha de protoplasma. (*C. N.* 1862).

A cellula, que tem aquelle complicado nucleo que sabemos, que, exactamente no caso, se envolve n'uma membrana, é uma *porçõesinha de protoplasma!* Não se sabe que admirar mais, se a galanteria da phrase, se a alta sabedoria que revela.

Os liquidos nutritivos que banham internamente as cellulas das plantas e dos animaes são a seiva e o sangue. (*C. N.*, 1864).

O sangue a banhar cellulas que não sejam as endotheliaes dos vasos e a banhal-as internamente! Não haverá alma christã que ensine ao padre que ha uma coisa que se chama plasma,

que é elle que banha as cellulas e que é bernardice a historia do banho *interno*? E não é lapso, que numeros depois vem escripto:

O sangue é o liquido nutritivo que vae irrigando continuamente todas as cellulas. (C. N., 1877).

Mais adiante, o padre, que cada vez mais se justifica de ser um padre sabio, mette-se a descrever a differenciação cellular — e então é uma verdadeira catadupa (C. N., 1868):

O germen primordial reduz-se a uma simples cellula, chamada vesicula germinativa ou embryonal.

O germen primordial chama-se ovulo, vesicula germinativa é o nucleo da cellula primordial, vesicula embryonaria e não embryonal é outra coisa. No resto está certo.

O *protoplasma*, que é a parte essencialmente viva e activa da cellula e a base physica da vida, é uma substancia albuminoide dotada de motilidade e contractilidade.

O protoplasma não é a parte essencialmente viva e activa da cellula nem a base physica da vida; hoje todos assim consideram o plastide, isto é protoplasma mais nucleo. E o padre devia sabel-o que antes copiára d'outra parte, está claro agora, sem entender:

Escusado é dizer que as moneras de Haeckel são puramente imaginarias, e que nem elle nem naturalista algum jámais as observou. (C. N., 1853).

E as moneras, ensinem-lhe tambem, são os protoplasmas individualisados e *não nucleados*. As moneras, que o padre diz não existirem, são para o mesmo padre a base physica da vida! Depois o protoplasma não é uma substancia albuminoide, nem nos plastides a motilidade é coisa diferente da contractilidade; mais nada. No resto continúa a estar certo.

Da membrana cellular diz a *Evisceração*. Continuamos a citar do n.º 1868 e continúa o estudo do desenvolvimento ovular nos animaes:

Esta membrana é formada de uma substancia composta, denominada *cellulose* (carbonio, oxygenio e hydrogenio).

Fóra do manto dos tunicarios, não ha cellulose na membrana das cellulas animaes.

O proprio *nucleo* conserva a motilidade da materia plastica, ainda depois de se tornar lateral.

Dá-se um premio a quem descobrir o livro que o padre foi estropiar arranjando um nucleio que se torna lateral (?).

O n.º seguinte do jornal seria para transcrever na integra. Eu nunca vi mais nem melhor. Que demonio de livros foi o padre buscar para copiar tanta necidade? Parece-me evidente que isto lhe não sahiu da cabeça, que não é o fructo de leituras estropiadas; ha então uma divisão dos globulos embryonarios que não se inventa; mas por outro lado é tão monstruoso, em sciencia elemental, quanto vem escripto que não penso exista um livro, por mais de fancaria que seja, onde se contenha tanto erro e tanta ignorancia. Avalie-se (C. N., 1869):

A *divisão indirecta* e caracterizada por varios movimentos de translação do nucleio. . . O ponto de partida é uma cellula joven, activa e sensivelmente espherica.

Não ha divisão indirecta senão em cellulas sensivelmente esphericas!

As cellulas jovens e as adultas ou diferenciadas differem em que estas ultimas, embora sofram varias modificações internas, contudo, na maior parte dos tecidos, já se não reproduzem.

Cellulas adultas o mesmo que cellulas diferenciadas!

Na vida superior o *motor* e o *movel* da vida são dois seres differentes. . .

O *motor* e o *movel* são o elemento masculino e o elemento feminino na fecundação cellular. Extranha concepção esta n'uma situação em que de toda a evidencia ninguem póde des-
trinçar um elemento activo ou um elemento passivo, antes são ambos igualmente activos. Preoccupações libidinosas tão do gosto casuistico?

Trata-se agora dos blastodermes. Veja-se este novissimo pro-

cesso evolutivo que ninguém conhece em embryologia, e mais esta *physiologia*, e mais esta anatomia:

A camada *externa*, que permanece em estado globular, forma a epiderme e os órgãos que d'ella derivam. A camada *interna* dá origem ao epithelio do futuro canal intestinal e órgãos annexos. Na camada *media* ha certos globulos que passam por transformações muito complicadas dando assim origem a fibras musculares, nervosas, elasticas e connectivas; outros porém (*globulos embryonares*), ficam em estado globular e formam as cellulas das cartilagens dos ossos e dos tendões; outros (*globulos sanguineos*) fluctuam em um liquido; outros finalmente (*globulos nervosos*) emitem diversos prolongamentos que os põem em comunicação com as fibras nervosas. Tal é a primeira phase diferencial do ovulo primitivo.

Estas quatro especies de globulos ou cellulas, prescindindo do globulo embryonal, constituem, para o physiologista, um organismo completo. Pouco a pouco apparece um esboço mais definido do novo ser. Os *globulos epitheliaes* occupam o contorno da massa homogenea que forma o organismo; ao centro estão os *globulos nervosos* communicando, por esses prolongamentos, com os primeiros globulos e podendo assim receber e transmittir excitações. São os primeiros actos reflexos. Os *globulos sanguineos* estabelecem uma corrente da periphèria para o centro e *vice versa*, trazendo para o centro os elementos nutritivos e arrastando para fóra os residuos organicos. O coração é o primeiro órgão que começa a funcionar; e quasi ao mesmo tempo apparecem os primeiros delineamentos do eixo cerebro-espinal, o cerebro e as meninges. Depois veem os órgãos dos sentidos, os systemas ossoso, muscular e tegumentar; o craneo, a bocca, a face, o tubo digestivo, o figado, o pancreas, os pulmões, etc.

Para quem não conhece estas coisas, é preciso dizer que a descripção que venho de transcrever é tudo quanto ha de mais falso em evolução embryonaria e tudo quanto ha de mais recheiado de disparates em anatomia e *physiologia*. Nunca se accumulou tanto erro e chega-se a pensar, sinceramente, que houve alguém que esteve a desfructar quem a escreveu. Que bella instrucção fornecem as casas jesuitas! Os globulos nervosos a virem do blastoderme mediano! Os globulos sanguineos a vehicularem materiaes de nutrição e desnutrição! O eixo cerebro espinal formado pelo cerebro e pelas meninges!

E isto não resulta de lapsos, que para deante as mesmas heresias se repetem. Por exemplo, falando das camadas blastodermicas, que dão

origem a quatro especies de cellulas ou globulos: 1.º os *globulos nervosos*; 2.º os *globulos epitheliaes*; 3.º os *globulos sanguineos*;

4.º os globulos embryonarios.

Os globulos sanguineos, nervosos e embryonarios proveem da camada média. (C. N., 1877).

Ora, é assim que sabe de coisas physiologicas quem começa por chamar idiota a Goltz e o mais que sabemos e tem a afoiteza de escrever, falando de erros que o meu livro conteria a proposito do desenvolvimento ovular:

No caso presente, envergonho-me de dizer a um medico e a um lente de physiologia que o desenvolvimento plastidar se effectua de um modo muito differente do imaginado por Le Dantec, e que o Sr. Dr. achou tão «luminoso». (C. N., 1876).

E segue, não a descripção do desenvolvimento *plastidar*, como do texto se esperava, mas do desenvolvimento *ovular*, aquella mirifica descripção que conhecemos.

Parece-me porém ver d'onde vem toda esta philauicia do padre que imaginou sinceramente ter apanhado em erro dois physiologistas. E o *d'onde vem* só mostra como o padre, á ultima hora, pegou com cuspo umas coisas de sciencia que não conhecia, que nunca aprendera e que portanto nunca ensinára aos rapazes do collegio. Ao que se deve acrescentar que o mesmo padre, não sabendo nada do assumpto, foi buscar livros tão velhos que é possível (?) conttenham os erros crassissimos acima apontados, n'uma epoca em que o desenvolvimento ovular ainda não tinha alcançado a nitidez a que hoje chegou.

Com effeito, no meu livro, para chegar á interpretação da differenciação, chamei a explicação de Le Dantec (pag. 35-36 da *Consc. e liv. arb.*). Segui o desenvolvimento ovular até á *phase* em que as cellulas forram por dentro a membrana vitellina e verifiquei o que pretendia para a theoria, isto é que o meio do interior da blastula deve ser differente do exterior, por causa da menor possibilidade de diffusão dos productos de desassimilação. É d'aqui para diante que veem as phases da divisão dos blastodermes, que nada tinham a fazer para o meu caso e que o padre descreve nos seus ar-

tigos estropiando desgraçadamente. Ora o padre imaginou que toda a sciencia de Le Dantec e minha relativa á evolução do ovulo estava cõntida n'aquella primeira phase, como se até um aprendiz de physiologia pudesse errar nos traços grosseiros d'uma evolução que é uma banalidade, imaginou que a um e a outro apanhára em crasso erro, imaginou talvez que hypotheses lançadas eram factos descriptos, e d'ahi a phrase, que é de saborear:

No caso presente, envergonho-me de dizer a um medico e a um lente de physiologia que o desenvolvimento plastidar se effectua de um modo muito differente do imaginado por Le Dantec, e que o Sr. Dr. achou tão «luminoso».

E segue impavido na exacta descripção que sabemos, pensando que fizera descoberta grande nos seus alfarrabios e não pensando, elle que via estas coisas pela primeira vez, que nunca as aprendera e que nunca as ensinára, pobres rapazes! não pensando que coisas d'estas sejam tão banaes e tão elementares que devem estar no ensino dos lyceus...



Parece-me que não restará duvida sobre a sabedoria que o beaterio tanto admirou e em voz publica fez correr. Em erros de sciencia bastam as amostras que ahi ficam. Mas é-me agradavel ainda trazer outros,—amostras de bernardices que pouco ou nada teem que fazer com sciencia. E então ficará completo o capitulo:

O *fim* é o mesmo que *finalidade*:

Basta observar que o proprio Sr. Dr. Bombarda, negando a *finalidade*, não deixa de sustentar que é «a moral (*materialista*!) que fará ver no homem, no seu aperteioamento e na sua felicidade, o fim unico de todos os esforços» (pag. 351). (C. N., 1874).

Modelo de pleonasmio e de fluctuação estrambotica :

Quanto aos productos de desassimilação, esses em nada podem influir sobre a constituição das cellulas, visto que hão de ser todos expellidos para fóra do meio interior, onde fluctuam. (C. N., 1876).

Modelo de raciocinio. Dissera eu que o olho é um instrumento defeituoso :

Esta *inepcia* do Sr. Dr. é pois um tiro disparado em vão. Digo *inepcia*, porque aquellas palavras revelam a mais profunda ignorancia dos phenomenos da natureza. Do musculo disse o Sr. Dr. «que é uma machina perfeitissima como nunca soube construir analoga a mão do homem» (pag. 218). Ora o apparelho motor de cada orgão da visão é composto de seis musculos. (C. N., 1879).

Modelo de anatomia :

Egual valor tem o que o Sr. Dr. diz da rutura das urethras. (C. N., 1880).

Modelo de pureza de linguagem :

... (pois na sociedade tudo se faz á tã, e sem rei nem roca)... (C. N., 1888.)

Outro modelo de anatomia ; fala-se do olho :

Convém ter presente que este orgão consta essencialmente de tres elementos: uma lente biconvexa, a retina, e a faculdade visiva, que reside no nervo optico, isto é, em um nervo especial sensivel á luz. (C. N., 1879).

O olho consta pois de tres elementos :

- 1.º uma lente bi-convexa ;
- 2.º a retina ;
- 3.º a faculdade visiva.

Lembra aquella anecdota que contava Sousa Martins de um velho medico expondo gravemente n'uma conferencia a historia do seu doente : «N'um primeiro periodo da sua vida, foi um homem feliz o meu doente: rico, festejado, nada lhe faltava a uma completa ventura ; n'um segundo periodo a desgraça e a miseria entraram-lhe em casa : a mulher des-

appareceu, a fortuna roubaram-lh'a, um horror de afflicção e dôr; n'um terceiro periodo, emfim, salta-lhe uma diarrhéa...»

Para o padre se não desconsolar, direi, porém, que esta historia nada tem que ver com o seu caso.



Ahi fica pois uma amostra do que é a sciencia ensinada nos collegios jesuitas. Trata-se de coisas elementarissimas e os erros pullulam. Venham dizer-me agora que a Ordem é aproveitavel ao menos como educadora. Do lado moral, havemos de vel o; do lado scientifico, ahi fica exposto e não póde ser mais lamentavel.

Eu já o desconfiava desde que vi, n'aquelle monumental livro em que Paul Bert se limitou a traduzir a parte mais interessante do compendio de theologia moral dos jesuitas¹ e que havemos de largamente aproveitar, desde que vi a crença mais formal em toda a sorte de superstições — adivinhações, magia e maleficios, mezas falantes, espiritismo, etc. Não fica mal transcrever aqui essas divertidas credences d'outras eras, que a sciencia de hoje parecia ter afugentado de vez e que ainda encontram abrigo carinhoso no ensino dos jesuitas. Logo, a proposito da moral jesuita, veremos a authenticidade das transcripções. Por agora basta e é preciso registral-as n'este logar, porque em rapidas pinceladas condensam toda a sciencia da Ordem.

§ 3. Da adivinhação.

266. — E' a pesquisa das coisas occultas com auxilio do demonio. E' *expressa* se se invoca expressamente o demonio, tacita se a invocação não consiste senão em praticas prohibidas.

270. — ...

¹ O compendio de Gury. V. no cap. da *Moral jesuitica* as citações completas.
BOMBADA. A sc. e o jesuit.

P. Póde-se usar da varinha divinatória ?

R. Não se deve condemnar de todo este uso quando se trata de descobrir aguas e metaes, comtanto que a varinha se mova egualmente, quer se pesquize quer não, e comtanto que se proteste contra toda a intervenção diabolica e se exclua todo o espirito de superstição.

§ 4. Da magia e dos maleficios

271.—No sentido estricto, a magia é a arte de fazer prodigios que, embora não sendo sobrenaturaes, estão acima das forças do homem e não podem ser obtidos explicita ou implicitamente senão com o auxilio do demonio, a quem se invocou.

O maleficio é a arte de prejudicar com a intervenção do demonio. Ha o maleficio *amoroso* e o maleficio *envenenado*. O primeiro, ou philtro, é uma arte diabolica que consiste em fazer nascer um amor lubrico ou um odio violento por uma pessoa. O segundo é a arte de prejudicar com auxilio do demonio, por meio de doenças, do aparralhamento, etc.

APPENDICE I — Das meças girantes

... 273. — Homens pios, que só tinham visto um phenomeno puramente physico nas meças girantes, acabaram por reconhecer n'ellas uma adivinhação infernal.

274. — ... Pódem-se interrogar meças de marmore ou de madeira e esperar respostas ? Ninguem é tão doido que o faça. E' convicção ordinaria que espiritos ha que fazem mover as meças ; ora esses espiritos não pódem ser bons. Seria blasphemia afirmar que os anjos e os santos, que gosam d'uma felicidade eterna, intervenham n'esses brinquedos pueris dos homens, obedeçam á sua vontade vã, deem satisfação á sua curiosidade insensata. Além d'isso, seria impio afirmar que Deus, que tem horror á adivinhação e tão severamente a prohibe, permite que os habitantes dos ceus sejam os interpretes d'essas adivinhações. Os espiritos d'essa especie são pois espiritos maus, amaldiçoados de Deus para a eternidade, que armam ciladas aos homens. Não devemos portanto horrorisar-nos de entretermos relações com esses espiritos immundos, de os invocar e prestar-lhes um verdadeiro culto ? Não está ahi o crime da adivinhação que é prohibida por Deus como grande abominação ?...

APPENDICE II. — Do magnetismo animal

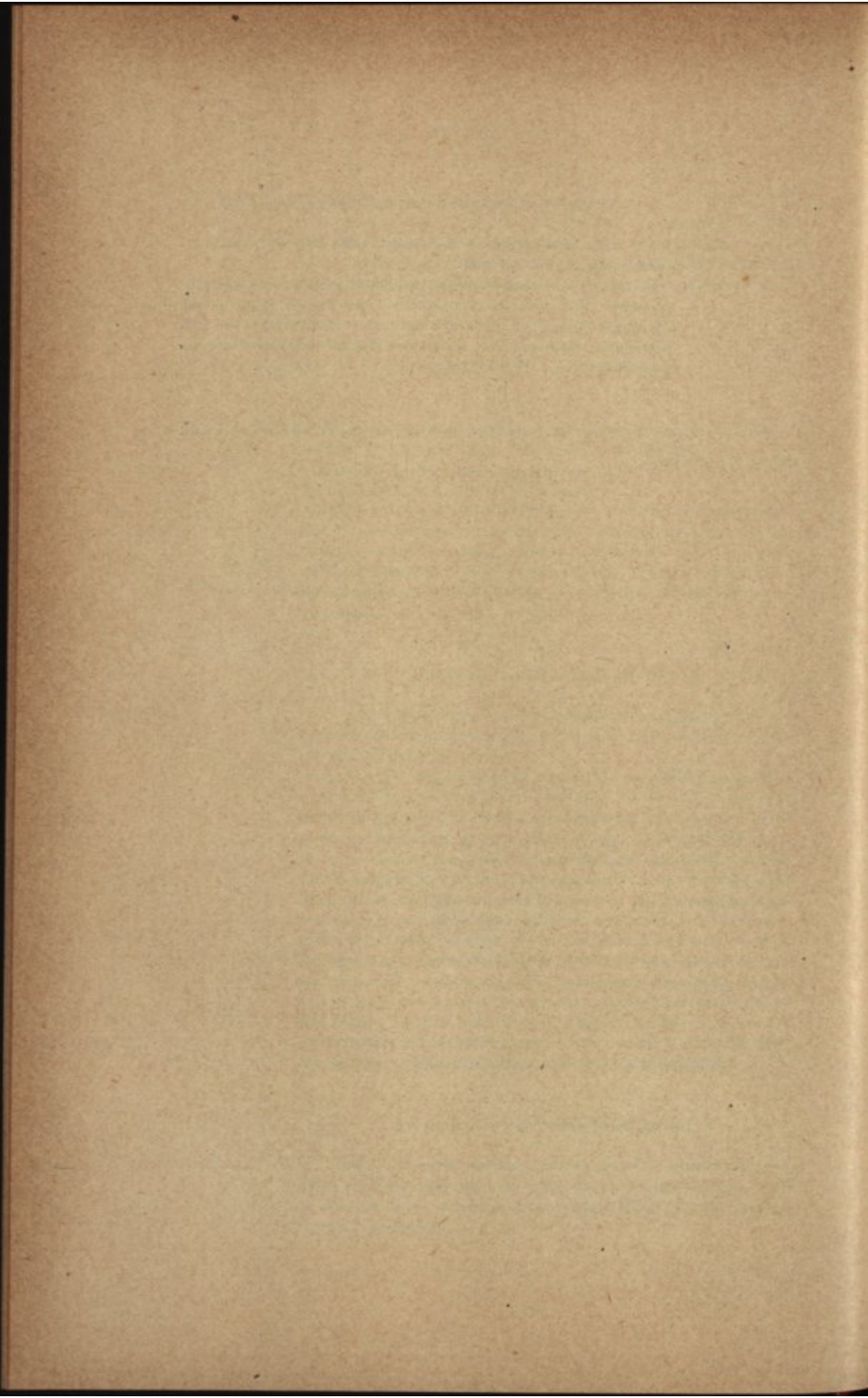
... 279. — A curia romana, interrogada sobre o uso do magnetismo em geral, respondeu na Congregação do Santo Officio de 21 de abril de 1841 : O uso do magnetismo animal, tal como é explicado, não é permitido...

APPENDICE III.— *Da consulta dos espiritos ou espiritismo*

... 282. — E' uma superstição nova, a peor de todas, sahida do inferno para perda das almas...

E' claro que é uma consulta diabolica e uma adivinção propriamente dita, severamente prohibida pela Egreja. Aquelles que consultam os espiritos, para mais facilmente espalharem o seu erro pestilencial, formaram uma seita, que todos os dias mais cresce nas grandes cidades... (P. Bert, pag. 92-95, 1.º vol. de Gury).

Eis a alma mesma do ensino dos jesuitas. E' tambem a sua sciencia inteira.



O TALENTO DOS JESUITAS

E' perigoso e por certo injusto ajuizar das qualidades d'uma corporação pelas manifestações de um dos seus membros. Não assim porém com os jesuitas. A disciplina e a obediencia estão n'elles requintadas a tal extremo de annullação da vontade propria e de abdicção das opiniões individuaes que se póde ter como seguro que um membro qualquer da Ordem não ousaria publicar um trabalho sem o assentimento dos superiores. «Doutrinas contradictorias, informa Huber (1, p. 122), não são toleradas nem nas prédicas, nem nas conferencias, nem nos escriptos; as obras impressas não podem ser publicadas sem approvação do Geral, que lhes confia a censura a tres homens de orthodoxia e senso experimentados. Era pois razoavel o direito de tornar a Ordem responsavel por qualquer livro publicado com o conhecimento dos superiores. Esta consequencia pareceu incommoda aos jesuitas, que teem tentado salvaguardar a Sociedade dos ataques dirigidos contra as doutrinas excessivas dos auctores que ella tem approvado. Mas a fraqueza da defeza estala na resposta do padre Daniel ás *Cartas de Pascal...*» As circumstancias especiaes em que os jesuitas se encontram entre nós, luctando por se fixarem solidamente n'um paiz onde não foi ainda derogada a lei que os expulsou, faria até estabelecer uma censura previa, se ella não estivesse já lavrada na constituição da Ordem.

Por tudo isto, é de pensar que o jesuita da *Evisceração* é homem considerado na congregação pelos seus talentos, salvo se na politica a um tempo cautelosa e audaz que é tanto d'ella não sobrelevou a necessidade de responder, fosse como fosse, a um livro, que pelo menos não vinha facilitar o caminho á invasão e ao dominio que a reacção apprehendia. Ainda assim, mesmo que a resposta só apparecesse para *constar*, não se iria procurar o escriptor entre os menos capazes. E' por isso que eu vou aquilatar pelo talento do padre da *Evisceração* o talento dos homens da Ordem, que em fama corre parelhas com aquella balela do saber de que os vimos impados.

Mesmo que de todo nos estreitemos ao campo scientifico, serias duvidas se levantam sobre o presumido talento. Sabido é, e ficou provado, que o padre do *C. N.* estava fóra do seu terreno habitual vindo embrenhar-se em discussões de puro caracter scientifico. Não seria pois de admirar uma tal ou qual inconsistencia de opiniões, sempre que das nebulosidades philosophicas descesse ao dominio experimental, — descida inevitavel uma ou outra vez, por mais que se lhe fugisse, por mais que n'aquella longa serie de setenta e tres artigos muito se falasse em nome da philosophia e de coisas physiologicas se não discutisse senão o mais elementar e o mais comeseinho. Mas o menos que se podia exigir do auctor era que se apossasse do assumpto de modo a não fornecer armas contra si proprio e a não cahir em contradicções, e que tivesse capacidade perceptiva bastante para comprehender os fundamentos da opinião que combatia.

Do contrario abundam as provas.

Já vimos como fomos ao ponto de suspeitar que no fundo da convicção do padre vigoravam opiniões materialistas. Admittir, com effeito, que houve um momento em que no mundo appareceu uma primeira cellula viva e que o Cosmos é tão mathematicamente concertado que uma intelligencia sublimemente vasta o poderia conceber inteiro no espaço e no tempo, não é senão fazer confissões de materialismo, em que o transformismo não é recusado e ainda por cima se aggrava com meias declarações anti-religiosas — n'esta vulgar e falsa accepção da pala-

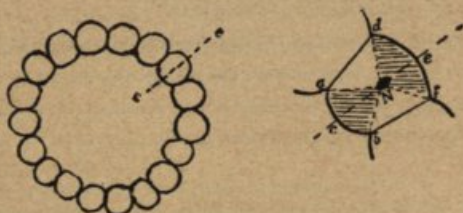
vra em que religião e theologia se confundem. Mas essas confissões chegam ao seu auge quando vemos onde o escriptor vae buscar a prova *mais evidente* do que é a base do seu espiritualismo, a direcção superior dos phenomenos organicos confiada a uma força vital. Fala elle do sangue que de continuo irriga as cellulas — o disparate já notado — e escreve:

D'este meio commum cada cellula toma sómente o que convém á sua natureza e funcção, como se estivesse dotada de um poder *discretivo*. Não ha prova mais evidente da existencia d'essa energia mysteriosa, que preside a esse laboratorio vivo, que domina e rege a multiplicidade e variedade dos agentes inorganicos, reduzindo-os á unidade e harmonia. (C. N., 1877).

E' o poder *discretivo* que mais levanta admiração e o padre esquece que todo o corpo inorganico tem absolutamente a mesma *electividade* — é o termo tecnico —, visto que as affinidades chímicas não são uma fabula. Verdade é que a admiração vem tambem de que cada cellula toma sómente o que convém á sua natureza e funcção e o padre ainda esquece que os envenenamentos não veem precisamente senão d'essa electividade; as cellulas, os tecidós, os órgãos escolhem no meio ambiente os venenos que os vão matar e com elles o individuo de que fazem parte; como prova de *conveniencia á natureza e funcção* é completo, do mesmo modo que a electividade como prova da força vital dá a medida de quem a invocou.

Esta medida, encontramol-a ainda em pontos capitaes.

A intelligencia da evolução ovular está em parte na differenciação e para a facil interpretação d'esta considera-se o



A, corte d'uma blastula. — B, um dos blastomeros (c e de A) da blastula. (Le Dantec).

que se passa nas phases successivas da multiplicação do ovulo.

N'uma certa phase, o ovulo está transformado em numerosas cellulas que se ordenam n'uma disposição espherica de modo a constituirem uma vesicula. Cada cellula realisa trocas chemicas com o meio ambiente, para dentro e para fóra da vesicula; e como o liquido interno está estreitado pelas paredes da propria vesicula e não se póde diffundir como o de fóra, claro é que n'uma certa altura acaba por ter uma composição differente do ultimo. Portanto as trocas chemicas da parte da cellula voltada para dentro da vesicula acabam por se não realisar como as das restantes porções. E' evidente que, sendo outras as trocas chemicas, as construcções anatomicas que sobre ellas se realisam são tambem differentes. O resultado é que a estructura da cellula vem a differir dentro e fóra, d'onde resulta a *differenciação*. Quer-se agora saber como isto foi comprehendido?

Quanto aos productos de desassimilação, esses em nada pódem influir sobre a constituição das cellulas, visto que hão de ser todos expellidos para fóra do meio interior, onde fluctuam. Não temos, portanto, senão uma serie de cellulas identicas, em contacto com dois meios differentes, um interno, outro externo. Ora a alimentação das cellulas não consiste na *adhesão* dos materiaes internos ou externos ás partes respectivas das cellulas, que com elles estão em contacto, nem mesmo na *combinação* d'esses elementos com as partes confinantes das cellulas.

Só n'estes casos haveria a differença de *estructura*, ou melhor de composição (physica ou chimica) a que allude o Sr. Dr., e o seu resultado seria a destruição ou morte da cellula, e não o seu desenvolvimento, e muitissimo menos a produção de novas cellulas, destinadas a desempenhar novas funcções. Essa hypothese de I e Dantec e as figuras por elle imaginadas são uma simples *falsificação* da sciencia e dos factos, ... (C. N., 1876).

Quer dizer, o padre não comprehendeu absolutamente nada da idéa de Le Dantec, como nada comprehendeu d'aquella notavel theoria que reduz todos os phenomenos psychicos a exclusivas modificações intellectuaes:

As palavras citadas são precedidas de um insigne dislate que revela a mais profunda ignorancia dos phenomenos psychicos: «Sentir é pensar, querer pensar e». (C. N., 1862).

O sr. Bombarda ignora o A — B — C da sciencia quando confunde estas duas ordens de phenomenos, quando escreve esta phrase de uma ignorancia phenomenal:

«Sentir é pensar, querer pensar é» (pag. 258) 111 (C. N., 1905).

Mostra-se aqui que o auctor não conseguiu collocar-se no ponto de vista da psychologia moderna para ao menos comprehender a theoria, não digo já na sua parte referente á vontade, que de tão velha data é considerada como o ultimo elo da cadeia intellectual — a idéa do movimento a executar, mas na parte relativa á affectividade, que na theoria nova se reduz egualmente a phenomenos de intelligencia. Se é legitima ou não esta ultima hypothese, não importa agora saber, mas que está inteiramente nos moldes da psychologia physiologica não tem duvida, e só um philosopho das philosophias do lyceu a rejeitaria sem mais exame, por estar habituado a fazer do sentimento e da intelligencia duas *faculdades* tão distinctas que nem conseguiria nunca approximal-as a physiologia inteira. . . que se não sabe. . . A rasão porém é simples: é que coisas d'estas não entram, salvo quando ha real talento, em cabeças que pensam assim:

Todos os materialistas, com effeito, confundem o conhecimento intellectual e a vontade racional com a percepção empirica e o appetite sensitivo, e como o systema nervoso é o orgão da sensibilidade, concluem que tambem é o orgão do pensamento. (C. N., 1809).

Muitas e muitas outras provas de alta capacidade intellectual ainda podiam vir; seria porém fadiga inutil. Limitemo-nos apenas a ver as contradicções flagrantes em que o padre cae e que são a demonstração de que tudo quanto aprendeu depois do meu livro ser publicado não achou cerebro em que amadurecesse. E' realmente curioso ver este padre, que tão pouco caridoso foi commigo, tão generosamente conceder-me a desforra ás cabeçadas a si mesmo.

Acceta o padre que todos os ovulos são identicos:

Hoje todos os physiologistas admittem a unidade anatomica do germen inicial de todos os seres vivos, mas nenhum homem de bom senso suppõe em tal germen unidade de aptidões. «O ovulo, diz Cl. Bernard (*Physiol. génér.*, pag. 150), é identico (*chímica e anatomamente*) em todos os animaes». O mesmo deve dizer-se dos animaes e das plantas.

Todos estes seres teem o mesmo ponto (material) de partida. (C. N., 1864).

E' tempo agora de buscarmos a interpretação e a causa do maravilhoso phenomeno da evolução dos seres vivos, desde a cellula primordial, identica para todos, até á organização mais perfeita e complicada. (C. N., 1869).

E é quem escreve isto que levanta contra Haeckel accusação violentissima por elle ter, n'um dos seus livros, inserido tres vezes a mesma gravura attribuindo-a successivamente ao ovulo do homem, do macaco e do cão. Eu não sei o que ha de verdade n'esta accusação, que se diz escripta por um auctor pouco mais ou menos desconhecido, Hamann (?), n'um livro que até esta data me não enviaram. Mas, suppondo-a exacta, quasi que não vejo ahi crime, dada a idéa do padre de que os ovulos são *identicos* em todos os seres. Se são identicos, que montava que houvesse uma unica gravura para os representar a todos?

O que não espernearia o padre se soubesse que não são identicos!

Das relações do órgão e da funcção está escripto no n.º 1858 do C. N.:

Lembro-me agora que o sr. dr. Bombarda dá algures uma resposta semelhante. Eil-a em todo o seu esplendor: — «a funcção faz o órgão e o órgão a funcção» (pag. 343); — «exactamente como o caso dos dois cães furiosos que se comeram um ao outro, ou como se díssemos que as pernas fazem o andar e o andar faz as pernas! Depois de alastrar um livro com raciocinios d'este calibre, que coisa mais natural que o dizer: — «Devem concordar, os nossos adversarios, que temos bem razão de ser materialistas.» (pag. 255).

E mais adiante:

Uma d'ellas sobretudo *ascende* a tal primitividade que faria estourar de riso uma assembléa de hottentotes. Eil-a: «a funcção faz o órgão e o órgão a funcção!» (pag. 313). Para a funcção fazer o órgão deve ser anterior a elle, e para o órgão fazer a funcção deve ser anterior a ella; em que cabeça entram taes dislates? Ah logica reaccionaria, como es implacavel! (C. N., 1862).

Isto é a demonstração tangivel de que o padre não sabia nada d'estas coisas quando se metteu a discutir problemas de alta physiologia com a sciencia. . . errada que tinha dos lyceus. Se

não fosse assim, elle saberia que a phrase criticada é banal e todos os dias repetida em linguagem physiologica.

Mas, enfim, o padre, que não percebeu nada da significação da phrase, imaginou grande descoberta e grande quinau no adversario. Todo elle se narcisou no seu esmagador argumento: «Ah! logica reaccionaria, como és implacavel!», todo elle se admirou de esperteza tanta, e todo elle se divertiu com a patusca da phrase: «exactamente como o caso dos dois cães furiosos que se comeram um ao outro». Entre parenthesis, notemos esta transformação em cães dos grillos da historieta: realmente dois cães furiosos em sangrenta lucta como não é mais divertido que dois grillos! . . . Exactamente como a queima d'um homem vivo regala mil vezes mais que a d'um homem morto. Não ha que ver, está-lhes na massa do sangue. . .

Tinhamos o padre saracoteando-se com a phrase escripta, da ultima vez, em 5 de maio: «a funcção faz o orgão, o orgão faz a funcção.» Vamos agora a ver como elle se saracoteia com esta transcripção que vou fazer do seu texto publicado em 23:

E' portanto a funcção, *em potencia*, a razão de ser do apparecimento e da fórma do orgão, e quando este já está em estado de poder funcionar é tambem a *funcção*, já *em acto*, que o acaba de aperfeçoar, e se a funcção deixa de exercer-se, o orgão atrophia-se. (C. N., 1876).

Ora aqui está, traduzida no sentido espiritualista, a mesma phrase que tanto fez rir o padre. Dezoito dias bastaram para que elle chegasse a aprender-lhe o alcance. Quem seria a alma caridosa que lh'o ensinou?

Parece-me que, se agora ri, é amarello.

Passemos a outra scena não menos risonha. Já a notámos, mas não fica mal extendel-a um poucochito:

... pois todo o ser vivo começa por uma cellula, que, *materialmente*, é uma porçõesinha de protoplasma. (C. N., 1862).

Anteriormente escrevera, a proposito das *moneras* de Haeckel:

Haeckel, sempre grave e solemne, descreve na sua *Antropogenie* estes seres bemfazejos: «são corpusculos ordinariamente microscopicos, formados de uma substancia homogenea, molle, albuminosa

ou mucosa, desprovidos de estructura e de órgãos; mas, não obstante, possuem as principaes propriedades da vida; movem-se, nutrem-se e reproduzem-se por segmentação». Escusado é dizer que as moneras de Haeckel são puramente imaginarias, e que nem elle nem naturalista algum jámais as observou. (C. N., 1853).

O padre escreveu moneras sem saber o que escrevia. Como na descripção não vem a palavra protoplasma, não imaginou que fossem a mesma coisa que as «porçõesinhas de protoplasma» que materialmente formam a cellula. Ora digam ao sabio padre que as suas porçõesinhas de protoplasma são outras tantas moneras.

O que ahi fica são amostras. Onde iria, se tudo viesse! Mas tambem basta para que se veja o que é uma cabeça de jesuita. Estalarão de talento, elles, não duvido, mas estudando um assumpto, que hoje está tão vulgarisado e que não encontra inaccessible qualquer intelligencia mediocre, não vão além de o papaguear e a todo o momento tropeçam em grãos de areia. E é assim quando fogem da discussão do factio scientifico, como fizeram para a parte mais importante do meu livro! Que seria, se se dignassem descer ao laboratorio? Mordiam, pelo menos, e ai de nós! que já nos não era licito, pelo perigo, apresentar em publico um padre sabio.

×

No momento de rever prova d'esta pagina chega-me ás mãos o livro de Hamann — *Entwicklungslehre und Darwinismus*, Jena — 1892, e apresso-me em dar conta do que apurei sobre a duvida levantada a pag. 74. Faço-o com tanto mais interesse que sei ter produzido funda impressão nos meus alumnos a accusação reeditada pelo padre do C. N. de que Haeckel repetira a *mesma gravura* para representar o ovulo do homem, do macaco e do cão.

Em primeiro logar devo dizer que o texto do padre é uma

falsificação — parcial, embora — que mostra á ultima evidencia que quem o escreveu não leu o livro de Hamann. Diz o padre:

O outro processo foi a falsificação. E' HAMANN, discipulo assiduo de Haeckel durante 13 annos, que nos vae revelar o segredo. Para demonstrar, diz o dito escripto (*Entwicklungslehre und Darwinismus*, pag. 26), a semelhança dos ovulos do homem, do macaco e do cão, Haeckel reproduzia tres vezes a mesma gravura, attribuindo-a successivamente já a um, já a outro d'estes seres, e na pag. 248 confessa que Haeckel recorreu ao mesmo processo scientifico para demonstrar a semelhança dos embryões do homem, do macaco e do cão. O testemunho de Hamann é confirmado pelos de HIS (*Unsere Korperform*, pag. 770, 11) e de SEMPER (*Der Haeckelismus*, pag. 25). Ambos estes escriptores consideram como falsificações os quadros embryogenicos de Haeckel. (C. N., 1853).

Apesar da falta d'umas aspas no devido logar, é evidente d'este texto que Hamann, a pag. 248 do seu livro, d'elle, Hamann, confessa (!) que Haeckel recorreu, para os embryões, á falsificação de que é accusado em relação aos ovulos. Ora, não é assim; é Hamann quem, na mesma pag. 26 da citação do padre, diz que Haeckel, a pag. 248 do seu livro, commetteu essa falsificação. Isto não tem importancia senão para mostrar que o padre leu tanto Hamann como eu o tinha lido no momento em que isto escrevo. O texto de Hamann é assim:

Um zu beweisen, dass die Eier des Menschen, des Affens und des Hundes sich bereits glichen, druckt er (Natürliche Schöpfungsgeschichte. 1 Aufl. S. 242) dreimal denselben Holzschnitt neben einander ab, um ihn bald vom Menschen, vom Affen oder vom Hunde herstammend auszugeben. Doch nicht genug damit, auf S. 248 findet man wieder drei Holzschnitte von Embryonen, der erste dem Menschen, der zweite dem Affen, der dritte dem Hunde zugeschrieben. Auch hier hat er es gewagt, dreimal ein und denselben Holzschnitt abdrucken zu lassen. (Hamann, *loc. cit.*, pag. 26).

Litteralmente:

Para demonstrar que os ovos do homem, do macaco e do cão já se igualavam, imprime elle (*Historia natural da criação*, 1.^a ed., pag. 242) tres vezes a mesma gravura ao lado uma da outra, para a dar como vinda ora do homem, ou do macaco, ou do cão. Comtudo não basta isto, a pag. 248 acham-se tres gravuras de embryões, que se attribuem a primeira ao homem, a segunda ao macaco, a terceira ao

cão. Também aqui elle ousou fazer imprimir tres vezes uma e a mesma gravura.

Portanto, é Hamann que fala de pag. 248 de Haeckel e não é Hamann que a pag. 248 do seu livro faz a accusação; portanto ainda boas noites a respeito da confissão, a nova artimanha jesuitica: *discipulo de Itaeckel, vê-se forçado a confessar...* Não ha nenhuma confissão, ha uma accusação formal. Portanto emfim aquelle *successivamente* do texto do padre vale por *ao lado uma da outra*; minimo, este ultimo, não tem duvida, mas que não deixa de fazer figura no monte... e tanto mais, tratando-se d'um sujeito que tem a coragem, no texto transcripto, de chamar á *falsificação* um *processo scientifico*, quando o mundo inteiro sabe que a falsificação é, e sempre foi, e sempre será, processo jesuitico e theologal...

Ora, vejamos agora a accusação de Hamann. Eu não possuo do livro de Haeckel senão a traducção franceza (1874) feita sobre a 4.^a allemã, de 1873. E' evidente que se esta 4.^a edição differe da 1.^a, que é de 1868, o critico não tinha direito de ir buscar uma edição antiga e não corrigida para fazer as suas accusações em 1892, que tal é a data do livro de Hamann. Portanto a minha edição franceza, feita com os cuidados sabidos da casa Reinwald, de Paris, e que deve reproduzir fielmente a edição allemã de 1873, não póde senão repetir, no ponto de accusação, a 1.^a ed. allemã de 1868. E que a traducção franceza é fiel, garante-o o nome do traductor, Ch. Letourneau, bem conhecido na litteratura scientifica da França.

Ora, em nenhuma pag. da *Historia da criação* de Haeckel, em nenhuma, se encontram tres gravuras, eguaes ou differentes, representando os tres ovulos, do homem, do macaco e do cão. Nem as tres juntas, nem as tres separadas! De ovulos ha a fig. 3 (pag. 170) — *ovo de mamifero*; a fig. 5 (pag. 264), evidentemente a mesma gravura que serviu para a fig. 3; não consta porém que o homem não seja mamifero — *ovo humano*; a fig. 19 (pag. 409) — *ovo de alga foliacea commum*, que evidentemente não é a gravura das fig. 3 e 5; não falo das fig. 2 (pag. 169) e 10 (pag. 377), a mesma gravura com a mesma legenda — *reprodução por segmentação... d'uma Amoeba...*

— e disse! Por outro lado, nas laminas em separado, encontramos: frontispicio, *ovo de esponja calcarea*; lam. I, *ovo de Protomyxa Aurantiaca*; lam. VIII, *ovos de Echinodermes*; lam. XII, *ovos de ascidia e amphioxus*, que sendo gravuras lithographicas não são nem podem ser as gravuras intercaladas no texto. Mas o que ha mais curioso é que os desenhos de todos estes ovulos são *differentes uns dos outros*, embora por grande parte sejam figuras meio schematicas; diferenças accentuadas, essas, encontram-se no outro grande livro de Haeckel, a *Anthropogenia*, onde é de toda a evidencia a preocupação de reproduzir a realidade e de abandonar schemas ou meios schemas.

Da outra accusação feita a Haeckel — a mesma gravura servindo para figurar os embryões, não se sabe de que epoca, do homem, do cão e do macaco, — nem vestigio encontramos no livro da *Historia natural da criação*. Ha apenas uma lamina, a III, em que estão desenhados para comparação: embryões do homem e do cão na 4.^a semana, e por outro lado do cão na 6.^a e do homem na 8.^a, mas não são nem podem ser a mesma gravura, tratando-se de desenhos feitos ao lado um do outro n'uma pedra lithographica.

Tudo isto é extraordinario, não ha duvida, mas mais extraordinario é que Hamann, escrevendo em 1892, não soubesse toda a obra de Haeckel e portanto que para Haeckel nem ovulos nem desenvolvimentos são mathematicamente eguaes nos diferentes animaes. Assim, na *Anthropogenia*, que é anterior a 1877, salta das gravuras e dizem as palavras do texto :

Mas um exame um tanto cuidado do ovulo não tarda em pôr em relevo um facto dos mais curiosos, é que, em todos os animaes e no homem, o ovulo reveste primeiro uma forma identica, a ponto de ser impossivel notar qualquer character distinctivo essencial. Mais tarde os ovos, sem deixarem de ser uni-cellulares, differem comtudo muito em grandeza e forma; teem membranas de envolucro variadas, etc. (Haeckel, *Anthropogénie*, trad. fr. 1877, pag. 89).

Os principaes phenomenos, que succedem á fecundação do ovulo e por onde começa a evolução individual do novo organismo, são essencialmente os mesmos em todo o reino animal. O ovo humano comporta-se sob este ponto de vista como o ovo dos outros animaes em geral e como o dos outros mammiferos em particular. Sem duvida ha diferenças entre o modo de desenvolvimento do embryão

dos mamíferos (comprehendido o homem) e o do embrião dos outros animaes; mas essas differenças só teem secundaria importancia. (Id., *id.*, pag. 120).

Mas até no mesmo livro da *Historia natural da criação* lá estão trechos mostrando que para Haeckel não existe a egualdade mathematica dos ovulos. Assim, está escripto a pag. 263, e por esta unica vez me permitto sublinhar por minha conta:

O ovulo humano é *essencialmente* similhante aos dos outros mamíferos e absolutamente em nada se poderia distinguir do ovulo dos mamíferos superiores. O ovo representado na fig. 3 *poderia indifferentemente* provir d'um ser humano ou d'um macaco, d'um cão, d'um cavallo ou de qualquer outro mamífero superior.

Ora que a accusação da gravura é falsa resalta d'estas mesmas palavras. Mas, verdadeira que fosse, ella não tinha absolutamente nenhuma importancia tratando-se d'uma obra em que por assim dizer se expõem os resultados medios da observação geral, em que a similhança *approximada* dos ovulos, com a sua *identidade* no fundo, é o ponto de partida das theorias levantadas. Não se analysam as fórmulas ovulares nos differentes animaes, mas antes se assenta n'uma egualdade *schematica* para d'ella se inferirem conclusões.

Por que rasão, portanto, se começou por levantar uma accusação falsa e d'ella se fez cavallo de batalha? A rasão está no prologo do livro accusador, onde mais uma vez inesperadamente espirram artes jesuiticas! É ler estas palavras do prefacio da obra de Hamann:

Vielleicht wird auch der Theologe, der gezwungen ist, der Entwicklungslehre näher zu treten, durch diese Darstellung der ihn berührenden Fragen dazu gelangen, einen festen Standpunkt der Abstammungslehre gegenüber einzunehmen. (Hamann, *loc. cit.*, pag. V.)

Litteralmente:

.. Talvez tambem o theologo, que é obrigado a approximar-se da doutrina do desenvolvimento, consiga, por meio d'esta exposição das questões que lhe dizem respeito, alcançar um solido ponto de vista em frente da doutrina da descendencia.

Não está aqui a *griffe* ?

Mas ainda ha mais bello a demonstrar. Vimos que o padre do *C. N.* apresenta Hamann como discipulo assiduo de Haeckel durante 13 annos, que se vê obrigado a confessar a falsificação das gravuras, logo que se libertou do dominio escravizador do mestre. Foi um grito de consciencia vindo denunciar ao mundo a falsificação de Haeckel, que elle só podia conhecer por ter assistido ao trabalho typographico do livro, onde a mesma gravura se repetia tres vezes com legendas differentes. Eu não sei onde se foram buscar estas informações, que, *folheando o livro*, não encontro. Mas, suppondo-as verdadeiras e acreditando na historia da assistencia por 13 annos, tiro uma divertida conclusão; ora, queiram fazer o favor de contar: A 1.^a edição de Haeckel é de 1868, Hamann ajudal-o-hia a esse tempo, visto que lhe apanhou a grande tramoia da gravura, e não é suppor muito, tratando-se da Allemanha, que o discipulo não poderia ter por essa epoca menos de 20 annos. Ora o livro accusador é escripto em 1892, o que faz a linda idade de 44 annos por essa epoca... Pois aos 44 annos de idade Herr Doctor Friedrich Otto Hamann tinha attingido no ensino a altissima cumiada de *Privatdozent!!!* e *Privatdozent* de zoologia da universidade de Göttingue, isto é d'uma universidade que não está hoje no numero das mais eminentes da Allemanha! Ora para que se comprehenda isto, para que se veja o maravilhoso avanço d'este joven de 44 annos, que ninguem por terras portuguezas sabia existir e mesmo na Allemanha não poderá ser muito conhecido, visto como o meu livreiro de Vienna gastou perto de tres mezes em descobrir o livro, — é preciso dizer que nos paizes de lingua allemã os professores transitam d'umas para outras universidades, caminhando sempre para melhor, e que *Privatdozent* não é professor, mas apenas uma pessoa a quem as universidades permitem fazer cursos particulares. Quer dizer que o nosso homem está algo atrasado na sua carreira...

Mas ainda mais atrasado está o padre do *C. N.*; esse porém em sciencia e em talento. Em sciencia, porque ainda está na phase de ha vinte ou trinta annos, dizendo por todos os modos

e em vinte pontos do seu trabalho, que os ovulos de todos os seres vivos são identicos, e não desconfia sequer do muito que as modernas technicas histologicas teem descoberto de diferente nos ovulos, em particular na estructura nuclear. Haeckel escreveu n'uma epoca em que nada se sabia d'estas technicas e seus resultados, e o microscopio então dava a quasi plena identidade. Em talento tambem pouco adiantado, porque nem depois da reedição da *falsificação* apanhou que os ovulos não são identicos... antes affirma sempre a identidade, e da não identidade não tira sequer sombra de argumento theologico para combater as theorias darwinistas. E foi para elle que Hamann escreveu! Bem empregado tempo!...

O FUNDO DA QUESTÃO

Eu estava naturalmente dispensado de voltar ao fundo da questão do livre arbitrio. Não ha argumentos physiologicos que vençam o empedernimento cerebral d'um philosopho jesuita que arvora sciencia sobre a «intuição profunda» da intelligencia humana. Não ha discussão possivel com um adversario que é inimigo e que por isso mesmo ás rasões substitue o improprio e em lugar de argumentos solta injurias mortaes. Não ha finalmente luz que illumine um espirito que voluptariamente cerra os olhos á verdade e chega por isso ao extremo de falsificar os textos que combate para fingir aqui ou alli uma victoria, desgraçada victoria comprada á custa d'uma consciencia que se deixa corromper e esmagar

Mas, já disse, o fim d'este livro é mais alto que uma esteril discussão. E em nome d'esse fim, eu estou no dever de retomar a questão, agora sob um aspecto novo — o de ir buscar ás proprias palavras e ás proprias idéas d'esse reverendo, que tanto sabe insultar e tão pouco discutir, a nova demonstração, a demonstração scientifica, que irá illuminar muito cerebro que só foi attrahido á leitura d'este opusculo pelo escandalo d'uma polemica entre adversarios, hoje e sempre e cada vez mais irreconciliaveis.

Será essa a verdadeira obra util d'este livro. Espiritos que se conquistem para a Verdade são outras tantas inconsciencias que

se furtam ás trevas da ignorancia e da mentira. Cerebros que se impregnem de sciencia são servidões que se rompem, são escravos que se subtraem ao jugo da orthodoxia e ao dominio escandaloso d'uma seita que quer a humanidade recuada até á idade media. Consciencias que se levantem no amplo e rasgado vôo dos grandes principios scientificos são garantias que se sommam d'uma bella e gloriosa raça futura, d'uma raça emancipada das tristezas e apprehensões christãs e que será feliz na vida — pela vida. . .



No consenso espiritualista, os corpos organizados estão submettidos a uma força, um principio, uma idéa, extranha á materia e que os rege e governa no sentido de os tornar prosperos, integros, dominadores das condições exteriores que os possam molestar. E' a vida. Condimentem a noção dos mil modos por que o tem feito a philosophia espiritualista, representem-n'a nas mil figuras em que a tem phantasiado, localisem-n'a n'um ponto d'um organismo vivo ou espalhem-n'a por elle inteiro — sempre nos encontramos n'esta ultima idéa irreductivel d'alguma coisa extranha á materia e que á materia fornece uma organização e um funcionamento especial, nunca descobertos em seres desproyidos da vida.

Esta idéa não encontra nenhuma demonstração positiva na sciencia inteira, nem a sciencia carece d'ella para conceber os corpos vivos. Nasceu d'uma supposta intuição profunda da alma humana e, por mais que a observação a tenha golpeado de morte, mantem-se vivaz nos espiritos que o sopro da sciencia não bafejou, o que significa a parte maior da humanidade. Assombrado na contemplação da natureza viva, o homem deixou-se dominar pela primeira phantasia que lhe surdiu na imaginação. Do mesmo modo que um espirito ignorante, perante coisas naturaes artificialmente combinadas e complicadas, as

vae attribuir a artes magicas, bruxedos e feitiçarias, assim tambem perante o desconhecido, na ausencia do espirito scientifico que é o unico a obrigar ao caminho da verdade, o homem deu credito á primeira concepção que lhe salteou o pensamento e teve-a por boa, por mais que os factos a viessem contrariar. E' a soberania da idéa fixa, que arrasta as philosophias espiritua-listas para os dominios manicomias. A noção da força vital é uma consequencia fatal da ignorancia ou d'uma educação mil annos recuada no progredir da raça.

A' medida que a sciencia se eleva no ceu da humanidade, a força vital vae-se afundando no abysmo da primitividade mental ou dos interesses inconfessaveis. Hoje está nos derradeiros arrancos da agonia. Mas desesperadamente ainda se agarra aos mais tenues lampejos de esperanza, torcendo os factos de demonstração, desvirtuando-os, inquinando-os das suas tangentes syllogisticas, deturpando-os com as suas distincções palavrosas, com as suas phrases elasticas que a tudo dão cabida, no presente e no futuro.

A força vital é *uma*, como é *um* o organismo vivo. O individuo é a construcção maravilhosa que na materia synthetisou a idéa primordial da vida. Não ha ser vivo a quem superiormente não domine uma agencia indivisivel que ampare a construcção e a mantenha intacta. Subtraia-se-lhe essa agencia dominadora e a construcção desabarará em destroços infimos, que se irão confundir no mundo mineral. Essa força extranha é o sopro vivificante da materia. E' o engenheiro que foi dotado da idéa da machina e que, tendo presidido á sua construcção, preside agora á sua conservação e ao seu funcionamento. Subtraia-se o engenheiro e a machina esboroa-se.

Tem a sciencia evidenciado que a machina póde ser dividida em mil pedaços, que ainda assim não deixa de funcionar. Não ha uma unidade de vida. Todos os corpos vivos pódem viver unos ou divididos. Não importa. Aquillo que se affigura vida n'um fragmento destacado d'um ser vivo não é vida — é uma orientação adquirida — e a prova está em que todo o fragmento isolado d'um corpo vivo acaba por morrer.

Venham citações: fala-se da comparação que se estabeleça

entre ás cellulas que constituem animaes e plantas e as abelhas formando um enxame:

As abelhas, são individuos completos, que se *veem e conhecem* e estão animadas de instinctos communs; por occulta que seja para nós a energia vital que as anima e dirige, sempre temos ahí uma causa proporcionada da harmonia que reina entre ellas. Mas nas cellulas animaes e vegetaes não ha nada d'isto; cada cellula tem seu logar e função determinada no organismo, isolal-a de todo é fatal-a infallivelmente. (C. N., 1885).

Mais adiante, voltando-se a combater o argumento tirado da manutenção da vida nas cellulas separadas do organismo, está escripto o que segue. Perdõe-se a extensão da transcripção; n'ella porém se contém a mesma demonstração da falsidade da idéa da *unidade vital*:

Posto isto, para que as partes separadas do organismo manifestem alguns phenomenos de vida, basta que ellas possam conservar por algum tempo a *orientação* recebido do principio vital; pois é evidente que as cellulas integras e orientadas, postas em um meio nutritivo adequado á sua natureza, continuarão fatalmente as mesmas operações que estavam executando sob o influxo directo e immediato da energia vital. Dar-se-hia neste caso, com as cellulas ou partes destacadas do organismo, uma cousa analoga ao que dá nos corpos com a velocidade adquirida.

Poderá porém essa orientação perseverar, por algum tempo, na cellula integra e destacada do organismo? Ninguém hesitará em responder affirmativamente se observar que, materialmente falando, a cellula é constituída unicamente por agentes physico chímicos, que podem muito bem *alterar* outros elementos ou ser *alterados* por elles, mas não *alteraremse* a si mesmos.

Mas é evidente que taes reminiscencias de vida, verdadeiros echos de uma harmonia que já deixou de existir, não podem durar muito, tanto por falta de direcção ulterior para proseguir a evolução, como por falta de um principio interno que resista á influencia destruidora e mortifera dos agentes externos; porque a vida organica é uma lucta continua contra esses instrumentos da morte. (C. N., 1895).

Detenhamo-nos por um momento na contemplação d'este desenvolvimento de raciocinio, que n'elle está prototypado o modo de pensar dos philosophos das intuições e das verdades primordiaes. As coisas são como são, não porque são, mas porque estão de harmonia com a idéa *à priori*, com a concepção

primitivamente feita do que é a vida e seus predicados. Um homem de sciencia observa os factos, verifica-os, convence-se da sua realidade e só então conclue os principios que n'elles se possam conter. A philosophia espiritualista, essa, admite os factos porque estão de accordo com os principios que começou por assentar. Se o accordo não existisse, os factos seriam arredados ou torcidos, a sua significação seria contestada, comtanto que o principio se salvasse. No trecho transcripto está a alma inteira da philosophia espiritualista.

Ainda por outro lado é curiosa a argumentação. Pareceria que, destacada d'um organismo uma parte, furtada á vida que o anima, a parte separada morreria — logo. Seria até conclusão para o amigo Banana. O padre não pensa assim. Tirada a vida a uma parte, a parte não morre logo que a vida foge, a parte continúa a viver sem vida e morre sem ter morrido! São estas esdruxulas artificiosidades que os regala, aos philosophos do syllogismo. Attingir uma situação em que as coisas ao mesmo tempo sejam e não sejam, em que o que está vivo não esteja vivo nem esteja morto, em que a vida seja igual á morte e tudo junto puro palavriado, é o extasi em que se inebriam esses adoradores da propria rasão, esses neo-santões que substituíram o umbigo dos seus confrades musulmanos pela arte do syllogismo e na contemplação do novo umbigo procuram a Deus, em vez de honradamente o procurarem no estudo da natureza.

Vejamos porém o fundo do argumento, despido de todos os artificios d'um intellectualismo ôco. Uma parte separada d'um organismo morre fatalmente. Se as manifestações vitales persistem, não dependem directamente da vida, mas da orientação recebida, da velocidade adquirida. Em todo o caso, porque lhes falta a vida, ellas extinguem-se n'um tempo limitado, maior ou menor conforme as condições exteriores. A morte é fatal.

A morte fatal, apoz um período mais ou menos longo, vem a ser a demonstração da vida como agencia dominadora e unitaria do organismo, d'onde a parte foi destacada. Quer dizer que, se se conseguisse demonstrar que uma parte separada d'um corpo vivo pôde viver indefinidamente, teriamos ahi a demons-

tração de que as manifestações vitaes, aquillo que se synthetisa na palavra *vida*, são independentes d'um principio superior uno que domina e rege o ser vivo.

Mas é precisamente o caso. Tire-se d'um animal ou d'uma planta uma parte e implante-se n'outro animal ou n'outra planta. Se o enxerto *pegar*, e é o caso ordinario, a sua vida vae-se prolongar por todo o tempo que viver o organismo onde foi enxertado. Como é então que um fragmento organizado, que já não tena vida, passa agora a tel-a quando em contacto com um ser organizado extranho? E' porque o segundo ser o vae animar com a sua propria vida?

Vejamos então outro caso: o ovulo fecundado, por exemplo, que vae viver de vida propria, logo que se separe do organismo onde estava vivendo. De toda a evidencia, não ha, depois da desligação, nada a que se possa attribuir a vida do novo ser, como no caso do enxerto. A vida recebeu-a elle da vida. Foram os organismos paterno e materno que lh'a forneceram, fraccionando-se por tanto um e outro e desfazendo a sua unidade. A unidade vital perante este facto passa a ser um mytho. A vida mesma, como agencia, passa a ser uma phantasia, visto que o ovulo logo que se destaca do ovario está exactamente nas mesmas condições d'outra parte qualquer separada d'um ser vivo, e quer elle seja lançado n'uma cavidade natural do organismo materno, quer passe logo ao meio exterior.

Mas é possivel ainda imaginar que, no phenomeno da formação do novo ser, haja este especial predicado do ser paterno de transmittir a sua propria vida a uma porção especialisada do seu proprio ser.

Vejamos então um ultimo facto — e este decisivo. E' preciso uma vida indefinida n'uma cellula não especialisada e destacada d'um ser para que se demonstre que não ha unidade vital nem mesmo força vital. Pois bem, aqui está o caso:

O ovulo é um plastide, que no seu desenvolvimento se divide em dois; cada um d'estes soffre nova divisão em dois e assim successivamente. Por tal modo, temos gerações seguidas — 1.^a, 2.^a, 3.^a, 4.^a, etc., representadas por 2, 4, 8, 16, etc., plastides, que nas differentes phases se mantem aggregados e no

caso especial receberam o nome de *blastomeros*. Evidentemente em qualquer das phases temos um ser vivo, com esta ou aquella anatomia, e composto de blastomeros aggregados, todos eguaes e nenhum especializado. Cada um d'esses blastomeros vem pois a ser, para o ente vivo de que faz parte, exactamente um fragmento que, destacado, se encontrará nas mesmas condições que um fragmento d'um ser vivo completamente desenvolvido que separemos, e se na theoria este morre fatalmente, fatalmente deve morrer o blastomero separado. Pois não morre!

Supponhamos o caso d'algumas medusas que foram minuciosamente estudadas n'este ponto de vista por Zoja e vejamos o que succede aos blastomeros isolados nas phases 2, 4, 8, 16: succede que o desenvolvimento de qualquer d'estes blastomeros assim separado se realisa como se se tratasse do ovulo original, como se fosse o proprio ovulo original! as larvas produzidas não se distinguem das que veem do ovo inteiro senão pelas dimensões...

E' preciso insistir na significação d'este facto? Não, o que é preciso é accentuar bem que elle está na propria argumentação do padre. A vida extingue-se fatalmente n'um fragmento separado d'um organismo qualquer; a vida não póde «durar muito, tanto por falta de direcção ulterior para proseguir a evolução, como por falta de um principio interno que resista á influencia destruidora e mortifera dos agentes externos». Quer dizer que nas palavras do padre não ha vida n'esse blastomero destacado e que vae viver indefinidamente, crescer, evolucionar, multiplicar-se, etc., ou então a vida não é um principio interno que dirija e resista ás acções externas.. Queira o padre sahir d'aqui sem logomachias e sem adverbios de caútechú.



Outra guitarra é a da evolução. O ser segue no seu desenvolvimento um caminho predeterminado. E a evolução é a rea-

lisação d'uma idéa, d'um plano, d'um programma, a que o ser vivo terá de obedecer na independencia total ou quasi das condições exteriores.

A mais superficial consideração de um ser vivo é sufficiente para descobrir n'elle a *realisação de uma idéa*, uma *orientação especial* dos elementos inorganicos, não comprehendida na orientação congenita d'esses elementos. Houve portanto uma intelligencia superior que concebeu essas *idéas vitaes*, que reuniu os elementos indifferentes da materia bruta e lhes imprimiu a *arte* realisadora do plano concebido. (C. N., 1872).

Effectivamente, só considerando superficialmente um ser vivo é que se chega a conclusões d'estas. A sciencia chega a conclusões differentes partindo de analyses profundas. Tal é a differença entre homens da crença e homens da sciencia. Verdade é que estes não teem a poderosa alavanca dos primeiros:

Taes são os factos que levaram os grandes philosophos e os physiologistas mais eminentes a admitir nos organismos vivos uma energia superior ás energias da materia bruta. E' porque uma intuição profunda e comparativa dos factos dos dois mundos, organico e inorganico, lhes fez ver, como nos corpos vivos, todas as forças da materia bruta são *modificadas, elevadas e dirigidas* em ordem á realisação immanente de uma *idéia*, ou plano de organização, e que dentro do organismo que cresce e se edifica está a *arte* de o construir. (C. N., 1872).

Elles bem sabem que aquella «intuição profunda» escorrega varias vezes; elles bem sabem que o organismo vivo e o seu plano evolutivo estão acorrentados indissolvelmente ás condições physico-chimicas em que se possam encontrar. Mas para que serviria a palavra senão fosse salvaterio nos passes difficeis. . . Venham as palavras de borracha; acuda a arte jesuitica por excellencia. Temos na evolução um plano e as condições externas. Pois bem, adjectivemos um plano de modo que ninguem o possa definir: será o plano *fundamental*. O plano varia com as condições externas, ha variações em certos limites? pois bem, falar-se-ha em variação em *estreitos* limites. Varia o plano? a variação não se fez no que elle tem de fundamental. A variação realisou-se n'uns dados limites? é que se

estava dentro dos limites estreitos. Mas o que o padre não sabe é que vai ser acorrentado ao pelourinho da sua propria palavra; o que não sabe é que a sciencia de hoje fornece dados e interpretações que elle terá de engolir por força, salvo se declarar que a palavra *fundamental* que empregou tem a mesma significação que o celebre *blictri* da sua Ordem.

Sabe-se que entre as fórmulas de restricção mental dos jesuitas ha uma recommendada por um dos seus doutores, Canadi, que diz :

Eu vou agora, diz esse grande homem, examinar um novo modo de não mentir e todavia de occultar ao mesmo tempo a verdade; e isto sem a gente se calar, mas pelo proprio discurso.

Este modo consiste em não falar senão materialmente, e em pronunciar palavras sem intenção de lhes fazer significar qualquer coisa, como se com effeito nada significassem: exactamente como quando pronuncio a palavra *blictri*, ou quando alguém pronuncia palavras que não entende. Porque, tirando as palavras por assim dizer a vida da intenção que temos de que signifiquem alguma coisa, segue-se que sem essa intenção, as palavras que se pronunciam são como palavras mortas, ou especies de cadaveres de palavras; e não tem então nenhum sentido formal para significarem as coisas que deveriam significar por sua instituição. (Paul Bert, *La morale des Jésuites*, p. 152).

Pois o padre terá de declarar que os factos a apresentar estão nos limites das suas exigencias ou que quando falou em plano *fundamental* quiz dizer *blictri*.

Vejamos porém as citações a fazer :

A independencia e superioridade da energia evolutiva do germen sobre as condições *materiaes* do proprio germen e do meio, é ainda posta em relevo pela tenaz resistencia d'essa energia a modificar o seu plano de acção. Não ha energia material ou artificial que seja capaz de alterar o plano fundamental de cada germen (C. N., 1873).

Não ha industria que seja capaz de obrigar o germen a mudar de plano. Ha sem duvida n'elle uma certa variabilidade plastica que, dentro de estreitos limites, lhe permite adaptar-se ás condições do meio, ou a assumir certas modificações á que a industria humana o força. Mas, nada d'isso altera o plano de organização, e, cessando essas causas extrinsecas perturbadoras, vemos os organismos regressarem ao plano primitivo. Quem não vê n'este poder interno de resistencia aos agentes externos, n'esta lei fatal de regresso ás fórmulas primitivas, n'esta evolução progressiva, n'este delineamento geral de órgãos, a principio inúteis, no estacionamento da energia

evolutiva, que depois de realizado o plano esboçado, pára, empregando-se unicamente em conserval-o, reparal-o e reproduzil-o, quem não vê em tudo isto uma energia *latente, una* e sempre a mesma, que domina a materia e procura adaptal-a ao exercicio de seus poderes multiplos ? (C. N. 1875.)

Separemos os dois primeiros blastomeros do ovo da salamandra, como fez Herlitzka, por meio de um fino cabello; cada um dos blastomeros vae dar um embryão absolutamente normal.

Isolemos um blastomero de qualquer das phases, 2, 4, 8, 16, do ovo de *Clytia flavidula* e desenvolver-se-ha uma larva inteiramente normal, salvo no tamanho (Zoja).

Deixemos desenvolver isolado um dos dois primeiros blastomeros da rã e teremos embryões completos ou meios embryões (meios embryões, padre, retire os pontos de admiração que sabe), conforme os ovos teem o polo negro inferior ou superior, isto é conforme estão invertidos ou na sua posição normal (Morgan).

Estas e analogas experiencias teem-se repetido profusamente nos ultimos annos e não póde haver sombra de duvida sobre a sua veracidade, tal é a concordancia dos observadores. Ora, parece-me bem *fundamental* que um ovo dê no seu desenvolvimento um só individuo, ou 2, ou 4, ou 8, ou 16 .. E parece-me bem que não póde estar em mais *estreitos* limites esta condição tão singella de estar um ovo na sua posição normal ou n'uma posição invertida... Que é feito então do plano evolutivo, da direcção superior, do principio interno, da idéa directriz, da orientação recebida ?

×

E' querer negar a propria luz recusar a acção dominadora, exclusiva mesmo, das condições externas sobre a evolução inteira, fazendo se n'um composto chimico e estructural da mais alta complexidade que é a materia viva, que é o plastide. O plastide não tem outras propriedades senão as *actuaes*, aquel-

las que se manifestam pelas trocas nutritivas e phenomenos concomitantes; não possui em si qualquer plano de desenvolvimento, qualquer programma de evolução. A evolução não depende senão das condições exteriores. A hereditariedade é um mytho; não ha nenhuma força em potencia nos seres vivos, que os obrigue a seguir caminho igual áquelle que os paes seguiram. Se o filho é igual ao pae é porque, primeiro, é um pedaço da materia do pae e portanto possuirá as mesmas propriedades, do mesmo modo que um fragmento d'um crystal de chloro de sodio é transparente, de sabor especial, soluvel na agua, precipitavel então pelos saes de prata, como o crystal d'onde se tirou; é em segundo logar porque se encontra nas mesmas condições de meio em que o pae se encontrou a partir do ponto em que foi plastide.

O ovulo abrange tanto um plano evolutivo, como, eu sei, uma solução de sulfato de sodio: se alguma vez estiver em presença da agua de barita, precipitado; na ausencia do reagente, ausencia da precipitação. Estava escripto n'um programma do sulfato de sodio? Não, era uma propriedade do sal. Pois do mesmo modo com o ovulo: tem as suas propriedades; em certas condições normaes, trocas chimicas e differenças anatomicas, d'onde vem a evolução normal; em condições diversas, outras trocas, outras differenças e portanto *outra evolução*; d'onde um desvio de desenvolvimento, uma paragem, uma monstruosidade, n'uma palavra. Como as *gemmulas* de Darwin, os *pangenes* de de Vries, os *plastidulos* de Haeckel, se escondem quasi ridiculos diante d'essa bella e grandiosa concepção do tempo presente!

Egualdade na composição e nas condições externas, taes são as razões da *hereditariedade*, ou melhor do conjuncto de factos reunidos sob essa etiqueta.

Mesmo nos organismos superiores, mesmo nas cavidades da geração. As mesmas condições externas e na mesma successão e o ovulo seguirá precisamente na linha evolutiva do pae sob a influencia de identicas trocas chimicas, trazendo como consequencia eguaes multiplicações, eguaes differenciações, eguaes variações plastidares, e portanto eguaes tecidos e órgãos eguaes.

Variemos porém as condições, e a linha evolutiva variará.

Bastam variações mínimas: as trocas nutritivas são por assim dizer microscópicas; microscópicas basta que sejam as variações no condicionamento externo. Factos! factos! E' uma simples mudança de posição: direito, e teremos um embrião completo; invertido e o resultado será um meio embrião. E' uma simples vibração do ovo, como nas celebres experiencias de Féré, e a consequencia será uma monstruosidade: um frangão sem vestigio de cerebro ou de medulla fendida de alto abaixo. E' a acção d'um minimo de toxina ou d'uns vapores de mercurio ou essencia de teribinthina e virá um animal de duplo bico ou de ventre aberto. E' a acção d'aquelle resquicio de alcool que n'um momento dado póde estar nos liquidos d'um beberão e a creança que vae nascer será microcephala ou epileptica. E' finalmente a influencia d'aquella alteração que persiste apoz annos e annos d'uma infecção do sangue, eu sei, uma variola, um sarampo, uma syphilis, ou a perturbação trazida por uma influencia nervosa desregrada — e o producto será um louco ou um nevrotico, será um criminoso ou um homem de genio...

E' a fatalidade da tragedia antiga que retoma os seus direitos absolutos das mãos da sciencia moderna.

Que me veem falar de liberdade em nome de uma ontologia idiota e cega, quando eu os tenho allí, á mão, epilepticos porque foram gerados no acume d'uma bebedeira, idiotas porque tiveram uma mãe hysterica ou um pae syphilitico, alienados porque o cerebro se lhes formou monstruoso sob a acção d'um espermatozoide alcoolisado, criminosos porque vieram de paes velhos ou de creaturas desequilibradas! Mas é a sciencia inteira de hoje que está aqui, radiante como a luz do sol, a patenteal-o nos mais reconditos recessos que a observação póde explorar. E' a biologia, a anthropologia, a psychiatria, a grital-o por todos os modos e em todos os tons. Quando virá uma vulgarisação de sciencia que dê ouvido aos surdos, rectidão aos espiritos tortuosos, um character franco e leal ás almas que vivem pelas tocas da mentira e da exploração!...

Que me veem falar de liberdade em nome de cambalhotas syllogisticas que estão fóra de todo o facto e de toda a obser-

vação! Que significam, em presença dos factos, palhaçadas philosophicas como esta:

3.º *Só o ser livre é verdadeira e totalmente causa.*

A causa propriamente dita e total de um phenomeno ou de um ser vivo é aquella que por si só é necessaria e sufficiente para lhe dar a existencia. Ora a existencia particular de um phenomeno, de preferencia a outros igualmente possiveis, se attendermos sómente á natureza e á energia do agente, depende em ultima analyse da *orientação* da energia, mas o ser sujeito ao determinismo não tem em seu poder a *orientação* da propria actividade; essa recebe-a de fóra.

Que se segue d'ahi? Segue-se com toda a evidencia que esse ser não pode ser causa *total* de phenomeno algum, que não pode *mover-se* para uma direcção determinada, sómente *ser movido* para elle. Taes seres são antes causas *instrumentaes*, que causas *principaes*.

No ser livre é tudo ao contrario. N'elle temos a energia productora e a sua orientação. O ser livre é, portanto, causa, causa verdadeira, causa *total*. . . (C. N., 1923).

E assim por columnas e columnas sem fim. . . E não as esmaga a Verdade, a estas cabeças falantes! . . .

Que me veem finalmente falar de proceder assim ou de modo differente conforme eu quizer ou não quizer? Que são esses desafios ingenuos d'uma primitividade philosophica, perante elles proprios como perante os factos?

E' uma acção muito simples, dizia J. Simon (Devoir, 1.ª part., ch. 1.ª), a de levantar tres vezes o braço numa hora. Se sou livre, depende unicamente de mim fazel-o ou não. Se não sou livre, isso depende de uma causa estranha á minha vontade. Ora bem, eu proponho a quem negar a minha liberdade que aposte commigo mil escudos, um milhão, cem milhões até, que no espaço de uma hora não hei de levantar tres vezes o braço. (C. N., 1890).

Ameacem-n'o — a serio — de lhe largar um touro se não levantar tres vezes o braço n'uma hora, e verão que o levanta, não tres, mas tresentas vezes, não um braço mas todos os braços.

De que depende a veracidade d'um principio!



Mas tudo isto é falar grego a este padre. Que póde elle en-

tender do espirito que se contém nos factos, se os mesmos factos se lhe recusam a toda a comprehensão ! Se elle não concebe o funcionamento sequer d'um plastide, ao mesmo tempo tão maravilhoso e tão ingentemente singello, que ha falar-lhe em trocas chimicas com o ambiente, em consequentes modificações estructuraes, em seguimentos evolutivos na dependencia de condicionamentos externos ? Falem-lhe em alma e immortalidade, em forças vitaes e finalidades da vida, e elle comprehenderá ainda que não seja senão para novos pinotes e novas toirinhas, para gaudio da galeria. Falemos-lhe pois em almas e no que mais agradar ás suas seraphicas imaginações.

Temos aqui este pobre rapaz, honesto, trabalhador, amigo da familia, fugindo de devassidões e estroinices. A sua vida passa-se n'uma fabrica, onde todos o estimam e teem na conta d'uma santa alma, por via de quem o mal nunca virá ao mundo. Succede porém em negro dia que um desastre do trabalho o leva ao hospital. Um pedregulho cahira de grande altura e de raspão lhe fracassára o craneo. A fractura cura-se *tant bien que mal*, e a victima sac do hospital com a mesma figura do tempo antigo, apenas levemente amolgada a abobada craneana. Mas já não é o mesmo homem. Aquellas semanas de hospital tornaram-n'o n'um figurão bulhento e desordeiro, vicioso e devasso. A familia, lança-a ao desprezo; os companheiros, provoca-os a todo o momento ; e a transformação foi a ponto que até roubos o desgraçado commette e, se não tem algum assassinato á sua conta, é que a occasião lhe tem falhado, não o vinho que o tolde, nem a nava!ha que está usando de permanencia. Que é feito da alma pura d'outr'ora ? Que virtude fatal foi a do pedregulho que de vez a expulsou e substituiu por alma nova e tão ruim ? E que virtude é esta agora tão surprehendente d'um trepano, que póde repôr as coisas no estado antigo e levantando a compressão craneana fazer reapparecer a alma que se diria de vez fugida ? Ha aqui uma troca de almas, como quereria o padre ? Mas onde se acoitam e d'onde veem estas almas que assim contradansam ao livre alvedrio das theorias do mesmo padre, para quem a conducta é o reflexo da alma e para quem a mesma alma é assim feito de fantoche que

rege o cerebro e conforme boa ou má faz os homens justos ou peccadores ?

Ora, isto não é um caso de imaginação, é um facto de observação quasi diaria, quer rigorosamente estreitado aos moldes da observação que acabamos de traçar, quer traduzindo o mesmo phenomeno por mil modalidades differentes. N'este momento é um excesso de alcool que d'um homem bom, de indole bemfazeja e sociavel, faz besta fera, que irrompe em desatinos, provocações, desordens e até crimes. D'aqui a pouco é esse desgraçado Michéa, um pobre rapaz que só de tempos a tempos tinha a sua vertigem epileptica, e que d'um momento para outro, sem causa que se soubesse, sem motivo que o enfurecesse, pega d'uma espingarda e assassina como tordos os seus camaradas de quartel, apenas poupando os da Calabria, que são da sua terra. . . Como é que uma alma tão santa se converteu assim de repente n'uma indole perversa, sanguinaria, como é que um arbitrio livre deshumanisou assim, de subito, uma creatura boa ou então como é que o governo d'aquelle homem passou assim de repente das *mãos* d'uma alma pura para as d'uma alma cruel, como é que se fizeram estas *passagens* de almas tão differentes e tão amantes da pandegasinha ?

Mas vejamos ainda coisas mais curiosas, oh rev.^m padre! Vejamos, por exemplo, esta pobre hystérica que desde annos passa a vida inteira por phases do mais pleno antagonismo, agora, por mezes ou semanas ou dias, pacifica, docil, trabalhadora, honesta, tranquilla, logo, na phase seguinte, má, turbulenta, respondona, a todo o instante molestando a familia, baltendo na mãe ou nos irmãos, fugindo de casa e cahindo até em actos de torpeza, etc., etc. E' o *desdobramento de personalidade*, hoje de observação quasi banal, e que muda o character d'uma pessoa como se póde mudar de camisa. E' o desdobramento da personalidade, que imprime ao espirito e á conducta qualidades absolutamente oppostas, antagonicas, hoje uma alma que S. S. canonisaria, amanhã uma outra que tem na vida d'além a condemnação ás penas eternas. O que são estas duas almas, oh padre ? Como é que ellas se substituem e jogam assim um meio jogo da cabra cega n'aquella pobre machina e tão em

oposição que v. rev.^{ma} daria a plena absolvição a uma e á outra a recusaria em termos asperos de horrorizado? Ou o que é esta transmutação de qualidades d'uma alma? E quando a rapariga morrer, como resolve v. rev.^{ma} a dificuldade? Para onde vae á alma *uma* da pequena? Para o ceu? Não póde ser, tão numerosos são os seus crimes! Para o inferno? Mas se ella foi tão boa e tão santa!

Que afflicções serão as vossas, oh rev.^o! Que embarços, que hesitações, se não fôra a vossa inteira sciencia theoloyal! Um raio de luz irrompe d'aquelle poço de sabedoria, que é a Santa Biblia. E' a sentença do Exodo, para os que usam de sortilegios e encantamentos:

Possessão! Possessão!... Fogueira com a endemoninhada!...

Eis o que é pratico e decisivo... E como tudo se liquida...



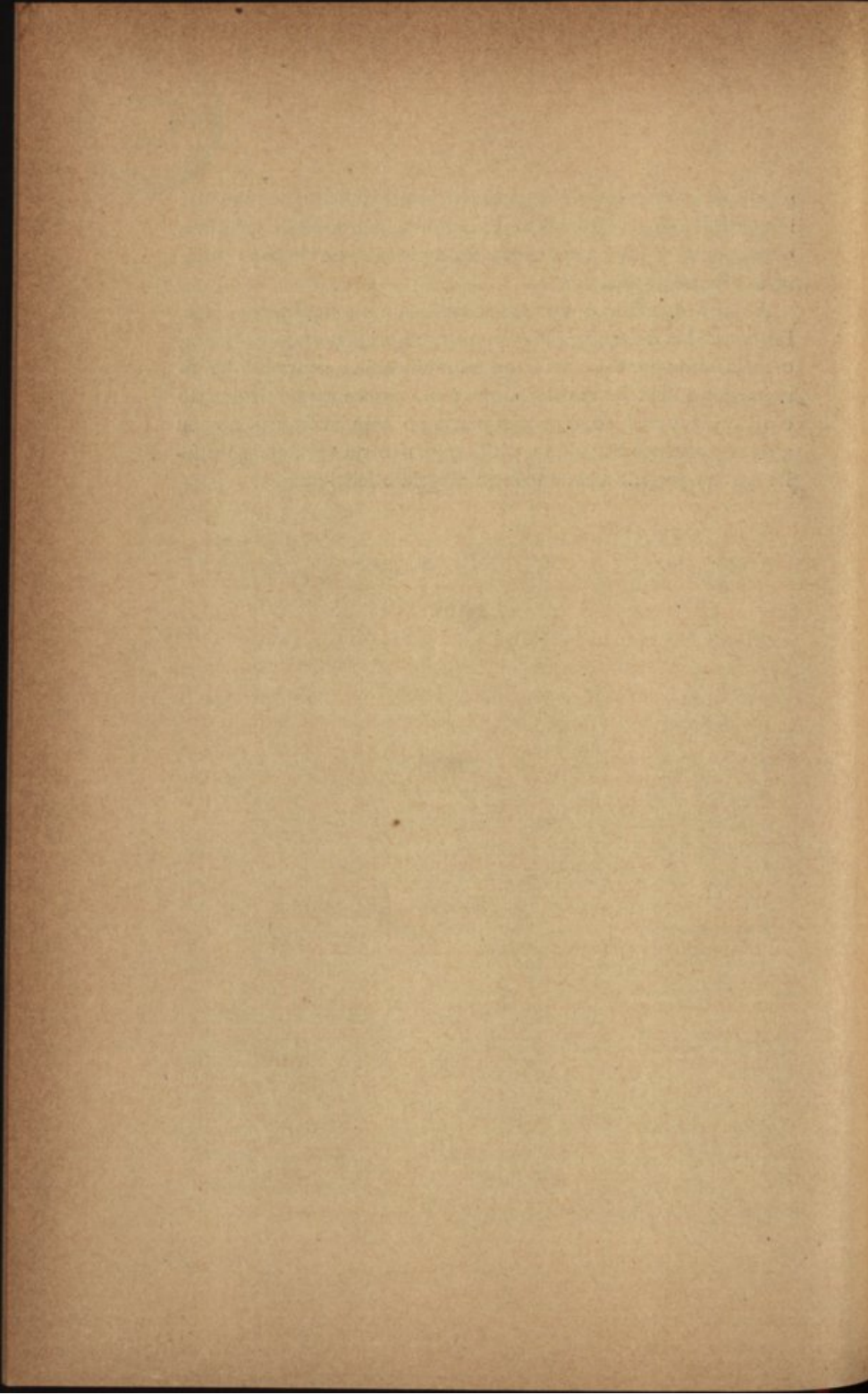
A fatalidade dos phenomenos naturaes não carece de nova demonstração. E' a base mesma de toda a sciencia. Das sciencias que se lustram com velhos pergaminhos e das sciencias novas que todos os dias se levantam n'este caminhar incessante para a Luz, que tem sido a marcha ardente da humanidade vae em dois seculos. Das sciencias que estudam os phenomenos mais grosseiros da vida como d'aquellas que vão rebuscar as mais remotas anfractuosidades do mundo psychico. Das sciencias emfim que estudam a vida no individuo como d'aquellas que analysam a vida nas sociedades humanas.

Tudo se enlaça com a mesma corrente da fatalidade. Este mesmo espiritualista (!) o diz quando applaude á concepção de Leibnitz do encadeamento mathematico dos phenomenos do universo e da sua concepção no tempo e no espaço por uma intelligencia infinita que concebesse a totalidade dos atomos e a energia e direcção dos seus movimentos. E' impossivel separar o mundo dos corpos do mundo do espirito. Phenomenos



physicos e phenomenos psychicos reciprocamente se influem ; impossível seria a concepção de Leibnitz, estreitada a um ou a outro, mesmo que a natureza do espirito fosse de todo diferente de tudo o mais.

A idéa fatalista é a unica scientifica e a unica verdadeira. Bastava. Mas é a unica idéa em que se abriga uma moral pura, e mais santamente se aninham a indulgencia e o perdão. E' finalmente a idéa fertilisadora, que n'um assombro de dedicação e quantas vezes de coragem pensa no homem futuro, no seu aperfeiçoamento trabalha e d'elle quer fazer a raça alegre e feliz que na propria vida encontra alegria e felicidade.



A MORAL JESUITICA

«Menti, menti sempre, que alguma coisa vos ha de ficar (Voltaire)», tal é uma das epigraphes da serie de artigos que provocaram este opusculo e tal é tambem o principio a que religiosamente se obedeceu em todo o decurso d'essa serie. Foi visto o acervo de falsificações com que se estropiou o meu livro. Mas, ainda assim, não se póde fazer idéa dos extremos de impudor a que se chegou na deturpação de factos os mais conhecidos e que desde seculos teem sido estigmatizados pelas auctoridades as mais insuspeitas. Fica-se litteralmente tomado de assombro quando se vê o modo por que se apresentam os principios que são caracteristicos da moral dos jesuitas. Parece que se está falando com um povo de hottentotes que desconheça absolutamente essa moral horrorosa, que tem servido e ainda por muito tempo ha de servir á justificação de todos os crimes e de todas as iniquidades. Para mim isto constitue prova de que não se respondeu ao meu livro senão para que *constasse*, porque só para quem ignora absolutamente o que são jesuitas é que, n'este ponto, a defeza póde representar obra sincera e de valor. E tambem constitue prova de que a proverbial esperteza da Ordem precisa soffrer grande desconto. Vindo á deixa do meu livro, permitem-me com effeito entrar largamente na parte culminante d'este opusculo, que é fazer vulgarisação do que são jesuitas e sobretudo do que é a sua moral.

O que é a moral jesuitica, como ella foi condemnada pela Sorbonne, pelo Parlamento de Paris, pelo proprio papa Innocencio XI, como entre nós foi posta em toda a sua repellente nudez pela celebre junta que fez o *Compendio historico*¹, são coisas sabidas de quem possui mediana illustração. Mas o que é necessario que todos saibam é que ella se tem conservado intacta através dos tempos e ainda hoje tolera, desculpa, perdoa, facilita, auctorisa e aconselha até os crimes os mais nefandos, os actos mais monstruosos, as vilezas d'alma mais ignominiosas. Quem o poz em viva luz foi Paul Bert, com a publicação do seu livro *La morale des jésuites*², que é seguramente dos mais eminentes serviços que se teem prestado á causa da livre rasão do homem, — a causa mesma da humanidade.

E' esse livro que vae ser aqui largamente aproveitado. Lastima é que se não possa traduzir na integra e lançar em ampla propaganda. E não ha propaganda mais efficaz do que aquella que se limita a arrojar os factos para a praça publica precisamente taes como sahem da bocca do inimigo. Nas suas operações a descoberto, os jesuitas negam e renegam da moral que os guia, mas essa moral está lavrada em textos modernos e authenticos, que mereceram superiores approvações e servem ao ensino de seminarios.

Paul Bert, o notavel physiologista francez a quem a sciencia deve trabalhos de toda a seriedade e livros de vulgarisação scientifica do mais alto interesse de civilisação, foi alvo de injurias e ameaças partidas do campo jesuitico, quando em 1879, no parlamento francez, a proposito do celebre art. 7.º do projecto de lei sobre a liberdade do ensino superior, se lançou na defeza dos principios liberaes e se esforçou por salvar a França d'um recuo de seculos, a que ia impellir-a um dominio sempre crescente d'uma orthodoxia pratica, subjugando as consciencias e aviltando a rasão. Não foi dos que menos o feriram o bispo

¹ *Compendio historico do estado da universidade de Coimbra, no tempo da invasão dos denominados Jesuitas e dos estragos feitos nas sciencias, e nos professores, e directores que a regiam pelas maquinações e publicações dos novos estatutos por elles fabricados.* Lisboa, na regia Officina Typographica. Anno MDCCLXXII.

² *La morale des Jésuites*, por Paul Bert. 10^e mille. Paris 1883.

de Angers, Mgr. Freppel, que «publicamente o tratou de calumniador e de falsificador de textos». Foi em resposta a esta injúria que o livro appareceu. O deputado francez não quiz ir buscar os textos dos antigos jesuitas, mesmo dos do principio d'este seculo, que justificavam todas as suas asserções na tribuna parlamentar. Entendeu e bem que se poderia oppor-lhe a differença dos tempos, que logo de começo seria a condemnação do valor testemunhal do seu trabalho. Quiz um texto moderno e um texto auctorizado. Facilmente o encontrou. Eram os livros de Gury. Este padre da sociedade de Jesus morrera havia pouco, «depois de por muito tempo ter professado a moral no collegio Romano, no collegio dos jesuitas. Publicou duas obras consideraveis, cada uma d'ellas formando dois grossos volumes, . . . um *Compendium theologiae moralis*, e um *Casus conscientiae*. Estes livros teem tido muitas edições, a ultima das quaes de 1875¹; estão na mão de todos os Jesuitas, e de grande numero de padres, porque, segundo o testemunho de M. Guibert, arcebispo de Paris, felizmente transformaram, n'estes ultimos trinta annos, o espirito do clero francez. . . O *Compendium* é um livro theorico, dividido n'uma serie de Tratados (Tratado das acções humanas, da consciencia, das leis, etc.)². O *Casus Conscientiae* é um seguimento de *casos*, d'especies, de anedotas, constituindo outros tantos problemas de moral theologica; agrupam-se em tratados correspondendo aos do *compendium*.»

Foram as partes mais interessantes d'estes livros que Paul Bert se limitou a traduzir, sem lhes juntar sombra de commentarios, salvo algumas notas registrando textos d'outros jesuitas e vindo a proposito do texto principal. E é a parte mais caracterisada do livro de Paul Bert que eu vou aqui inserir, á falta de poder copial-o na integra. Diz-me a consciencia que é serviço que vou prestar, n'este periodo indeciso e torvo que passa e em que as gerações novas tão longe estão de terem herdado

¹ O exemplar do primeiro que tenho presente é de 1890. *Compendium theologiae moralis* P. Joannis Petri Gury, S. J. . . . accommodatum a R. P. Henrico Dumas, ejusdem societatis, . . . Ed. quinta. Lugduni—Parisiiis MCCCXC.

as qualidades da geração em via de se extinguir. E' n'essa idéa de tentar, quanto em meu esforço caiba, esclarecer o espirito publico d'esta terra que eu não hesito na largueza de transcripções que o meu proposito exige.

×

Na *Consciencia e livre arbitrio* escrevi eu (pag. 349):

Não é tambem a moral que inventou as restricções mentaes e que a coberto da celebra capa das «probabilidades» tolera, senão incita, a crimes e devassidões; não é a moral que fomenta o perjurio e na denuncia reconhece obra meritoria, que manda esmagar o coração dos paes na egoista ardencia dos filhos pelo serviço divino, que da auctoridade paternal faz trapo inutil e desprezível, que legitima a escravidão e a usura, a violação das promessas e as «compensações occultas».

Claro é que este trecho não é ponto de partida dos menores insultos e provocações. Mas o que importa ao leitor é a maneira como se deturpam aquellas idéas e principios que estão escriptos no grande livro de moral jesuitica e de todo se transformam n'uma coisa apresentavel, defensavel e até virtuosa. Nunca se viu aleivosia assim. E' comparar os documentos. Escreve o padre da *Evisceração*:

A doutrina do probabilismo é a seguinte: quando depois de maduro exame e reflexão é *solidamente provavel* (isto é, ha razões graves e poderosas para affirmar) que uma lei não existe ou não se estende a este ou áquelle caso particular, não se pode obrigar nenhum homem a guardar essa lei ou a abster-se d'esta ou d'aquella acção determinada. A razão d'isto é muito facil: toda a lei é uma restricção da liberdade humana. Ora, emquanto se não *prova* a existencia de tal restricção, a liberdade está de posse. Um exemplo: Morreu um homem, e pouco depois apresenta-se á porta da viuva um individuo dizendo que o marido d'ella lhe devia certa somma de dinheiro, e reclama o prompto pagamento. A viuva exige documento que justifique a divida; mas o creador diz que os não tem, que tudo se passara confidencialmente entre elle e o marido d'ella, e dá a sua palavra d'honra. A viuva, por outra parte, sabe que seu marido era

homem honrado e corrente em seus negocios; não conhece bem o seu interlocutor, nem vê como certificar-se da divida allegada... Decisão final e muito sensata: «cavalheiro, tenha a bondade de retirar-se, e enquanto me não apresentar documentos que provem a divida de meu marido, que Deus haja, não receberá de mim nem um real.» Esta boa viuva vestiu a «*capa das probabilidades*», e a coberto d'essa capa commetteu um *grande crime* perante a moral do Sr. Prof. !!!

Tal é a doutrina do probabilismo... (C. N., p. 1938).

E' de commover tanta ingenuidade. O leitor vae ajuizar pelos seguintes trechos, que traduzo de P. Bert, depois de confronto, n'este como nos outros casos doutrinaes, com o texto latino de Gury¹:

51. — A opinião, em geral, é o assentimento a uma ou outra de duas idéas, ou a adhesão a uma ou a outra de duas opiniões contrarias, sempre receiando que a outra seja a verdadeira.

A opinião *provavel* é a que se apoia n'um motivo grave, embora se receie a verdade da opinião contraria. A opinião *improvavel* é um juizo que se não apoia em nenhum motivo solido. (P. Bert., pag. 28, Gury, vol. 1^o).

80. — ... Entre muitas opiniões provaveis, é permittido seguir umas vezes uma d'ellas, outras vezes aquella que lhe é opposta?

Sim... (P. B., pag. 33, G., I).

CASO

Sobre a mudança de opinião

Luciano, herdeiro, reconhece como valido um testamento feito em seu favor, embora lhe faltem certas formalidades exigidas; para isso apoia-se na opinião provavel dos doutores. N'outro dia, mudando de opinião, requer e alcança em justiça que se annulle um testamento igualmente irregular, feito em favor de Caio, para que elle proprio, Luciano, mais proximo herdeiro, receba a herança.

P. 1.^a E' permittido mudar de opinião, e quando?

P. 2.^a Que se deve dizer do caso de Luciano?

R. á 1.^a P. E' permittido mudar de opinião se não ha nenhuma incompatibilidade entre essa mudança e a verdadeira probabilidade; isto é, comtante que, mudando-se de opinião, se siga outra opinião provavel e não haja nenhuma contradicção theorica ou pratica.

¹ Algumas, ligeiras, correccões de *forma* tive de fazer.

² O confronto com o livro de Gury é facil pela numeração dos trechos. Apenas é preciso indicar se se trata do 1.^o ou do 2.^o vol., visto que cada um d'elles tem a sua numeração.

Porque aquelle que segue uma ou outra de duas opiniões provaveis não cessa de considerar a outra como provavel e fica a respeito da outra na mesma incerteza que antes. Portanto, na occasião ou se n'isso tem vantagem, elle pôde seguir esta'outra opinião, embora anteriormente tenha seguido a opinião contraria. Excepto o caso em que a mudança de opinião supprimissem toda a probabilidade.

R. á 2.^a P. Luciano pôde, na pratica, mudar legitimamente de opinião sobre o valor do testamento illegal, attentas diversas circumstancias, visto que sempre seguiu uma opinião provavel. Porque, ficando com a sua herança, apesar da sua irregularidade, antes da decisão do juiz, obrou conforme ao seu direito, pois que obrou segundo uma opinião provavel; mas não deixou por isso de considerar a opinião contraria como provavel, e não renunciou ao direito que pertence a todo o cidadão de pedir a annullação do outro testamento se n'isso tem proveito. Portanto, usou do direito que tinha quando requereu em justiça essa annullação e em nada o devem inquietar. (P. B., pag. 43).

Aqui se começam a ver os tombos de consciencia que são a característica de toda a moral dos jesuitas. Vejamos o que diz o padre do C. N. da não menos celebre doutrina da *restricção mental*, — que diz ser calumnia de Pascal :

A *necessidade* e a *legitimidade* da restricção mental funda-se em dois principios: 1.^o em que a mentira é essencialmente immoral e sempre illicita; 2.^o que em certos casos é *licito* e até um dever occultar e dissimular de todo ou em parte, a verdade.

N'este caso o meio unico a empregar é servir-se de uma phrase ambigua, em um sentido *verdadeiro* e *fixado* interiormente pela pessoa que falla, e deixar que o interlocutor imprudente se equivoque sobre o sentido d'ella. E' assim que os medicos interrogados calam as doenças vergonhosas dos seus clientes, dizendo que tem esta ou aquella indisposição. Aqui occulta-se a parte principal da verdade.

Do mesmo modo o confessor, interrogado sobre os peccados do penitente, responde que não sabe nada (para revelar e manifestar). E' pois manifesto que a restricção mental é um meio licito e necessario para occultar a verdade, e que d'ella podem e devem usar quantos estão obrigados ao segredo profissional. O mesmo Evangelho (Jo. VII, 8; Marc. 13, 32) dá-nos exemplo d'isso. Mas o uso da restricção mental torna-se illicito quando ha *obrigação* de manifestar a verdade, e tambem quando não é *necessario*, nem *conveniente* occultar a total ou parcialmente. (C. N., 1938).

No que escrevi estive a mentir e a calumniar a moral catholica. Ora vamos a ver em que dá a nova e não menos commo-

vedora ingenuidade d'este esperto padre. Continúa Gury a de-
pôr :

Art. II. — Da restricção mental.

441. — E' um acto do espirito pelo qual, a proposito de qualquer assumpto, se restringem ou desviam palavras para um sentido, que não é o sentido natural que por si mesmo se apresenta: d'onde se segue que não são verdadeiras, a menos que se tomem no mesmo sentido que o espirito d'aquelle que fala. A restricção mental é: 1.º *pura e estricitamente mental*, se o sentido attribuido por aquelle que fala de nenhum modo pôde ser comprehendido, d'onde a designação de *propriamente* mental; 2.º *larga ou impropriamente* mental, se o sentido pôde ser comprehendido pelo que se ajunta.

Na restricção mental comprehendem se os *equivocos* ou *amphibologias*, palavras de dois sentidos, um dos quaes mais natural e o outro menos.

442. — I. Não é permittido nunca usar da restricção pura e propriamente mental.

443. — II. E' ás vezes permittido usar da restricção largamente, isto é, impropriamente mental, e de palavras equivocas, quando o sentido visado por aquelle que fala pôde ser comprehendido. E' que *em si* não é um mal, visto que o proximo não é *propriamente* enganado, mas é posto, por justo motivo, em situação de se enganar. De resto, o bem da sociedade exige que haja um meio de esconder licitamente um segredo; ora, não ha outro senão o equivoco ou restricção larga e impropriamente mental. E' permittido usar d'esta restricção larga, mesmo com juramento.

444. — Um accusado, interrogado *juridicamente* ou não *legitimamente* pelo juiz, pôde responder que nada fez, sub-entendendo: «so-bre quê possam interrogar-me», ou: «que eu seja obrigado a confessar.» (P. B., p. 146, G., I).

CASO

Restricção mental

I. Theofrido, tendo recebido uma herança e escondido as suas riquezas para não pagar aos credores, responde que não esconde nada. — D'outra vez, tendo restituído dinheiro que lhe fôra emprestado, interrogado pelo juiz, nega tel-o recebido. — D'outra vez ainda, interrogado por um guarda fiscal se levava mercadorias sujeitas a direitos, responde que não.

II. Anna, culpada de adulterio, ao interrogal-a o marido que andava desconfiado, responde primeiro que não *quebrou* os laços do casamento. — Em seguida, tendo recebido absolvição pelo seu peccado, responde: «Estou innocente de tal crime.» — Emfim, n'uma teroeira vez, perante as instancias do marido, nega absolutamente a falta: «Não a commetti,» diz ella, sub-entendendo: «o adulterio de modo que seja obrigado a revelal-o», isto é: «não commetti um adulterio que deva revelar-te.»

P. 1.º Deve-se condemnar Theofrido como mentroso?

P. 2.^a Deve-se condemnar Anna ?

R. á 1.^a P. Theofrido não peccou contra a verdade no primeiro caso, visto que na realidade nada escondeu no sentido d'aquelle que o interrogava, ou no sentido em que justamente o podiam interrogar. Por isso, respondendo que nada occultou, é como se tivesse dito que não commetteu nenhuma injustiça contra os seus crédores, visto que sómente n'este sentido é que o juiz e os crédores o podem interrogar.

E não peccou no segundo caso pela mesma razão, visto que não o interrogam senão a respeito da sua dívida, se recebeu dinheiro emprestado e não o restituiu.

Nem no terceiro caso, pelo menos segundo a opinião provavel e commum, que considera como puramente penas as leis que regulam o transporte dos objectos d'um para outro lugar. Por isso, dizer: «Não tenho nada», é como se se dissesse: «Não tenho nada que deva eu proprio declarar, a V. é que compete revistar em vez de interrogar». Mas devem-se incitar os ecclesiasticos a dizer a verdade, para evitar o escandalo da negação, se a coisa viesse a saber-se.

R. á 2.^a P. Nos tres casos, pôde-se desculpar a Anna de toda a mentira, porque:

No primeiro caso, podia dizer que não *quebrára* os laços do casamento, visto que ainda subsistiam.

No segundo caso, podia-se dizer innocente do adultério, visto que, depois de confessada e absolvida, já não tinha a consciencia carregada, tendo a certeza moral de lhe ter sido perdoado o seu peccado. Podia mesmo affirmal-o sob juramento, segundo S. Liguori.

No terceiro, podia negar o peccado, segundo a opinião provavel, entendendo: «de modo tal que fosse obrigada a revelal-o ao marido», do mesmo modo que um accusado pôde dizer ao juiz que não o interroga *legitimamente*: «Eu não pratiquei crime», entendendo: «de modo tal que seja obrigado a revelal-o». E' a opinião de S. Liguori e muitos outros. (P. B., p. 158).

Para que fique bem claro o valor da restricção mental, que a cada um permite ficar bem com Deus e com o diabo, vou ainda citar dois exemplos, que no livro de Gury veem a outro proposito, mas que muito bem cabem n'este lugar. São modelo da elasticidade de uma moral; são prova, entre dezenas de outras que virão, de que, na moral jesuitica, tudo é licito, tudo é permittido, e de que muito pouco intelligente será aquelle que, praticando toda a casta de crimes, não arranje as coisas de modo a ficar bem com a sua consciencia (!). Estas transcripções promettem eternisar-se: é porém n'ellas que está o melhor serviço a prestar n'esta era de reacção religiosa que a Europa inteira vem soffrendo, anda por meio seculo. Voltemos pois ao moralista da actual sociedade de Jesus.

CASO

Doação por causa de morte

Galdino, que não tem filhos, estando gravemente doente, dá cem francos a Monica, sua esposa, e trezentos sob palavra, que, depois d'elle morrer, ella deverá arrecadar. Fallecido que foi Galdino, a mulher apressa-se a obedecer-lhe ás ultimas vontades. Poncio, porém, que era o herdeiro de todos os bens, cita-a em justiça, para a fazer jurar que ella não arrecadára nada dos bens do finado.

P. Póde ella jurar que nada arrecadou?

R. Sim, porque não arrecadou senão o que lhe pertencia. Pela morte do marido, a propriedade do dinheiro dado passou á esposa; portanto o dinheiro pertencia-lhe; portanto ella não arrecadou senão o que lhe pertencia. Ninguem tem direito de a interrogar sobre a maneira por que ella dispõe do que é seu. Portanto póde jurar que não recebeu nada dos bens do fallecido, isto é, nada que lhe não pertença. Não digam que a doação por causa de morte é nulla perante o direito francez, porque só póde ser annullada por um julgamento, mas não provavelmente *ipso facto*, como abaixo diremos para os testamentos que não obedecem a alguma formalidade. Além de que, como foi dito acima, as doações feitas de mão a mão não se supõem annulladas. (P. B., p. 285).

CASO

Consentimento condicional

Patricio, mancebo pobre, pertencente a uma familia nobre, tem uma tia rica, que o fará seu unico herdeiro, se elle se casar á vontade d'ella. Viajando no estrangeiro, aproveitou-se d'uma occasião para deshonrar Martinha, promettendo-lle casamento, e d'ahi gravidez. Ameaçado pelo pae da rapariga, casa com ella, mas com a condição de que sua tia consinta, visto que não póde contrahir casamento contra vontade d'ella, sem perder uma rica herança. Ora, elle estava persuadido de que a tia nunca daria o seu consentimento. Mas o pae de Martinha, ajudado por um amigo, tanto faz que a tia consente. Patricio sabe-o, volta á patria, e ahí se une com outra rapariga.

P. Que se deve pensar d'este caso e ordenar a Patricio?

R. O primeiro casamento de Patricio não tem valor, na ausencia d'um verdadeiro consentimento; porque, não querendo na realidade casar-se com Martinha, Patricio não deu senão um consentimento ficticio. A razão d'isto está em que, dando um consentimento condicional, elle estava persuadido de que a condição não se realisaria. Portanto, na verdade, o consentimento é nullo, portanto o casamento contrahido tambem é nullo. Nova prova está em que, ao saber que a condição se realisára contra o que esperava, elle fugiu, não se considerando ligado por esse casamento

Quanto ao segundo, é valioso... viva pois Patricio em paz com a sua nova esposa. (P. B., p. 459).

Da *denúncia* diz o padre do *C. N.*, procurando apenas atenuar, com um exemplo que não é de denúncia, a infamia do acto :

Quanto á denúncia (*paternal* ou *judicial*), feita nas *devidas* condições e *unicamente* por amor do bem do proximo e da justiça, quem a auctoris e declara licita, e em certos casos até obrigatoria, é, além do Evangelho (Mat. 18, 15 18), todo o genero humano sem exceptuar a insignificantissima minoria materialista. Quereria ver se o sr. Bombarda julgaria digno de vituperio o cavalleiro que o advertisse amigavelmente que olhasse bem pela honra e bom nome da sua familia, se porventura deixasse entrar livremente em sua casa a fulano e sicrano quando é coisa sabida que esses cavalleiros andantes não são gente muito segura ? E' inutil insistir em coisas que por si mesmas são manifestas a todos. (*C. N.*, 1939).

Este seraphico padre tem a coragem de armar hypotheses, innocentes, é claro, como se fosse admissivel, fóra de hypotheses, que eu lhe pudesse abrir as portas de minha casa, a elle ou a cavalleiros de egual jaez. Estão ahi a ver o jesuitismo a espirrar por todas as costuras e como a consciencia do padre fica serena apoz a proeza :

Le ciel défend, de vrai, certains contentemens ;
Mais on trouve avec lui des accommodemens.
Selon divers besoins, il est une science
D'étendre les liens de notre conscience,
Et de rectifier le mal de l'action
Avec la pureté de notre intention.

(*Le Tartuffe*, act. IV).

Além d'isso, está-se a ver o cabimento do exemplo — a titulo de denúncia. Que santos varões!

Ora, as *devidas* condições e o resto que auctorisam a denúncia exprimem-se assim:

232. — *P.* Que ordem se deve guardar na correcção fraterna ?

R. — 1.º Reprehender em segredo ; 2.º diante de testemunhas, se a primeira admoestação não basta ; 3.º relatar a coisa ao superior... Algumas vezes póde se e deve-se mudar esta ordem.

233. — Nas comunidades religiosas, nos collegios, seminarios, etc., convém a maior parte das vezes que a correcção se faça por via de denúncia, quer directamente, quer por intermedio d'outra pessoa. Não se podem absolver os camaradas e condiscipulos que não consentem em fazer essa denúncia, quando se trate de grave damno para a comunidade. (*P. B.*, pag. 82, G., I).

E' sobretudo no antro dos confessionarios que essa obrigação da denuncia é proveitosa:

CASO

Distincção especifica dos peccados

Nicolino, n'um domingo, e mesmo em dia que tinha commungado, peccou com Bertha, sua creada, que tambem é sua prima em terceiro grau; na confissão disse apenas ter tido relações (*rem habuisse*) com uma mulher.

P. Peccou elle contra a integridade da confissão?

R. A confissão é má porque elle omittiu a circumstancia especifica do peccado commettido com a sua parenta. Não era porém obrigado a declarar que se tratava da creada; porque o peccado não se torna assim especie nova, salvo quando se trate d'uma adolescente confiada pelos paes ao cuidado do amo, no qual caso teria intervindo um *quasi-contracto*. (P. B., pag. 71).

Na citação seguinte omitto uma parte, não porque não seja de muito interessante casuistica, mas porque desejo apenas exemplificar :

CASO

Denuncia do cumplice

I. Bertoldo commetteu o horrivel crime de incesto com sua propria irmã, a qual é bem conhecida do padre da parochia, cujo sobrinho está para desposal-a muito breve. O tempo paschal aproxima-se e o desgraçado não pôde confessar-se senão ao seu pastor. Por muito tempo hesita se deve e pôde declarar o incesto commettido com sua propria irmã, deshonrando-a assim aos olhos do padre. Dispunha-se a omittir o peccado, quando á força de reflexão descobre um meio de sahir da difficuldade, e faz esta confissão: «Committi uma vez o incesto com uma parenta.»

II. Ogidio

P. 1.ª Devemos accusar-nos d'um peccado que não podemos declarar sem declarar o cumplice?

.

P. 4.ª Que se deve fazer nos dois casos?

R. á 1.ª P. Sim, é a opinião mais commum e mais provavel, por que não ha razão legitima que nos dispense de confessar um peccado. Porque o prejuizo que resulta da denuncia do cumplice é inherente á mesma confissão. D'outro modo, em muitos logares onde todos os fieis são conhecidos dos curas e dos vigarios, a confissão não estaria quasi em vigor, porque os paes, os filhos, os esposos, seriam dispensados a maior parte das vezes de declarar os seus peccados, o que é absurdo.

Todavia outros, bastante numerosos, o negam, segundo uma opinião provavel.

R. a 4.^a P. No 1.^o caso, Bertoldo é obrigado a dizer que commetteu o incesto com uma parenta no primeiro grau em linha collateral, ou mais brevemente com a irmã, o que resulta da resposta a 1.^a pergunta. Todavia, segundo S. Lig., satisfaria dizer se: «Pequei com uma parenta». Esta opinião não é a minha; mas, visto ser de tão grande doutor, não a posso condemnar (P. B., pag. 390).

CASO

Solicitações vergonhosas

I. O padre Brixio, por occasião d'uma confissão, solicitou de Rutilla certas coisas ligeiramente deshonestas. Mas Rutilla vae procurar outro confessor e denuncia-lhe a coisa. Este, tendo ouvido a confissão, obriga-a a denunciar o seductor e, recusando ella, manda-a embora sem absolvição até que venha a denuncia.

II. Signolena confia a Valfrida, sob o segredo natural, que foi excitada a acções inteiramente deshonestas pelo seu confessor Paulino, por occasião d'uma confissão. Valfrida, inquieta, conta o negocio ao seu confessor, este obriga-a a denunciar Paulino, apesar do segredo prometido, sob a ameaça de recusa de absolvição.

III. O padre Ripasio, solicitado por Bertha para lhe receber a confissão no dia seguinte, excita-a logo ao peccado. Ella, então, vae procurar outro confessor, que a obriga a denunciar Ripasio.

P. 1.^a *Deve-se denunciar um confessor que incita a actos ligeiramente deshonestos?*

P. 2.^a *Deve um penitente fazer essa denuncia; não só aquelle que foi excitado ao deboche, mas ainda aquelle que teve conhecimento do facto?*

P. 3.^a *Que fazer, se soube da excitação ao deboche sob o segredo natural?*

R. á 1.^a P. Não, pelo menos do modo o mais provavel. A razão está em que, para denunciar um seductor, é preciso que o acto de excitação seja um peccado grave, de modo que se pense que elle peccou gravemente n'esse caso. Porque Benedicto chama esse crime de excitação uma malicia sacrilega, porque denota com certeza um peccado grave. Além d'isso, uma acção contraria á castidade em si não se torna grave por ter tido logar na confissão, ou por occasião da confissão; porque d'outro modo todo o peccado venial em materia de veracidade, de humildade, de paciencia, etc., tornar-se-hia grave n'esse sacramento, o que ninguem affirma. E não se deve objectar que uma falta ligeira se tornaria grave por causa do respeito devido a esse sacramento; porque, d'outro modo, todo o peccado leve se tornaria grave na confissão, por falta de respeito a esse sacramento, o que é falso. Além d'isso, nenhum ultraje existe senão quando este sacramento é dado com uma acção má; portanto, se a acção não é senão ligeiramente má, o ultraje feito ao sacramento apenas será ligeiro. S. Liguori.

R. á 2.^a P. Sim. A razão está em que importa pouco que se trate da pessoa excitada ao deboche ou d'outra ao corrente do caso; por-

que o objecto mesmo da lei conserva-se adequado, a saber que o seductor seja punido. De resto, o caso é raro, visto que a maior parte das vezes a excitação é só conhecida do penitente excitado.

R. á 3.^a P. Aquelle que conheceu á excitação sob um segredo natural nem por isso é menos obrigado a denunciá-la. A razão está em que ninguem é obrigado ao segredo, mesmo prometido com juramento, quando esse segredo importa um prejuizo commum. Todavia deve-se exceptuar o caso em que a confidencia tivesse sido feita para pedir conselho, porque a divulgação do segredo seria contraria ás relações dos homens, e mesmo ao bem geral que intervem quando se pede conselho. (P. B., pag. 403).

De resto, o espirito onde se acarinha a denuncia dá-se todas as largas, quando se trata da *revelação* dos crimes: já não entoam a cantata da justiça ou do bem publico; mas falam em nome do interesse proprio do revelador:

447. — Não é nunca permittido attribuir a alguem um crime falso, como resulta da 44.^a proposição condemnada por Innocencio XI. Mas é permittido revelar o crime verdadeiro e occulto de alguem quando se tem uma justa causa.

Estas justas causas são: 1.^o *O interesse notavel do revelador*, por exemplo, para pedir auxilio ou conselho em materia grave, mas tomando sentido em que não haja desejo de diffamar; 2.^o *O interesse do delinquenté*, para sua instrucção, correccção, etc.; 3.^o *O interesse publico*, para impedir algum mal que ameace o estado, a religião ou alguma comunidade; 4.^o *O interesse grave, mesmo privado, d'aquelle que ouve ou d'algum outro.*

448. P. — Pecca-se gravemente revelando o unico peccado mortal d'outro?

R. Nem sempre é peccado mortal, mesmo quando se revele a muitos.

449. P. — Póde-se revelar um crime publicado áquelles que o ignoram?

R. Sim, sem peccado grave.

P. Póde-se revelar um crime publicado, n'um logar onde é ignorado?

R. Sim, mais provavelmente em si, e sem peccado grave, se se trata d'um logar visinho. (P. B., pag. 153, G., I).

De resto esta delicada e honesta doutrina estende-se, cheia de abnegação, até ao segredo confiado e mesmo ao segredo que se tenha jurado,— até finalmente á inviolabilidade das cartas: o caso é que haja, entre outras, uma razão de interesse proprio:

470. — P. Quaes são as causas justas de revelar um segredo?

R. 1.º O consentimento bem presumido d'aquelle que tem interesse em que se mantenha o segredo; 2.º A divulgação feita por outro lado; 3.º O damno que o segredo pôde causar á coisa publica ou a interesses privados.

P. Pôde-se revelar um segredo que se prometeu guardar mesmo com risco de vida?

R. Sim, se o bem commum o exige, visto que toda a promessa contraria ao bem commum é nulla...

471. — P. Pecca-se gravemente revelando um segredo a uma ou duas pessoas probas e fazendo-lhes prometter segredo?

R. Não, segundo a opinião provavel, em principio, porque em tal caso não se faz damno grave.

P. Ha peccado grave em abrir ou ler as cartas d'outrem?

R. Sim, em principio

Excepto nos seguintes casos: 1.º se ha consentimento tacito ou presumido d'aquelle que escreveu a carta ou d'aquelle a quem foi escripta; 2.º se se sabe ou se presume que a carta versa sobre coisas de pequena importancia; 3.º se ha uma razão legitima, por exemplo, para impedir um mal publico ou privado, contanto que se não leia mais do que aquillo que é necessario para esse fim; 4.º se se abre a carta por leviandade ou inadvertencia. (P. B., pag. 156, G., 1).

Caso

Obrigaçào de declarar os impedimentos do matrimonio

Cocles, a ponto de casar com Marinha, e já apregoados os banhos, declara ao seu amigo íntimo, Fabio, fazendo-lhe jurar que ha de guardar segredo, ter tido relações com a irmã de Marinha. Fabio, embaraçado, começa a ter duvidas se deve ser fiel á sua palavra ou á recommendaçào da Igreja, que manda revelar os impedimentos do matrimonio.

P. Fabio é desculpavel se não declarar o impedimento?

R. Não, porque o segredo, seja promettido, seja confiado, mesmo jurado, não obriga em si, quando d'elle pôde resultar grave damno quer para a comunidade, quer para terceira pessoa. Ora, a revelaçào do impedimento é util á Igreja e aos proprios contraheutes. Portanto, etc... (P. B., pag. 456).

Conhecem-se os ardís postos em pratica pelos jesuitas para arrebanharem fanaticos para a sua seita. As paginas escriptas por Manuel Borges Grainha no seu livro sobre os *Jesuitas em Portugal* são a coisa mais triste para aquelle que ancia pela redempçào da humanidade em nome dos direitos da razão. Tinha-as presentes ao espirito quando no meu livro me referi áquella moral «que manda» esmagar o coração dos paes na egoista ardencia dos filhos pelo serviço divino, que da aucto- ridade paternal faz trapo inutil e desprezivel.»...

O padre do *C. N.* não o nega; antes aproveita habilmente o ensejo de fazer propaganda. O artigo inteiro é interessantíssimo; mas só posso fazer um extracto :

Os paes são, pois, os instrumentos de Deus na procreação dos filhos, e estes pertencem mais a Deus que aos paes, porque o effeito pertence mais á causa principal que á causa instrumental.

Qual será a *medida* e a *esphera* da auctoridade paterno? Filha do céo, derivação da auctoridade divina, é evidente que ella nada póde contra Deus. Tal attentado, por parte dos paes, seria uma traição ignobil, uma ingratição monstruosa, uma profanação da propria dignidade. Posto n'esta dura alternativa de desobedecer ao Pae celeste ou ao pae terreno, o filho não tem que hesitar. O *dever* impõe-lhe uma resposta, respeitosa sim mas tão enérgica como concisa: — *não posso!*

... A auctoridade paterna é essencialmente religiosa, tendo por origem, exemplar e fim a Deus. E' um sacerdocio sagrado, que tem de offerecer seu sacrificio a Deus e para o sacrificio dá-se o melhor que se tem. Portanto se Deus intervem no decurso da educação, se põe seus olhos de predilecção em um filho generoso e ternamente amado, se sua voz é *clara* e *sufficientemente* conhecida, qual será o pae que ha de interpôr a sua auctoridade contra Deus e dizer-lhe: «este filho é *meu!*» E quem julgará e reconhecera a voz de Deus?

Quem senão aquelle que é o arbitro das consciencias e dos corações, o ministro visível de Deus na terra? Dissemos que a auctoridade paterna é essencialmente religiosa, e que o seu fim principal é desenvolver e aperfeiçoar a imagem de Deus no filho. Parece, pois, que os paes devem ser os juizes da vocação dos filhos. Não nos iludamos. A vocação religiosa é um problema de educação, mas de educação *sobrenatural*; ora, a educação sobrenatural da humanidade inteira está exclusivamente confiada por Deus á Igreja que a exerce por seus ministros, aos quaes pertence julgar de tudo quanto respeita exclusivamente ao bem sobrenatural dos homens. E' verdade que os paes são tambem ministros da Igreja na instrucção e educação religiosa de seus filhos, para isso são elles consagrados pelo sacramento do matrimonio que lhes santifica, abençoa e divinisa a união; mas o ministerio paterno é meramente externo e subordinado ao ministerio sacerdotal... (*C. N.*, 1941).

E' a boa doutrina que o padre defende:

369. — *P.* Os filhos podem abraçar o estado religioso apesar da vontade dos paes?

R. Sim, em principio. Ainda mais, o filho obrará com mais juizo se, sentindo vocação para o estado religioso, e julgando que os paes virão a oppor-se injustamente, lhes esconder a coisa e obedecer á vontade divina. Todavia não se deve aconselhar tal procedimento aos menores todas as vezes que o caso não urge ou não se tem a

certeza da sua vocação. Em França principalmente ¹, deve-se ter cuidado em não dar esse conselho aos menores, visto que os paes, com auxilio do braço secular, podem retirar-os de qualquer logar e levá-os para casa. (P. B., 116, G., I).

Caso

Vocação religiosa

Florencio, rapaz nobre e intelligente, exercia uma funcção lucrativa e ajuizadamente se preparava para casar. No entanto, cae gravemente doente, e, ameaçado de morte, surpreendido pelo receio do julgamento divino, promette fazer-se frade, se sobreviver. Curado, annuncia ao pae que vae cumprir a promessa. Mas o pae, que está arruinado, que vive na necessidade, e que tinha posto toda a esperança na cabeça do filho, diligencia commovel-o e dissuadillo: «Vê, lhe diz elle, estou velho, a minha fortuna está em mau estado. O teu irmão mais velho, pela sua falta de intelligencia, tão mal geriu os seus negocios que já não pôde chegar para as suas proprias necessidades nem para as da sua numerosa familia, e precisa do teu soccorro.» Mas Florencio, em nada commovido com taes razões, e só pensando na salvação de sua alma, entra na religião e, depois do noviciado, professa votos solemnes. Entretanto, o velho pae, exgotados os ultimos recursos, vê-se obrigado a ser escrevente em casa d'um advogado; e o irmão, para sustentar os seus, colloca-se, com vergonha da familia, como creado em casa d'um homem rico. Ao saber-o, Florencio, que servia a Deus com fervor e alegria, fica ancioso e hesita se deve abandonar a sua vocação para ir em soccorro do pae e do irmão.

P. 1.ª Um filho pôde entrar na religião, abandonando paes e irmãos na necessidade?

P. 2.ª E' permitido abandonar irmãos e irmãs na necessidade para entrar em religião?

P. 3.ª Que deve agora fazer Florencio?

R. a 1.ª P. Um filho não pôde, em principio (*per se*), entrar em religião, se deixa os paes n'uma necessidade quer extrema, quer grave. Já não succede o mesmo, se apenas estão em necessidade commum

Eu digo *per se*, porque, se a salvação do filho corre no mundo perigos muito grandes, já não é obrigado a ficar para soccorrer os paes

R. a 2.ª P. Não é permitido abandonar os irmãos e irmãs na necessidade extrema; mas é permitido na necessidade grave

R. a 3.ª P. Florencio não é obrigado a sahir de religião para soccorrer o irmão, porque este só está em necessidade grave. . . Em rigor, não é obrigado a sahir de religião para soccorrer o pae, porque não o deve fazer senão em caso de necessidade extrema. . . Pôde sahir, mas não é a isso estrictamente obrigado. (P. B., pag. 346).

¹ No texto de Gary está ainda: «e onde vigora a mesma disposição legal.» B.

Esta moral, que com os seus *distinguo* acabará por deixar pae e irmãos morrerem á fome, é sempre a mesma moral que permite o mal para um bem maior :

Passemos agora á existencia concreta do mal. Do que acima dissemos sobre a causa, sujeito e objecto do mal conclue-se que a realisação do mal consiste no *abuso* do bem; ora para se tolerar (não impedir quando se pode) um *abuso*, isto é, uma tentativa de estabelecer uma ordem particular contra a ordem universal, basta que essa ordem particular não destrua a ordem universal, que esse abuso seja ordenavel ao bem universal, que a sua total abolição arraste consigo males maiores.

Quando se dão estas circumstancias é sabio e prudente *permitter* o abuso; é mesmo conforme á ordem e ao bem universal. (C. N., 1032).

E' claro que o juiz, n'esta como em outras circumstancias em que não ha pesos que sirvam a fixar o valor das coisas, é sempre o mesmo, que não ha muito vimos erigido em julgador supremo da vocação dos filhos para a vida religiosa.



De resto, a moral jesuita não se deixa ficar pelos pontos que, com mil disfarces e deturpações, o padre do C. N. defende. O extenal do livro de P. Bert é verdadeiramente de arripiar e elle não fez mais que extractar a obra de Gury, o grande tratado de theologia moral que «*se encontra nas mãos de todos os que se entregam ao estudo da theologia e muito justamente constitue aos seus olhos um dos guias mais uteis e mais seguros,*» na phrase do arcebispo de Lyão, cardeal Caverot.

E' por isso mesmo que eu desejo contribuir para a vulgarisação de obra tão caracteristica e vou continuar as minhas transcripções, quanto possível desguarnecidas de commentarios:

Caridade christã:

225. — P. Podemos desejar um castigo publico para o nosso inimigo, e mesmo pedil-o?

R. Sim, em principio, comtanto que se tenha desviado todo o sentimento de vingança; mas a pratica é perigosa.

P. O offensor deve pedir perdão da offensa?

R. Sim, em principio, se não ha outro meio de reconciliação. Excepto o caso em que o offensor seja muito superior ao offendido ou se prudentemente se suppõe que este perdou a offensa. (P. B., pag. 81).

562. — P. Os ecclesiasticos que recebem pensão devem dar o seu superfluo aos pobres?

R. Não; porque o Santo Padre, por legitimo motivo, fornecendo essas pensões com o seu dinheiro, já emprega esse dinheiro n'uma applicação pia; portanto não se é obrigado a empregal-o n'outra applicação pia. (P. B., pag. 176, G., I).

Caso

Relações com os hereticos

Leocadia, religiosa, servindo n'um hospicio onde se recebem doentes catholicos e hereticos, é rogada por Quirino, protestante, gravemente doente, para ir chamar um ministro da sua seita, que lhe dará os soccorros da sua religião. Mas Leocadia não sabe se deve obedecer.

P. *Leocadia pôde mandar chamar um ministro protestante?*

R. Não; a razão é evidente, haveria communicação com hereticos n'um assumpto religioso, e cooperação propriamente dita. E' o que resulta da seguinte resposta da Santa Congregação da Inquisição, 15 de março de 1848:

«Be. to Padre,—D. N... expõe humildemente a Vossa Santidade que, na cidade de M... , existe um hospicio de que elle é director e capellão e onde os doentes são tratados por religiosas. N'esse hospicio tambem se recebem doentes extranhos á religião catholica, que pedem um ministro heretico para receberem os soccorros da sua religião; pergunta-se se é permittido ás religiosas irem chamar os ministros das falsas religiões? Tambem se pergunta se, quando um heretico é tratado na casa particular d'um catholico, é permittido a este chamar um ministro heretico?

«15 março 1848.—Na Congregação Geral da Santa Inquisição romana e universal, reunida em conselho em Santa Maria, em presença dos Emin. e Rever. S. R. E. cardeaes delegados especialmente pela Santa Séde apostolica, para combater a heresia em toda a republica christá, depois de ter ouvido a leitura da supplica acima mencionada, com o voto dos DD. consultados, os mesmos Emin. e Rever. Senhores disseram: «Segundo o que foi exposto, a coisa não é permittida», e juntaram: «Guardem uma attitude passiva.» — *Angelus Argenti*, S. Rom. et Univ. Inquisit. Secretarius. (P. B., pag. 86).

A caridade jesuitica condemnando duas creaturas para não

sacrificar uma d'ellas; como procederão os parteiros educados nas universidades catholicas?

403. — ... De moço algum se pôdem desculpar de homicídio os medicos que, para partejarem uma mãe que não pôde parir e está a ponto de morrer, e com ella o seu fructo, recorrem á cephalotripsia ou embryotomia, isto é, que, com auxilio do forceps, fracturam o craneo da creança no ventre materno e retiram em seguida o feto morto... (P. B., pag. 126, G., 1).

CASO

Sobre o aborto

Gaspar, medico, fazendo confissão geral da sua vida, declara: 1.º que a uma mulher grávida, que ia morrer, deu um remédio que a devia curar, prevendo que o feto havia de morrer; 2.º que a outra mulher, que estava em grande e certo perigo de morte, deu um remédio para matar o feto e expulsal-o, a fim de salvar a mãe.

P. Que se deve pensar de Gaspar?

R. No primeiro caso não é reprehensivel.

No segundo, peccou gravemente, commettendo um homicídio directo. Com effeito, embora querendo um bom fim, só o conseguiu por um meio illicito.

CASO

Aborto. Salvação d'uma mulher pela morte do filho

Pe'lagia, grávida de 4 a 5 mezes, está no maior perigo e parece a ponto de morrer. Além do medico ordinario, chamam se outros tres em conferencia. Apoz madura deliberação, eis o que decidem: Se a arte do medico pôde conseguir a expulsão do feto, este morre, mas pôde provavelmente ser baptisado antes de morrer e salva-se a mãe d'uma morte certa. Se não se procede assim, morrem mãe e filho e este ficará privado do beneficio do baptismo. Depois d'esta decisão, os medicos preparam-se para operar a expulsão. Os factos dão-lhes razão; a creança, expulsa e baptisada, morre logo — a mãe salva-se.

P. E' isto permittido? N'este caso podia-se provocar o aborto?

R. Não, absolutamente; porque o aborto é de sua natureza um verdadeiro homicídio. E' empregado e destinado *em si*, dizem os medicos, para a salvação da mãe e baptismo do filho. Portanto, embora o applicuem a um fim util, tentam e conseguem *directamente* o homicídio. (P. B., pag. 129).

O coroamento de toda esta obra de benignidade e de caridade christã está nas seguintes sentenças:

523. — Proposição II. O homem pôde ser proprietario em relação a outro homem.

539. — *P.* O homem pôde ter direito de propriedade sobre outro homem ?

R. . . 2.º Em principio, não é contraria ao direito natural a escravidão ou sujeição perpetua, na qual, em troca da alimentação, um homem dispõe de todo o seu trabalho em favor d'outro.

540. — *P.* De que titulos pôde provir a escravidão ?

R. A escravidão pôde vir : . . . 4.º Do nascimento n'esse estado, visto que, segundo o direito, aquelles que nascem escravos são escravos. Assim é segundo o direito das nações e segundo o direito commum. (*P. B*, pag. 172, 173, *G.*, I).



Não se limita a moral jesuitica a auctorisar actos que revoltam toda a consciencia honesta. Vae mais longe, porque o mesmo crime que está sob a acção da lei escripta é por ella auctorisado, e até ordenado. Os leitores desculpem a largueza das transcripções que vão seguir e que veem quasi a fazer d'este opusculo uma traducção do livro de Paul Bert, que ainda assim tem cerca de 700 pag. de texto compacto; aquelles porém que não o conhecem hão de agradecer-me a illustração que vão receber, tão inesperada como o foi para mim quando comecei a pensar n'estas questões.

Comecemos por dizer que a provocação ao crime, por uma causa justa, é permittida e que, por outro lado, todo o crime commettido por ecclesiastico deve ficar impune, visto que é sacrilegio chamar um clérigo aos tribunaes :

238. — *P.* E' permittido por um motivo justo fazer nascer uma occasião de peccado ?

R. Controversia. — A affirmação é mais provavel... (*P. B.*, 83, *G.*, I).

285. O sacrilegio pessoal é commettido: 1.º levantando mão violenta contra um clérigo ou um religioso ; 2.º violando luxuriosamente pessoas consagradas a Deus, mesmo pelo simples toque ; 3.º submettendo ecclesiasticos ao julgamento d'um tribunal. (*P. B.*, pag. 95, *G.*, I).

Os differentes crimes, mais ou menos graves, que a moral jesuitica auctorisa podem ser assim enumerados :

Abuso de confiança :

Caso

O guarda campestre

Barbaciano, guarda campestre, é cumpridor dos seus deveres. E' porém assim em todos os casos? Eis a questão. Muitas vezes recebe dinheiro para não denunciar as contrações ; os contraventores mesmo convidam-n'o para jantar, dão-lhe presentes e elle então passa a ser menos severo, em detrimento dos particulares que não são indemnizados e do fisco que, devendo receber uma multa, fica privado d'esse beneficio. Succede mesmo que, ao passo que impede os outros de commetterem delictos, elle proprio os tem commettido e na confissão não disse a circumstancia da sua profissão.

P. 1.^a Barbaciano está na obrigação de indemnizar o fisco das multas de que o tem frustrado, não denunciando os delictos ?

P. 2.^a Confessando-se dos seus proprios delictos, devia ter declarado a circumstancia da sua profissão ?

R. á 1.^a P. Segundo a opinião mais provavel, Barbaciano não é obrigado a uma restituição pelas multas que os delinquentes deviam ter pago se elle os tivesse denunciado, porque não está encarregado de enriquecer o thesouro publico.

R. á 2.^a P. Segundo a opinião provavel, elle fez uma confissão plenaria, mesmo omitindo a circumstancia acima dita, pois que roubando não commetteu um peccado duplo, mas um peccado simples, isto é o roubo ; visto que elle não está encarregado de se oppor aos seus proprios delictos, mas aos delictos dos outros. (P. B., pag. 344).

De resto, a theoria que ahi se envolve de que os direitos do estado não teem de ser respeitadas senão á força é a pratica constante da moral jesuitica :

738.— *P.* Deve-se forçar, sob pena de peccado e recusa de absolvição, ao pagamento dos impostos indirectos e á restituição pelas fraudes commettidas ?

R. A solução é difficil

744.— *P.* Pecca-se e deve-se restituir se se importam mercadorias prohibidas ?

R. 1.^o Quanto á restituição, não, absolutamente; porque não se lesa nenhum direito estricto, — nem o direito do soberano que não reservou para si essas mercadorias e não as tributou, nem o direito

de qualquer particular, porque ninguém tem o direito de as vender.

2.º Quanto ao peccado, ha controversia... (P. B., pag. 206, G., I).

Está claro que se trata de direitos do estado; quando os direitos são da Igreja, a doutrina é muito outra; nos seguintes trechos é a França que se visa:

750.— Os bens da Igreja foram roubados (*direpta*), uns pelo governo, outros por particulares.

751. Aquelles que usurparam os bens da Igreja por sua propria auctoridade peccaram gravemente e ainda hoje são obrigados a restituil-os; porque são ladrões e por modo nenhum se lhes perdoou. (P. B., pag. 207, G., I.)

CASO

Fraude em prejuizo do thesouro

Forbino vende a Gibert um campo de 30:000 francos, mas não querem pagar toda a contribuição que o estado impõe pela venda dos immoveis. Que fazer? O meio é conhecido e muito empregado. Combinam em declarar só 20:000 fr. na escriptura e vão ter com o tabellião. Este sorri ao ouvir a declaração, porque sabe o valor real... e lavra a escriptura.

P. 1.ª *E' peccar gravemente contra a justiça fingir, na venda d'um campo, um preço inferior para pagar menor contribuição?*

P. 2.ª *No nosso caso, o tabellião, que conhece a fraude e lavra a escriptura, deve restituir?*

P. 3.ª *Quid, se elle proprio o tivesse aconselhado às partes?*

R. á 1.ª P. Ha controversia... A opinião que parece mais provavel dispensa os contractantes de declararem o verdadeiro preço; porque a lei não parece querer outra coisa senão assegurar a validade d'um contracto publico e a entrega e pagamento do objecto vendido, e por outro lado dar garantias em caso de processo, por exemplo, se houvesse evicção.

R. á 2.ª P. Não, porque o tabellião não é obrigado por *dever seu* a fazer pagar a contribuição, como o são os empregados do governo, mas de lavar escripturas validas. Ora a declaração do preço não tem relação com a validez da escriptura. Além d'isso, não participa na fraude nem pecca contra a justiça, porque, segundo a opinião provavel, os proprios contractantes não peccam.

R. á 3.ª P. A difficuldade é maior. Uns sustentam que o tabellião, n'este caso, deve reparar o prejuizo feito ao thesouro, porque, se não é obrigado a impedir a fraude, pelo menos é obrigado a não tomar parte n'ella de modo positivo. Outros porém desculpam-n'o, porque, se os contractantes não peccam, o tabellião tambem não pecca, mesmo cooperando de modo *positivo*. Porque o tabellião, embora

official ministerial, não está encarregado do imposto e não está na obrigação de o fazer pagar. Portanto, devemos assimilar-o a um particular. (P. B., pag. 255).

Cumplicidade no furto:

693. — P. Se alguém recebe dinheiro d'um ladrão para se calar quando o dever não obriga a gritar, deve restituil-o?

R. Não, segundo a opinião mais provavel, pelo menos em principio, pois que cada um pôde calar-se sem injustiça se um ladrão lh'o pede, visto que a justiça não obriga a gritar. Do mesmo modo se lhe dão ou lhe promettem presentes para se calar. (P. B., pag. 200, G., I).

Caso

Solidariedade

Militão, vendo dois homens roubarem um fardo de mercadorias, junta-se a elles, ajuda-os a carregar o fardo e recebe a sua parte do roubo. De outra vez, sabendo que tres homens vão incendiar a granja de Damião, vai com elles e com elles lança o fogo.

P. Militão deve restituir solidariament, se os outros não restituem por sua parte, a respeito do fardo e do incendio?

R. Deve-se dispensar Militão d'uma restituição solidaria: 1.º não é obrigado a isso pelo fardo, porque então a sua cooperação não foi necessaria para causar todo o prejuizo, visto que os outros ladrões carregavam bem com o fardo sem elle; 2.º nem pelo incendio, pelo menos segundo a opinião provavel; porque, embora a sua acção tenha sido sufficiente para causar todo o prejuizo, todavia não influia senão em parte, pois que não pode ser chamada nem *necessaria* nem *commun*. (P. B., pag. 249).

O furto desculpado e auctorizado:

616.—O homem pôde, em necessidade extrema, servir-se dos bens dos outros, emquanto baste para se eximir a ella; porque não se de-roga ao direito natural quando se dividem os bens tomando a parte que nos é necessaria, n'uma necessidade extrema. N'este caso tudo se torna *commun*; e aquelle que toma o que pertence a outro n'uma necessidade, limita-se a apropriar-se do bem *commun*, como succedia antes da divisão dos bens. Portanto não commette roubo.....

617.—O que se diz da necessidade extrema pôde tambem dizer-se da necessidade muito grave.

618. — P. I óde-se furtar o bem alheio para vir em soccorro, não se de si proprio, mas ainda dos outros?

R. Sim, segundo a opinião *commun*, porque quem assim pratica substitue-se por assim dizer aos indigentes e mostra amar o proximo como a si mesmo. (P. B., pag. 184, G., I).

631.—P. Um ladrão que tirou forte somma de dinheiro é obrigado a restituil-o todo sob pena grave?

R. Não. Não deve restituir senão o que completa uma *materia*

grave, porque, depois da restituição, a *somma* retida já não é *grave*... (P. B., pag. 19, G., 1).

O furto chega mesmo a ser ordenado. Tratando-se de maus livros, eis a doutrina a seguir:

211.—P. Podem-se restituir esses livros ao seu dono?

R. Não, salvo se se receia *grave* inconveniente. Resulta dos princípios que demos. Ha *grave* inconveniente se se receiam serias rixas, blasphemias, odios, e coisas analogas da parte do dono. Uma leve contrariedade ou o receio de perder a sua amizade não é, a maior parte das vezes, razão sufficiente (P. B., pag. 84, G., 1).

Aqui se filia a celebre theoria das *compensações occultas*, que é tão commoda e tão honrada invenção dos jesuitas como a *restricção mental* ou o *probabilismo*:

Da compensação occulta

620.—Consiste em recuperar uma coisa que nos pertence, tirando uma coisa que nos não pertence.

621.—A compensação occulta póde ser justa e permittida se satisfaz ás condições requeridas

622.—Essas condições são: 1.º que a divida seja certa...; 2.º que não possa ser recuperada por outro modo...; 3.º que a coisa seja rehavida na mesma especie, se fôr possível...; 4.º que não se cause damno ao devedor, por exemplo, ficar elle exposto a pagar duas vezes...

623.—P. Os creados julgando que não são pagos sufficientemente podem recorrer á compensação occulta?

R. Não, em geral, porque essa proposição foi condemnada por Innocencio XI... Excepto, segundo muitos...—2.º Se o creado accetou preço desigual compellido pela necessidade, em circumstancias em que o amo não encontraria creados pelo mesmo preço; ou se este não o aeolheu por dó, pedindo o creado para entrar em sua casa; 3.º Se o creado está sobrecarregado de trabalhos que não deve fazer.

P. Um creado que faz mais que o que deve póde compensar-se?

R. Sim, se e por vontade expressa ou tacita do amo que trabalha com excesso; porque aquelle que trabalha deve ser pago na razão do seu trabalho, segundo o direito. O valor d'essa justa compensação póde ser deixada ao juizo do creado, se é timorato, prudente e desconfiado do amor de si proprio; o que, de resto, succede raras vezes.

624.—P. Póde-se recorrer á compensação occulta se se é condemnado n'um tribunal a pagar uma divida que não se contrahiu ou já se pagou?

R. Sim, porque a sentença é injusta, visto que se apoia na falsa presumpção d'um facto, e não obriga em consciencia...

625.—P. Pecca-se gravemente e contra a justiça compensando-nos antes de recorrermos ao juiz?

R. Não, contra a justiça, em principio, comtanto que se não tome senão o que é devido; e por consequência não se é obrigado a restituir. E' que, depois d'esta compensação, restabelece-se a egualdade. Disse em principio, porque para o devedor pôde vir prejuizo a respeito d'uma coisa determinada.

2.º Não ha peccado grave em geral; porque da compensação não resulta de ordinario nenhum escandalo nem grave desordem para o Estado.

3.º Não ha nenhum peccado, se é difficil de recorrer ao juiz, se ha perigo de escandalo ou custas extraordinarias, etc., porque então o recurso é moralmente impossivel. (P. B., pag. 186, G., 1).

Caso

Se se é obrigado por uma lei ou opinião fundada n'uma presumpção falsa

I. O pastor Tytiro, vigiando o seu rebanho, cae por inadvertencia em profundo somno. O rebanho tresmalha-se pelos campos visinhos e o guarda campestre apparece. Tytiro, citado em justiça, é condemnado a uma multa e a perdas e danos. O pastor, considerando iniquo o julgamento, não hesita em indemnisar-se em parte á custa de bens particulares, em parte á custa do thesouro publico.

II. Uma noite, um burro que lhe pertence é roubado por um ladrão, que o deixa fugir para uns campos visinhos, onde o animal faz alguns estragos. Tytiro é condemnado de novo; mas, indignado, recorre á mesma compensação.

III. D'outra vez, o nosso infeliz é condemnado a pagar uma divida que já saldára. Como não tem meios de o provar em juizo, apressa-se em acallar a sua dôr com uma nova compensação secreta.

P. 1.ª Deve-se obedecer a uma lei ou sentença fundada n'uma falsa presumpção?

P. 2.ª Tytiro devia acceitar a sentença ou pelo contrario podia procurar uma compensação nos tres casos?

R. á 1.ª P. — 1.º Não, se o julgamento, isto é a applicação da lei, não se funda senão na presumpção d'um facto particular, falta, fraude, damno, porque, se a verdade do facto não existe, por isso mesmo cae o principio da obrigação.

2.º Sim, se o julgamento é fundado na presumpção d'um perigo geral de falta, porque o interesse commum exige que todos estejam estritamente ligados por essa obrigação, por causa do perigo de arrastamento (hallucinatio) e porque o juiz não pôde occupar-se senão do facto exterior.

R. á 2.ª P. — 1.º Tytiro fez mal procurando uma compensação occulta no primeiro caso, porque foi condemnado justamente; porque o damno existe realmente e além d'isso o pastor commetteu uma falta, pelo menos juridica, que justifica a sentença. A lei, com effeito, procura tornar os homens mais prudentes e mais vigilantes para im-

pedir os danos com efficacia: portanto Tytiro é obrigado a restituir.

2.º No caso do burro, a presumpção do juiz é falsa, porque o pastor não commetteu nenhuma falta, mesmo jurídica. Não pôde ser punido por menos vigilância, visto que não pôde impedir a falta, que de nenhum modo lhe deve ser imputada. Se foi condemnado por presumpção de negligencia, falta que não commetteu nem pôde commetter, a sentença é falsa e materialmente injusta. Portanto, para Tytiro, é caso de força maior, de que deve ser absolvido. Portanto não deve ser taxado de injustiça e tem o direito de ussr de compensação.

3.º Se Tytiro já pagou, não podia ser condemnado a pagar de novo, porque o motivo da sentença é falso: portanto, a sentença apoia-se n'um principio inteiramente falso e é materialmente injusta. Portanto Tytiro não pôde ser accusado de injustiça se procurou uma compensação, visto que era o unico meio de rehavér o seu bem. (P. B., pag. 58).

CASO

Sobre a fortuna dos filhos

Leopoldo, filho d'um mercador, depois da morte do pae fica na casa paterna e entrega-se ao commercio com tanto ardor que em oito annos ganha oito mil escudos. Em seguida, morrendo a mãe sem testamento, reclama a maior parte da herança. Mas duas irmãs mais novas e alejadas, que por si nada tinham ganho, reclamam parte equal, visto que, perante a lei, os direitos dos filhos são eguaes sempre que os paes morrem sem testamento. Leopoldo, tendo reclamado em vão, guarda para si uma somma de dinheiro importante, que as irmãs não sabiam existir e que estava em seu poder.

P. Leopoldo podia reclamar a maior parte da herança e, recusando-l'ha as irmãs, tinha direito a compensar-se?

R. O direito natural quer que Leopoldo reclame a maior parte do dinheiro que ganhou, porque isso parece inteltramente conforme á equidade, visto que o enorme ganho que elle realison não provem só do dinheiro pertencente á familia, mas da habilidade particular e do trabalho extraordinario de Leopoldo, porque esse trabalho não vinha das irmãs. Além d'isso, a associação do irmão e das irmãs, por morte do pae, a respeito da herança paterna deixada em massa para continuar o commercio, parece dever ser assimilada a um contracto de associação commercial. Portanto é conforme á equidade que aquelle que, no contracto, traz maior somma de dinheiro ou de trabalho, tenha parte maior nos beneficios. Portanto Leopoldo, que trouxe, não só uma somma equal de dinheiro, mas toda a somma de trabalho, e de habilidade, deve receber parte maior do ganho indicado; porque, embora a lei civil não faça excepção para tal caso, todavia ella parece auctorisar pelo menos alguma compensação, no *pro rata* d'um trabalho extraordinario e não pago, avaliado por um perito honesto. Portanto Leopoldo podia reclamar uma compensação ás irmãs. Ora, se evidentemente elle tem direito a alguma com-

pensação, d'un modo rigoroso, pôde conseguil-a secretamente, se não tem outro meio de reivindicar o seu direito. (P. B., pag. 209).

Os *monopolios* auctorisados:

914.—P. Os mercadores peccam contra a justiça ou contra a caridade, quando no tempo da colheita ou da vindima compram a preço vil todo o trigo ou vinho da região para o revender mais caro?

R. — 1.º Não, segundo a opinião mais provavel, quanto á justiça, contanto que não excedam o preço maximo que se poderia alcançar fóra do monopolio, porque não violam nenhum direito.

2.º Não, segundo a opinião provavel quanto á caridade, contanto que não incitem os outros a vender mais caro, nem excedam o preço maximo; porque usam do seu direito e ninguem deve desprezar os seus proprios interesses para evitar uma perda aos outros, visto que a isso não é obrigado. (P. B., pag. 276, G., I).

O *proxenetismo* moralisado. . . á jesuita:

250.—P. E' permittido a um creado abrir a porta da casa a uma cortezá?

R. Controversia.— S. Liguori conclue pela affirmativa, se na casa houver qualquer outra pessoa que o possa igualmente fazer. . . .

Nas cidades. . . é permittido alugar a mulheres perdidas a casa de que se é dono, se não se acham outros inquilinos, ou se para ellas ha facilidade em encontrar outra casa. (P. B., pag. 84, G., I).

No que se segue está simplesmente a auctorisação do *homicidio* e quantos mais crimes. . . :

604.—P. Que se deve pensar se o acto externo vem d'uma má intenção, com incerteza do mal que d'ali ha de resultar?

R. Ha controversia entre os theologos os mais serios. Alguns exemplos tornarão a coisa mais clara: 1.º Alguem põe veneno ou uma armadilha n'um logar por onde muito raras vezes passa o seu inimigo, mas com intenção de o matar, se elle por acaso por lá passar; 2.º Um medico faz por um doente a quem odeia aquillo a que é estrictamente obrigado, mas nada mais. São elles a causa d'estas mortes injustas? Ha duas opiniões. A primeira, que parece a mais commum, responde não; porque por um lado o acto externo não é injusto, visto que em coisas humanas se não deve pensar n'uma pura possibilidade de fazer mal a outrem. Por outro lado, o acto interno não contém injustiça por via da intenção, pois que a intenção não influe sobre a efficacia da causa, isto é sobre o risco de damno. Assim trata-se d'uma causa puramente *accidental* e a intenção culposa não muda a sua natureza. A segunda opinião responde sim. (P. B., pag. 180, G., I).

Agora é a vez da *falsificação*:

13.—*P.* Um advogado pecca, e como, defendendo uma causa justa por meios injustos, substituindo, por exemplo, um escripto novo a outro antigo que se perdeu?

R. 1.º Pecca contra a fidelidade e contra a verdade mais ou menos gravemente, em proporção da injustiça do meio empregado.

2.º Em *principio*, não pecca contra a justiça, visto que se suppõe uma causa justa... (P. B., pag. 325, G., II).

28... *P.* Que pensar d'aquelles que fabricam ou alteram documentos, escriptos, para substituir actos perdidos ou para defender um direito certo?

R. 1.º Ha peccado venial de mentira, porque o escripto, qualquer que seja, é diferente d'aquelle que faz fé em justiça.

2.º A's vezes pôde-se peccar contra a caridade, mesmo em relação a si proprio, porque o auctor da substituição expõe-se ao perigo de soffrer penas muito severas, se fôr apanhado como falsario.

3.º Em nada se pecca contra a justiça commutativa e portanto não-se é obrigado a nenhuma restituição. (P. B., pag. 327, G., II).

CASO

Testamento destruido por accaso, reconstituido por astucia

Chrysantho, por sua morte, deixa a Adriano um testamento ologographo em seu favor. Depois da morte de Chrysantho, o feliz Adriano percorre jubiloso o testamento e põe-n'o em cima da meza para ir atihar o fogo; infelizmente a porta abre-se e um pé de vento atira com o papel para a chamma. Adriano procura salvá-o, mas de balde; o testamento estava todo queimado. Adriano, desesperado, lembra-se de empregar um meio extranho. Imita na perfeição a letra e a assignatura do fallecido e restabelece o testamento por completo.

P. Deve elle restituir aos herdeiros naturaes segundo a justiça?

R. Não, porque tendo sido instituido herdeiro legitimo, por um testamento valido, logo depois da morte do testador adquiriu um direito certo e estricto á herança, como é evidente. Ora esse direito, uma vez adquirido, não pôde perder-se pela destruição do testamento, mas sómente por uma cessão voluntaria ou uma legitima transferencia de propriedade. Portanto Adriano não perdeu o seu direito; pois o direito em si mesmo, ou o direito estricto, foi porventura queimado e reduzido a cinzas como o documento de papel que d'elle faz fé?

Ora, se Adriano tem direito estricto á herança, não procede injustamente empregando meios, embora illicitos, para recobrar o seu direito, e não faz injustiça aos outros parentes, se com a sua astucia os impede de herdar, visto que nenhum direito teem á herança. (P. B., pag. 294).

O falso testemunho approved:

29. — P. Uma testemunha é obrigada a revelar um crime inteiramente secreto, por exemplo, que elle só conheça?

R. 1.º Sim, segundo a lei vigente em França

2.º Não, segundo a opinião mais provavel, segundo o direito romano que exige duas testemunhas para que o accusado seja condemnado, mesmo se confessar, d'onde o axioma: *Testemunha unica, testemunha nulla.*

30. — . . . P. Uma testemunha que, interrogada legitimamente, esconde a verdade sem dizer mentira, é obrigada a restituir?

R Não, segundo a opinião provavel, porque então a testemunha conduz-se de modo puramente negativo e não é obrigada a depôr a verdade, a não ser por ordem do juiz; e portanto occultando-a não pecca senão apenas contra a obediencia devida ao juiz ou mesmo contra a religião, por causa do juramento que presta. (P. B., pag. 327, 328, G., II).

CASO

Testemunha perante a justiça

Barbant, tendo roubado objectos de prata de casa de Armando, no maior segredo, chamado ao tribunal por suspeito persiste em negar o roubo. Tambem chamam dois camaradas de Barbant, que viram o roubo com os seus proprios olhos e sabem onde está escondido o corpo de delicto. Um d'elles foge para o estrangeiro e não comparece; o outro apresenta-se no tribunal, mas affirma e jura que não sabe absolutamente nada. Barbant é pois absolvido e Armando acha-se para sempre na impossibilidade de recobrar o seu bem.

P. 1.ª Deve-se exigir a restituição da segunda testemunha, mentirosa e perjura, n'este caso?

P. 2.ª Uma testemunha é obrigada a descobrir a verdade se conhecer o negocio por uma occasião secreta ou um segredo natural?

P. 3.ª Uma testemunha é obrigada a revelar um crime inteiramente secreto?

R. á 1.ª P. A testemunha, que se calou ou sustentou falsamente que não sabia nada, commetteu um grave peccado contra a obediencia devida ao juiz e um grande perjurio; contudo, de modo provavel, não peccou contra a justiça, porque a sua attitude foi toda negativa e não foi causa do damno succedido a Armando. Porque uma testemunha não é obrigada a depôr a verdade senão por ordem do juiz e por isso, occultando-a, não pecca senão contra a justiça legal. Não é pois obrigada a restituir.

R. á 2.ª P. Não, se o interesse commum não a obriga a isso; porque uma testemunha não é obrigada por si mesma a obedecer ao juiz, quando o conhecimento da verdade provem d'um segredo natural ou d'uma confidencia; é que, deixando de parte a rasão especial do interesse commum, o juiz não pôde obrigar-nos a violar um

preceito da lei natural. N'este caso a testemunha pôde pois dizer que não sabe absolutamente nada.

R. à 3.^a P. Não; é a opinião mais provavel, tirada do direito commum, se a testemunha está inteiramente certa de que o crime só d'elle é conhecido, porque, para condemnar um culpado, são precisas duas testemunhas. D'ahi o axioma: *Testis unus, testis nullus*. (P. B., pag. 342).

Vejamos agora como a moral jesuitica prepara o terreno para facilitar os *attentados contra o pudor*. Comece-se por se compararem de perto estes dois principios:

390.— P. Uma virgem deve antes deixar-se matar que deshonrar?
R. Não, segundo a opinião provavel, comtanto que resista pela vontade e não haja o perigo do consentimento, porque essa permissão não é uma cooperação formal, mas apenas material, ao peccado d'outro e visto que ha um justo motivo de permissão, um perigo de morte. Mas não se deve aconselhar esta pratica, quando prudentemente se pôde receiar o perigo do consentimento...

391.— Uma virgem não é moralmente obrigada a padecer uma operação pelas mãos do medico, mesmo em perigo de morte, quando o pudor lhe representa a operação como muito grave e esta a horrora mais do que a morte... (P. B., pag. 122, G., I).

426.— 1.^o E' estupro forn... com uma virgem louca, ebria ou adormecida, porque é violada contra o seu consentimento e recebe assim grave injuria.

2.^o Segundo a opinião mais commum e mais provavel, não é estupro forn... com uma rapariga que n'isso consente formalmente, que em nada é constrangida, embora seja corrompida pela primeira vez; porque o estupro, por causa do ultraje formal feito á honra d'uma virgem, pôde ser considerado como peccado especial contra a castidade. Ora, n'este caso, uma virgem, que é senhora do seu corpo para d'elle usar livremente, cede espontaneamente o seu direito. Portanto... Segue-se d'aqui que:

3.^o A circumstancia da virgindade d'uma rapariga violada, se ella consentiu na coisa, segundo a opinião mais provavel, não tem de ser declarada *per se* na confissão, porque a coisa não é considerada como estupro, mas como simples forn... (P. B. pag. 140, G., I).

586.— P. Um padre pôde absolver o seu cumplice em perigo de morte, se outro não pôde ser chamado e não pôde vir sem occasionar deshonra e escandalo?

R. Sim, de modo licito e valido. Todavia, um padre cumplice deve prevenir taes perigos de deshonra e escandalo, se o pôde fazer, por exemplo, afastando-se com qualquer pretexto. D'outro modo não escapará ás penas estabelecidas, embora a abolição seja valida.

P. Um padre pôde absolver o seu cumplice em perigo de morte, recusando se elle a confessar-se a outro?

R. Sim, como na questão precedente... (P. B., pag. 373, G., II).

594. — *P.* Deve-se denunciar um padre que, ouvindo uma mulher de confissão, a solicita ao peccado ?

R. Sim, se a solicitação se réalisa no confessorio ou no logar da confissão. Não, se é fóra d'esse logar e com outro pretexto que não seja a confissão.

595. — *P.* Deve-se denunciar aquelle que, tendo conhecido na confissão a fraqueza d'uma mulher, a solicita em seguida para sua casa ?

R. Sim, se elle a solicitou na qualidade d'uma pessoa de quem conheceu na confissão o caracter e a fragilidade e se o faz sentir pela palavra ou outro modo.

P. Devem-se acreditar facilmente as mulheres que accusam um padre de as ter solicitado ao peccado ?

R. Não... Muitas vezes se tem visto mulherinhas que, por inveja, odio, ciume ou outro motivo perverso, calumniam atrozmente clerigos innocentes .. (*P. B.*, pag. 274, G., II).

Se estas doutrinas facilitam os attentados ao pudor, o que se segue não contrariará muito o *adulterio* :

734. — *P.* Se os adulteros ou os forn... opulentos mandarem os filhos para o hospicio, devem pagar as despesas lá feitas ?

R. Ha controversia. A primeira opinião, mais commum e mais provavel, afirma-o...

A segunda nega-o... (*P. B.*, pag. 205, G., II).

N'esta questão do adulterio, Gury não vac tão longe como outros moralistas do jesuitismo, que chegam a escrever coisas como esta que se encontra n'um manual de moral do padre Moullet, publicado em 1834 em Friburgo, e que tambem Liori pensa ser opinião muito provavel:

«Se alguem encontra prazer em entreter relações intimas com uma mulher casada, não porque ella seja casada mas por ser bella, e abstrahindo do facto do casamento, esse prazer não implica o crime de adulterio.» (*Huber, loc. cit.*, II, pag. 73, e *P. B.*, pag. 611).



Se nos actos sujeitos á sancção penal a moral jesuitica chega ás aberrações que temos visto, o que não será quando se trate

de faltas e culpas que só o são perante a consciencia e se subtrahem a toda a condemnação que não seja a dos espiritos honestos. E' assombroso que se chegue a taes extremos de desculpa e até applauso para actos que são verdadeiros crimes perante as consciencias rectas, que não vivem submettidas ao jugo da orthodoxia. E' o que se vae ver nas monstruosas doutrinas que passamos a copiar sem sombra de commentario e que, a meu pensar, ainda não receberam uma explicação totalmente satisfactoria, mesmo quando só se procure uma explicação practica:

Caso

Da intenção do agente

Blandina, muito avida de vã gloriola, vendo que as outras mulheres da sua condição se confessam e commungam muitas vezes, bem como assistem a muitas missas, frequenta os mesmos sacramentos e ouve muitas missas para não parecer menos devota que as outras. Sabendo isto, o seu confessor declara que as confissões e as communhões de Blandina são sacrilegas e que as missas ouvidas por pura gloriola de nada lhe servirão na vida eterna, porque o bem deriva d'um motivo puro, o mal d'uma imperfeição, qualquer que ella seja.

P. As confissões de Blandina são boas e que se deve pensar das outras acções suas?

R. O confessor parece severo de mais. Porque rasão hão de ser sacrilegas as confissões e as communhões de Blandina? O motivo d'uma vã gloriola não prevaleceu em Blandina; pelo menos póde-se suppor. Ora, admittido isto, não ha mais que um peccado venial em cada caso; mas d'um peccado venial commettido na recepção do sacramento da Penitencia ou da Eucharistia não resulta um sacrilegio, a menos que não houvesse tal hypocrisia que fosse esse o fim principal da pessoa. Actos produzidos por vã gloriola não carecem por isso de todo o merito, porque essa g'oriola não é o movel adequado e principal da pessoa. Não podemos apoiar-nos na rasão tirada do axioma: «Um bem provém d'um motivo puro», porque um motivo é puro: 1.º pelo seu objecto, 2.º pelo seu fim, pelo menos parcial, 3.º pelas circumstancias. Outra coisa seria se não houvesse essas condições de pureza. (P. B., pag. 20).

659 — ... 2.º... Uma causa sómente occasional de prejuizo não basta para obrigar á restitução, porque não é uma causa efficaz, mas sómente a occasião d'uma causa efficaz. Assim, se por occasião d'um roubo que commetteste, outro é accusado e condemnado, não és obrigado a reparar esse prejuizo. (P. B., pag. 193, G., 1).

669. — P. Deve-se reparar o damno feito a alguém por occasião d'uma acção injusta de tua parte, por exemplo, se roubaste e accusam áquelle do roubo?

R. 1.º Não, por certo, se não previste esse damno.

2.º Não, segundo a opinião mais provavel, mesmo se o previste; porque a tua acção feita com a simples previsão do damno não é, em principio, a causa d'elle, mas sómente a causa accidental do mal.

3.º Não, segundo a opinião provavel, mesmo se o fizeste com intenção de que accusem a outro, porque essa acção continúa a ser sempre a causa accidental, e não em principio, do prejuizo, visto que ella não teve, por sua natureza, influencia efficaz sobre este. (P. B., pag. 195, G., I).

Caso

O innocente condemnado

Audifax, na ausencia de Rodolpho, entra-lhe secretamente em casa, arromba-lhe o cofre forte, apossa-se de trezentos luizes e foge. Rodolpho, de volta, espanta-se ao ver o cofre aberto e desaparecido o dinheiro, e depois fica furioso, grita e lamenta-se. Ignora porém quem seja o ladrão. Emfim suspeita do seu creado Ticio. Preadem a este. Por um acaso infeliz graves presumpções pesam sobre elle. Ha testemunhas que dizem que, na ausencia do amo, elle ficou só no logar do roubo. Ticio, espantado, dá aos juizes respostas incoherentes e mesmo contradictorias. Accusado do roubo, é condemnado a trabalhos forçados perpetuos. Audifax, ao saber-o, atormentado pela consciencia do seu crime, vae procurar um padre, confessa-lhe tudo e pede-lhe conselho.

P. 1.ª Audifax deve entrezar-se? devia fazel-o antes do julgamento?

P. 2.ª Está obrigado a reparar o prejuizo feito ao creado?

P. 3.ª Que deve responder o confessor?

R. á 1.ª P. Que pensar d'Audifax? Eil-o arrastado pelo arrependimento aos pés do confessor, esperando a sentença, desfeito em lagrimas. Que fará o padre? Obrigará o seu penitente a reparar integralmente o mal? Ordenar-lhe-ha, não só que restitua o dinheiro roubado, mas que se entregue ao juiz? Nada d'isso. Basta que em segredo indemnisse a Rodolpho e faça penitencia do seu peccado. Eu digo pois que o nosso Audifax não é obrigado a entregar-se, mesmo antes da condemnação do creado, ainda que por esse meio pudesse impedir a sentença injusta que condemna Ticio. E' que Audifax não foi a *causa efficaz* da condemnação, mas *simplesmente a occasião*, ou a *causa occasional*, ou a *causa afastada*. Ora, ninguém é obrigado a reparar um mal, se não foi a causa verdadeira e efficaz d'esse mal; portanto... A desgraça do creado deve ser imputada ao erro das testemunhas e do juiz; mas Audifax não foi a causa efficaz d'essa desgraça; portanto não é obrigado a entregar-se para prevenir ou reparar esse mal. Excepto o caso em que Audifax tivesse previsto esse resultado desgraçado em taes circumstancias

que a accusação e a condemnação devessem provavelmente alcançar o creado, o que não succede ordinariamente.

R. á 2.^a P. Não, o que resulta do que foi dito. Não foi Audifax a causa das desgraças do creado, mas só o erro do juiz. Portanto não é obrigado a reparal-as. Todavia, a caridade o obrigaria a livrar um innocente d'uma pena grave, se o pudesse fazer facilmente sem se entregar.

R. á 3.^a P. Geralmente, em tão grande difficuldade, de pouco servirão os conselhos do confessor; mas é dever instigar Audifax a empenhar-se, por si ou por outros, com um personagem influente que, sem divulgar o caso, alcance do chefe do Estado o perdão do innocente. (P. B., pag. 220).

CASO

Da transacção

Bertulfo, tendo uma contestação com Paulo por causa d'um prado e não podendo decidir a questão, ia leval-a aos tribunaes, quando o adversario lhe propoz uma composição... Concluem por uma transacção, pela qual Bertulfo ficará com o prado, mas pagará 1000 fr. ao outro. Arranjado o negocio e entregue o dinheiro, Bertulfo encontra um documento que prova claramente que o prado foi vendido por seu avô ao pae de Paulo e que assim pertence a este; mas, sem dizer nada, destroe o documento e fica com o prado.

P. Bertulfo pôde conservar o prado em seu poder?

R. Sim, porque a transacção é um contracto aleatorio que favorece por igual os dois contractantes e lhes impõe os mesmos encargos, visto que se suppõe que a coisa é duvidosa dos dois lados; portanto cada um cede do seu direito provavel para evitar um dâmnno provavel tambem, isto é cada um cede a metade d'um direito duvidoso para garantir a outra metade. Portanto, uma vez e seriamente realisada a transacção, nada deve ser restituído por aquelle que mais tarde sabe que o objecto pertencia ao outro e nada pôde ser reclamado por este. Portanto Bertulfo pôde conservar o prado como pertencendo-lhe, em virtude do contracto pelo qual Paulo cedeu o seu direito para obter 1000 fr. (P. B., pag. 309).

CASO

Da prescripção

.....
 Hippolyto occupa de boa fé uma casa que pertence a dois irmãos, João e Jacob. Nove annos depois, João reclama a posse da casa com

um documento cheio de emendas e não obtem nada. Mas dez annos depois Jacob, por um feliz acaso, descobre um exemplar do documento authenticico, sem emendas, que prova a validez do documento. Reclama logo a casa. Mas Hippolyto oppõe a prescripção...

P. A prescripção de Hippolyto é valida?

R. Hippolyto tem rasão em oppor a prescripção, porque em principio a sua posse não foi interrompida, visto que, embora tivesse havido processo, o seu adversario perdeu. Juntem a isto que o titulo authenticico apresentado por Jacob foi descoberto muito tarde, porque passára o tempo fixado para a prescripção... (P. B., pag. 214).

—
Caso

O juiz

O juiz Pestus, avido de dinheiro, de bom grado recebe presentes dos clientes, persuadido de que lhe é permitido, attendendo a que está sempre disposto a fazer justiça a cada um. Um dia, Philon vem procural-o; pensando que a sua causa é má, traz-lhe um presente para lhe captar a benevolencia. Pestus, depois de ter examinado o processo com attenção, acha que a causa é boa, pronuncia uma sentença em favor de Philon e fica com o presente. D'outra vez, ignorando se deve dar ganho de causa a Ticio ou a Caio, cujas rasões são igualmente boas, pronuncia-se em favor de Ticio, de quem recebeu um presente.

P. 1.ª E' permitido, é justo que um juiz receba presentes das partes?

P. 2.ª Póde elle guardar os presentes que accitou em rasão d'uma causa, quer justa, quer injusta?

R. á 1.ª P. O juiz pecca decerto recebendo os presentes; é contrario a todos os direitos, visto que a justiça se deixa facilmente vencer pelos presentes. Todavia, de modo provavel, não pecca contra a justiça e não é obrigado á restituição, porque os presentes são livremente dados.

R. á 2.ª P. Elle não póde guardar os presentes recebidos para produzir uma sentença justa, porque a justiça, coisa inestimavel, não póde ser objecto d'um contracto. Mas póde provavelmente guardar os presentes accitos para dar uma sentença iniqua. (P. B., pag. 338).

—
Caso

Sobre a vontade

.....
Blasio, querendo prejudicar o seu inimigo Caio, toma a resolução de dar um tiro no burro d'este. Mas, ai l succede-lhe uma dupla desgraça. Não acerta no burro, que foge são e salvo, e mata infelizmente a vacca de Ticio, que dormia tranquillamente por detraz d'uma sebe e que elle não pudera ver

P. Blasio é obrigado a uma restituição pelo burro ou pela vacca?

R. Blasio não é obrigado a nenhuma restituição. Com certeza não pelo burro, que escapou são e salvo; nem pela vacca, visto que elle não previa esta desgraça nem podia suppor-a. Portanto, na sua consciencia e antes da sentença do juiz, não pôde ser obrigado a nenhuma reparação do prejuizo. *Quid*, se o burro e a vacca tivessem pertencido ao mesmo Caio? Eu respondo no maior rigor dos principios que, nem mesmo n'este caso, Blasio era obrigado a reparar o prejuizo, visto que seria involuntario. (P. B., pag. 12).

666. — P. Se se pensava por erro invencível que o prejuizo feito era muito menos grave do que na realidade é, deve-se restituir tudo, se depois se conhece o valor real; por exemplo, se se atirar ao mar uma pedra preciosa valendo 100 fr., pensando que só vale 10?

R. Segundo a opinião provavel, não se deve restituir senão o que se julgou destruir, porque aquillo que se ignora de modo invencível não pôde ser supposto damno que se tenha querião. (P. B., pag. 184, G., I).

672. — ... *Caso II. Quirino*, querendo roubar panno, entra de noite n'uma loja e accende uma vela fazendo todo o possível para evitar o perigo de incendio, mas um gato faz cahir a vela em cima d'uma porção de palha, o fogo pega na loja e o ladrão foge. — P. Que se deve pensar de Quirino? — R. Não deve restituir nada, porque em nada previa o perigo, nem mesmo pelo panno que quiz roubar, mesmo que o tivesse apprehendido, visto que o damno é involuntario; porque o facto de apprehender o panno não é causa do damno e o facto de levar a vela não é perigo proximo de incendio, quando se tomam precauções. (P. B., 195, G., I).

713 — Quanto ás coisas que se devem, em geral ha que restitui-las logo que se possa sem grave incommodo... (P. B., pag. 201, G., I).

715. — Desculpam por algum tempo (a restituição): 1.º a impotencia physica ou as impossibilidades de toda a especie que se tem n'uma necessidade extrema, ou mesmo muito grave, quer do devedor, quer dos seus (mulher e proximos consanguineos); 2.º a impotencia moral ou grave difficuldade em restituir quando se não pôde fazer sem grave inconveniente: por exemplo, sem perder uma situação justamente adquirida, porque então ha uma verdadeira impossibilidade de restituir; visto que, nas coisas Moraes, chama-se impossível o que é difficil e não se pôde fazer decentemente e dignamente. Assim, se um nobre não pode restituir sem se privar dos seus creados, cavallões e armas; ou um dos primeiros cidadãos sem se ver obrigado a um officio manual a que não está acostumado; ... podem adiar a restituição e pagar a pouco e pouco o que devem. (P. B., pag. 201, G., I).

CASO

Devedores em difficuldades

Adriano, não podendo pagar uma divida, obtem em justiça uma separação de bens da mulher para que a fortuna commum não seja presa dos credores.

P. Que pensar d'Adriano?

R. Não o devemos inquietar em princípio, porque a esposa tem o direito de pedir essa separação, contanto que o faça sem dolo, ou em nada tenha participado na injustiça do marido, por exemplo relativamente ás dividas contrahidas com injustiça ou prodigalidade. (P. B., pag. 251).

CASO

Restituição por homicidio

Jacob matou a Marco, que arruinava a familia com o luxo e hábitos de embriaguez. O confessor ordena-lhe que dê uma somma de dinheiro a título de indemnisação. Jacob responde que a morte de Marco, longe de ser uma desgraça, foi um beneficio para a familia. O confessor insiste e acaba por recusar a absolvição ao penitente recalcitrante.

P. *Jacob deve na realidade indemnisar a familia de Marco, a quem matou? O confessor deve-lhe ordenar essa compensação?*

R. Não, porque Jacob não fez nenhum damno á familia e mesmo obistou a que ainda mais se arruinasse. Portanto o confessor, por motivo de justiça, não podia ordenar-lhe a indemnisação, nem recusar-lhe a absolvição. Quando muito podia ordenar-lhe por penitencia que desse algum dinheiro á familia, se ella estava na indigencia, ou aos pobres, no caso contrario. (P. B., pag. 252).

450. — P. *Que causas dispensam d'esta reparação (a reparação de honra)?*

R. ... 3.º Se a reparação não póde ser feita sem perigo para a vida do diffamador, porque a vida é um bem preferivel á fama. Do mesmo modo se a honra do diffamado é de importancia menor que o detrimento que o diffamador viria a padecer; por exemplo, se a reparação devesse ser feita por um homem considerado, muito util ao bem da sociedade e da religião.

729. — P. *O violador deve casar com a rapariga a quem violou promettendo-lhe casamento?*

R. A primeira opinião afirma-o...

A segunda, adoptada por pequeno numero, nega-o...

A primeira é commum e deve ser seguida; todavia admite muitas excepções que S. Liguori discute. Assim, será o seductor dispensado, se do casamento se receiam pessimas consequencias, se d'elle resulta grande deshonra para a familia por causa da differença de condição, etc. Mas então ha obrigação de dotar a rapariga. (P. B., pag. 204, G., 1).

CASO

Erro no mal que se faz

.....
Curcio dá a Didymo, que li.e pede de beber, uma beberagem en-

venenada com o fim de o fazer morrer. Julio, que está presente, tira de brincadeira a taça das mãos de DiJymo, bebe-a e morre pouco depois...

P. Curcio deve indemnisar a infeliz familia de Julio?

R. Curcio não é obrigado a reparar o mal, se não podia obstar a que Julio bebesse sem atraiçoar o seu crime ou sem correr perigo de morte. A rasão está em que a morte de Julio não foi effeito da vontade de Curcio, visto que elle não podia prever o caso, e não era obrigado, correndo um perigo certo de vida, a obstar a uma morte que não previa. Foi pois apenas por accidente e contra a vontade de Curcio que a morte de Julio succedeu. Portanto Curcio não foi a causa efficaz a'essa morte, mas a simples occasião; porque Julio matou-se a si mesmo bebendo uma taça que não lhe era destinada. (P. B., pag. 236).

290.—*P.* E' simonia dar um bem temporal na idéa de conciliar a benevolencia d'um superior com o intuito d'alcançar um beneficio?

R. Não, se a intenção primeira é dar gratuitamente esse bem temporal...

P. Ha simonia se se exercem funções sacras principalmente pelo estipendio?

R. Não, pelo menos segundo a opinião provavel, porque não se recebe o ordenado como preço d'uma coisa sacra, mas como coisa devida a uma pessoa que se occupa do bem do proximo.

292.—*P.* Ha simonia quando um padre oferece a um secular uma missa por entrada de jogo, emquanto que o parceiro expõe uma entrada material?

R. — Não, em principio; porque d'esse modo não se põem em balança uma coisa espiritual com uma temporal; é como quando se diz uma missa por um certo preço; mas não se faz senão oferecer uma paga espiritual em vez d'uma paga temporal...

P. Ha simonia quando um padre faz pagar uma missa acima da taxa habitual ou fixada pelo bispo?

R. Não, no foro interno e perante Deus, a não ser que opere um pensamento simoniaco; porque, como ha direito de exigir uma remuneração, falta comparação entre o temporal e o espiritual. (P. B., pag. 17, G., 1).

324. — *P.* Pôde-se fazer voto bom com fim perverso ou condição má?

R. 1.º Não, se o fim mau está ligado ao voto, por exemplo, se fazes voto de dar esmola para teres sorte n'um roubo...

2.º Sim, se se fez o voto, levado por bom sentimento; é então bom, embora tendo uma causa ou condição má; por exemplo, fazer voto de dar uma esmola, se não se fôr apanhado a roubar. Porque, se roubar é um mal, não ser apanhado não o é, mas sim um dom de Deus; ora o voto não recae sobre o mal, mas sobre o bem, no que elle tem de bom por si mesmo... (P. B., pag. 107, G., 1).

O juro (*usura*), tomado no seu sentido largo, é o ganho retirado do empréstimo ou por occasião d'elle, com ou sem titulo legitimo. No sentido estricto e tomado em má parte, é um ganho injusto proveniente immediatamente do empréstimo, isto é da sua força intrinseca e sem outro titulo justo.

853.— Todo o juro propriamente dito, pondo de parte qualquer titulo extrinseco, é prohibido pelo direito natural, divino e ecclesiastico. «Tal tem sido e é a doutrina perpetua da Egreja catholica confirmada pelo assentimento unanime de todos os concilios, padres e theologos.» (Benedicto XIV).

O juro pôde ser desculpado de toda a injustiça se ha um titulo justo, por exemplo, por causa d'um prejuizo, visto que o lucro não vem do empréstimo, mas do titulo extrinseco, pois que te é permitido receber tanto quanto deste. Ora se, emprestando 100 fr., perdes 10, emprestaste realmente 110 fr. Portanto debes receber então 110.

858.— (A privação d'um ganho) E' a perda d'aquillo que quem empresta teria lucrado se tivesse guardado a coisa ou o dinheiro e o tivesse empregado n'outro contracto licito.

P. Pôdes exigir alguma coisa pela privação d'um lucro por causa d'um empréstimo, quando não tivesses empregado o dinheiro em nada?

R. 1.^o Sim, se o tivesses reservado para as necessidades da familia ou para não comprometteres a tua situação, porque não debes desprezar as tuas coisas por causa d'um empréstimo.

2.^o Sim, segundo a opinião provável, em todos os outros casos; porque o empréstimo é a verdadeira causa da privação do lucro.

872.— P. E' permitido exceder a taxa legal, por causa da perda experimentada ou da privação d'um lucro?

R. Se o dinheiro é dado para *utilidade* e não por *necessidade* d'aquelle que pede, ha controversia e duas opiniões. A primeira affirma-o, a titulo de indemnisação ou de justa compensação; assim pensam Kenrich e Pagés de Lyão, embora tão reconhecidamente severo em materia de juro... (P. B., pag. 26!... G., I).

CASO

Dos legados

Mercoro tinha promettido deixar em testamento cem luizes a Publio. Mas, cahindo doente de repente e já em artigo de morte, chama o seu filho André e diz-lhe: «Quero que dês cem luizes a Publio.» Ditas estas palavras, morre sem deixar testamento.

P. André deve dar o dinheiro a Publio?

R. Provavelmente, não é obrigado, pelo menos em principio, a satisfazer a vontade do pae, porque o modo porque elle dispoz da sua fortuna não é conforme à lei, visto que provavelmente uma deixa não tem valor senão quando instituida por testamento valido; excepto o caso em que o filho tivesse promettido ao pae de lhe fazer a

vontade, porque então haveria um contracto tacito, pelo qual o filho se comprometteria a satisfazer o legado. Porque o pae, fiando-se na promessa do filho, se abstem de transmittir o legado por outro meio mais seguro. Eu disse *provavelmente*, porque ha viva controversia antes do julgamento; ha duas opiniões provaveis. Uns obrigam, pelo direito natural, a satisfazer a vontade do moribundo e os outros oppõem-se em nome das disposições da lei. (P. B., pag. 295).

315.— Não se está ligado por um juramento pelo qual se prometeu casamento a uma rapariga rica, sadia, virgem e de boa fama, se ella cahiu na pobreza, na doença, na infamia, na forn..., porque uma simples promessa não obriga em tal caso. (P. B., pag. 105, G., I).

CASO

Promessa

I. Marcel promette 300 luizes de dote a Apollonia se ella se casar com Alberto. Durante algum tempo, a rapariga não sabe o que ha de fazer; mas o pae accelta de bom grado por ella. Mas Marcel, mudando d'idéa, promette dar esse dinheiro, em parte a um hospicio, em parte a um dos seus primos de cinco annos. Mas outra vez muda d'idéa e guarda o dinheiro para si.

II. Victorino, padre, promette a diferentes amigos, além d'uma menção especial nas suas orações de todos os dias, que ha de celebrar uma missa por elles; muitas vezes porém deixa de cumprir a promessa.

P. Como peccaram Marcel e Victorino?

R. Marcel não peccou recusando o dinheiro promettido a Apollonia, porque, como se tratava d'um contracto oneroso, o pae não podia accellar em nome d'ella. E não peccou, mudando d'idéa pela segunda vez, porque não havia accellação d'essas diferentes promessas.

Victorino não commetteu em summa senão um peccado venial, se tinha promettido estrictamente; mas a maior parte das vezes promessas taes não são senão uma intenção que se manifesta e não promessas estrictas. Ajuntar que quasi sempre falta a accellação devida. (P. B., pag. 285).

CASO

Doação condicional

Quidonio, commerciante, promettera 3000 francos a sua sobrinha Bibiana, que se casava; mas muitos annos depois tendo soffrido reveses e não lhe dando satisfação o marido de Bibiana, pensa estar desembaraçado da promessa que fizera.

P. Quidonio está livre da promessa?

R. Se se trata d'uma simples promessa, Quidonio, pelas duas razões allegadas, está dispensado de qualquer obrigação, porque, se